

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Crislaine Eduarda Pergher

**O DISCURSO DA REVISTA *NOVA ESCOLA* EM  
CONTEXTOS EDUCATIVOS:  
PRESCRIÇÕES ACERCA DAS TECNOLOGIAS  
DIGITAIS**

Passo Fundo

2020

Crislaine Eduarda Pergher

**O DISCURSO DA REVISTA *NOVA ESCOLA* EM  
CONTEXTOS EDUCATIVOS:  
PRESCRIÇÕES ACERCA DAS TECNOLOGIAS  
DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de doutor/mestre em Educação, sob a orientação do(a) Prof.(a) Dr.<sup>a</sup> Flávia Eloisa Caimi.

Passo Fundo

2020

À Adriane, amada mãe, que é zelo, proteção e força, a quem quero orgulhar.  
E a todos os professores que acreditam e dão sentido à Educação!

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Adriane Tristacci Pergher e Nerei Pergher, que proporcionaram tudo o que eu precisava, acreditaram em mim e abdicaram de seus desejos pelos meus sonhos, que ensinaram e me educaram com o seu exemplo, seguiram preocupados e mesmo assim sempre foram os maiores apoiadores que eu poderia ter nos meus objetivos pessoais e profissionais. Todo meu amor e gratidão a vocês.

A minha querida Avó e madrinha, Helena Tristacci, que me protege, sempre me incentiva, compreende e oferece amor incondicional à minha vida. Obrigada por existir.

Ao meu companheiro Altarã Juriati que forneceu todo o apoio possível na reta final do curso, passou noites em claro comigo e ajudou para esse sonho ser possível.

À querida orientadora, Professora Dra. Flávia Eloisa Caimi, por acreditar em mim, pela confiança, paciência e persistência ao meu propósito, pelos ensinamentos que compartilhou comigo, pelo apoio e incentivo em todos os momentos, pela luz e acolhimento nos momentos de frustração e desespero, pelos puxões e “broncas” pontuais e fundamentais neste processo de formação. Você é uma professora maravilhosa, exemplo de profissional e de pessoa, sem dúvida se tornou minha inspiração a ser seguida. Obrigada pela dedicação ao seu trabalho, você tornou meu sonho possível e ainda me fez querer ir adiante. Meu eterno carinho e agradecimento.

Aos professores da banca, Rosimar Serena Siqueira Esquinsani e Ricardo Cocco, pelo valioso excedente de visão e pela contribuição cuidadosa para a qualificação deste trabalho.

À Universidade de Passo Fundo, por ser casa aos meus estudos, por proporcionar um sonho e ser ponto de referência aos meus objetivos. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e da Faculdade de Educação, pelos ensinamentos recebidos e pelo apoio na minha construção do ser docente.

A Deus, ser superior que tenho em minha concepção de fé, que me dá sustento, suporte, guia nos momentos de luz, de escuridão, e atende às minhas preces.

Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja “bom”. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista.

Pierre Lévy (2010, p. 12)

## RESUMO

Nesta dissertação apresenta-se uma análise textual discursiva sobre as reportagens que a Revista *Nova Escola* veicula acerca da presença das tecnologias digitais na educação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, que compreende seis anos de publicação da Revista, de 2013 a 2018, destacando-se 23 exemplares estudados, em um total de 30 reportagens selecionadas para compor o *corpus* da análise. O período definido para esta pesquisa justifica-se por expressar mudanças nas tecnologias de informação e comunicação, com forte incidência dos processos digitais na vida dos jovens que hoje frequentam as escolas. A escolha da Revista *Nova Escola* como campo de investigação deve-se ao fato de ser ela um objeto de expressiva circulação nas escolas brasileiras de educação básica e de ampla utilização pelos professores em suas dinâmicas pedagógicas. O objetivo geral da dissertação consiste em compreender o discurso pedagógico veiculado na Revista *Nova Escola* sobre a presença e o uso de tecnologias digitais nos contextos escolares. No âmbito dos objetivos específicos, pretende-se: a) compreender o contexto histórico da Revista *Nova Escola*, sua estruturação e organização, bem como analisar suas condições de produção em contextos mercadológicos; b) contextualizar a presença das mídias na educação e identificar como os avanços tecnológicos impactam sobre as escolas e os indivíduos que nela circulam; c) compreender o método da análise textual discursiva e operar com seus procedimentos em relação à Revista *Nova Escola*. Os resultados indicam que a Revista *Nova Escola* expressa um discurso pedagógico prescritivo quanto ao uso de tecnologias digitais nas escolas na medida em que apresenta conduta bastante tímida no que diz respeito a discutir criticamente a prática pedagógica, a aprofundar a reflexão sobre a diversidade social e cultural presente nas escolas e a, oferecer uma análise mais consistente sobre as aprendizagens. Constatou-se também o caráter restrito do seu esforço em problematizar a significativa desigualdade de acesso a recursos tecnológicos nos diversos contextos educacionais. Conclui-se que a Fundação Lemann, patrocinadora da *Nova Escola*, opera um lugar de poder ao disseminar uma dada cultura pedagógica e uma determinada concepção de educação mercadológica e baseada na racionalidade técnico-instrumental.

**Palavras-chave:** Educação. Tecnologias Digitais. Análise Textual Discursiva. Revista *Nova Escola*.

## ABSTRACT

This dissertation presents a discursive textual analysis of the reports that the *Nova Escola* Magazine publishes about the presence of digital technologies in education. This is a bibliographic and documentary research, comprising six years of publication of the Magazine, from 2013 to 2018, with 23 samples studied, out of a total of 30 reports selected to compose the corpus of analysis. The period defined for this research is justified by expressing changes in information and communication technologies, with a strong incidence of digital processes in the lives of young people who now attend schools. The choice of *Nova Escola* Magazine as a research field is due to the fact that it is an object of significant circulation in Brazilian schools of basic education and widely used by teachers in their pedagogical dynamics. The general objective of the dissertation is to understand the pedagogical discourse published in the *Nova Escola* Magazine about the presence and use of digital technologies in school contexts. Within the scope of specific objectives, it is intended: a) to understand the historical context of *Nova Escola* Magazine, its structuring and organization, as well as to analyze its production conditions in market contexts; b) contextualize the presence of the media in education and identify how technological advances impact on schools and individuals who circulate in it; c) understand the method of discursive textual analysis and operate with its procedures in relation to *Nova Escola* Magazine. The results indicate that *Nova Escola* Magazine expresses a prescriptive pedagogical discourse regarding the use of digital technologies in schools in that it presents a very timid conduct with regard to critically discussing pedagogical practice, to deepen reflection on social and cultural diversity, present in schools and to offer a more consistent analysis of learning. It was also noted the limited character of its effort to problematize the significant inequality of access to technological resources in the different educational contexts. It is concluded that the Lemann Foundation, sponsor of the *Nova Escola*, operates a place of power by disseminating a given pedagogical culture and a certain conception of market education and based on technical-instrumental rationality.

**Keywords:** Education. Digital Technologies. Discursive Textual Analysis. *Nova Escola* Magazine.

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ATD	Análise Textual Discursiva
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FVC	Fundação Victor Civita
LD	Livro Didático
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
RNE	Revista <i>Nova Escola</i>
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O Pato Donald .....	25
Figura 2 - Logotipo da Editora Abril .....	26
Figura 3 - Marca da Fundação Victor Civita .....	26
Figura 4 - Logotipo atual da Fundação Victor Civita .....	26
Figura 5 - Capas da Revista <i>Nova Escola</i> .....	29
Figura 6 - Contracapa da Revista <i>Nova Escola</i> .....	30
Figura 7 - Logotipo da Fundação Lemann .....	33
Figura 8 – Ciclo da Análise Textual Discursiva .....	64

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produção Científica CAPES e BDTD (2010-2017) .....	54
Quadro 2 - Produção Científica sobre tecnologias na Revista <i>Nova Escola</i> - CAPES e BDTD (2008-2017) .....	54
Quadro 3 - Síntese das Dissertações e Teses selecionadas (2008-2017) .....	55
Quadro 4 - Relação da Revistas que contêm as reportagens de análise .....	66

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1 Composição do problema de pesquisa: o caminho percorrido .....	12
1.2 Percorso metodológico da pesquisa .....	18
<b>2 A REVISTA NOVA ESCOLA.....</b>	<b>22</b>
2.1 Contexto histórico da Revista <i>Nova Escola</i> .....	22
2.2 Estrutura das seções apresentadas na Revista <i>Nova Escola</i> .....	28
2.3 <i>Nova Escola</i> e Fundação Lemann .....	33
<b>3 TECNOLOGIAS DIGITAIS E EDUCAÇÃO .....</b>	<b>37</b>
3.1 Internet, Redes sociais, Cibercultura .....	38
3.2 O uso das mídias e tecnologias em contextos escolares.....	42
3.3 As apropriações que os jovens fazem da Internet .....	46
<b>4 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA.....</b>	<b>51</b>
4.1 Revisão de literatura e suas contribuições .....	51
4.2 Diálogo com as pesquisas anteriores e autores estabelecendo relações com a investigação .....	60
4.3 Introdução ao método .....	62
4.4 A Revista <i>Nova Escola</i> na pesquisa .....	66
<b>5 PRODUTO FINAL DA ATD: UM NOVO OLHAR AO CORPUS DE ANÁLISE .....</b>	<b>69</b>
5.1 Ferramentas de uso .....	69
5.2 Papel atribuído aos professores .....	73

5.3 Potencialidades das tecnologias .....	76
5.4 Dificuldades, obstáculos e críticas .....	80
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>84</b>
<b>REFÊRENCIAS .....</b>	<b>88</b>
<b><i>CORPUS DE ANÁLISE</i> .....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICE A: Tabela dos seis anos de publicações (2013 a 2018) da Revista <i>Nova Escola</i></b> <b>.....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE B: Relação das Capas da Revista <i>Nova Escola</i> .....</b>	<b>100</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Dizem que as coisas mudam com o tempo, mas é você que, na verdade, tem de mudá-las.

Andy Warhol

Escrever e descrever meus pensamentos e ideias talvez seja uma das tarefas mais difíceis com que já me defrontei. O exercício que é necessário fazer para a realização de uma dissertação mostra-se, sem dúvida, contínuo e árduo. Refletir sobre o que nos leva a tomar determinadas decisões ou escolher certos caminhos mexem com a nossa história e com quem somos, faz vir à tona sentimentos de alegria, tristeza e frustrações. Mas são nossas escolhas que nos caracterizam e nos fazem avançar no crescimento da aprendizagem e desenvolvimento pessoal, pois, como afirma Charlot (2006, p. 10), “quem deseja fazer pesquisa em educação deve sair da esfera da opinião e entrar no campo do conhecimento”.

A persistência e a motivação para realizar este trabalho vêm do meu próprio ser, em alcançar os objetivos que procuro para minha vida, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Ao estar inserida nessa imensidão que é trabalhar com educação, sinto-me no dever de procurar sempre mais, de tentar fazer a diferença por onde estiver e de seguir aprendendo e me qualificando até que minha mente e meu corpo conseguirem.

Marli André (2001, p. 52), ao falar em rigor e qualidade na educação enfatiza que “é ou deve ser uma tarefa coletiva e de longo prazo, que precisa envolver todos aqueles que, de alguma forma, se preocupam com o desenvolvimento e com os resultados das pesquisas na área da educação”.

Neste capítulo introdutório busco expor meus pensamentos e justificar as escolhas ao me tornar pesquisadora. Descrevo ainda, os objetivos propostos, o problema, a metodologia e as produções do estado do conhecimento, contextualizando os autores estudados e referenciados, destacando a pesquisa feita através dos estudos já realizados nesta área, que será abordada no curso da pesquisa que resultará na dissertação.

### 1.1 Composições do problema de pesquisa: o caminho percorrido

Ao finalizar a graduação em Pedagogia vislumbrava várias especializações que queria cursar, mas o sonho de ingressar no mestrado e continuar vinculada ao meio acadêmico sempre

foi o objetivo maior. O propósito inicial que me coloquei, quando desejei tornar-me mestre, era a preparação para a docência no Ensino Superior, formar professores que vão dedicar suas vidas às escolas, sem me dar conta do cenário amplo que compõe o campo da pesquisa em que teria que adentrar.

Como afirma Charlot (2006, p. 15)

(...) a educação é um triplo processo de humanização, socialização e entrada numa cultura, singularização - subjetivação. Educa-se um ser humano, o membro de uma sociedade e de uma cultura, um sujeito singular.

Trabalhar com educação não é uma tarefa exercida facilmente. Educar, educar-se, aprender, ensinar, atuam sempre numa tripla articulação: humanização, socialização e entrada numa cultura, singularização-subjetivação. Assim, se queremos educar um ser humano, não podemos deixar de educar, ao mesmo tempo, um membro de uma sociedade e de uma cultura e um sujeito singular, nos ensina Charlot (2006).

Durante os quatro anos em que cursei a graduação em Pedagogia (2013-2016), trabalhava como professora em uma escola municipal, onde, na prática, era possível fazer relações muito significativas com a teoria que estava aprendendo, podendo vivenciar certas situações e acontecimentos que ocorrem no âmbito da educação, dentro das escolas e salas de aulas.

Nesta perspectiva do exercício da docência, algumas das minhas inquietações começaram a ser observadas nas situações em que aparelhos eletrônicos estavam presentes, mas principalmente diante do fato de encontrar crianças em salas de aulas cujas características eram tão diferentes da criança que eu fui. Nas escolas, as diferenças de gerações se evidenciam especialmente por fenômenos como a globalização, as novas tecnologias, o poder das mídias, dentre outros.

Com essas observações, o que parecia estar nítido era que crianças de três, quatro e cinco anos apresentavam rapidez e habilidade em lidar com a tecnologia, demonstrando facilidade maior em aprender. E então, minha inquietação crescia a cada constatação feita, e a curiosidade sobre como essas tecnologias afetam a aprendizagem deles aumentava a cada nova circunstância, de jogos nos celulares, vídeos no YouTube, dentre outros.

Os estudantes que estão na escola hoje apresentam-se como Nativos Digitais, que nascem e crescem rodeados de tecnologias digitais, o que para os adultos é novidade, para eles

é vivência. Por isso, destacamos que essas crianças fazem parte da Geração Z<sup>1</sup>, ou seja, nascidos entre 1990 até 2010, inseridas em um mundo digital.

A educação escolar reflete vários olhares para um mesmo objetivo e, quem está inserido nela, dia após dia, se questiona sobre os rumos que ela irá desencadear. Moran (2012, p. 14) afirma que, dentro das escolas,

(...) tudo pode estar acontecendo ao mesmo tempo: o atraso, a burocracia e a inovação. É importante ter uma visão realista, mas não desesperançada, niilista, destrutiva. Apostar mais na mudança, em novas possibilidades que se concretizam, do que no pessimismo desesperançador e corrosivo.

As crianças parecem estar aptas ao uso da tecnologia com maior facilidade do que os adultos, elas já nascem nesse meio tecnológico digital onde a praticidade de se comunicar, ouvir música, manipular jogos e assistir vídeos é rapidamente acessada por elas, mesmo sem estarem alfabetizadas para entender os comandos. Isso se justifica, em grande parte, por estarem em contato intenso e direto com os mais variados meios de aprendizagem, como explica Moran (2012, p. 15):

Pela primeira vez na história, percebemos que a educação não acontece só durante um período determinado de tempo, maior ou menor (educação básica, superior), mas ao longo da vida de todos os cidadãos e em todos os espaços. A educação não acontece só no espaço oficial, na escola e na universidade. Todas as instituições e organizações aprendem cada vez com mais intensidade e ininterruptamente. Essa percepção da urgência da aprendizagem de todos, o tempo todo, é nova.

Em 2017 comecei a trabalhar nos anos iniciais do ensino fundamental, com uma turma de 3º ano. Assim, minhas observações se ampliaram no que se direcionava às mídias e tecnologias. A escola proibia o uso do telefone celular durante as aulas, porém, os adolescentes da escola sempre davam um jeito de acessar e não serem pegos com os aparelhos digitais. Com isso, minhas indagações eram se não haveria uma maneira de utilizar a tecnologia em sala de aula em favor da aprendizagem. E, assim sendo, de qual maneira o uso seria possível para assegurar a qualidade da aprendizagem? Observei também que os professores, em sua ampla maioria, não faziam uso de mídias digitais em suas aulas, nem tampouco reconheciam nelas algum valor pedagógico.

Ao trabalhar com a turma de 3º ano do ensino fundamental o conteúdo curricular relativo aos meios de comunicação, começaram a surgir inúmeros questionamentos sobre a internet, o celular e as redes sociais, então percebi que os alunos se davam conta de como a

---

<sup>1</sup> Geração Z é a definição dada à geração de pessoas que nasceu entre o começo dos anos 1990 e o fim da primeira década do século XXI (2010), constituída especificamente pelas pessoas que nasceram durante o advento da internet e do crescimento das novas tecnologias digitais. Os autores Wim Veen e Ben Vrakking (2009) discutem os conceitos dessa geração.

tecnologia facilita a comunicação entre as pessoas, e a curiosidade deles vinha de entender como elas funcionavam na prática. Resolvi, então, além de explicar a teoria que rodeava a internet, deixá-los manusear essas ferramentas em aula.

Foi então que minha inquietação inicial foi se direcionando para um projeto de pesquisa. Pensando e observando aquelas crianças e jovens entusiasmados, muitas vezes até viciados em tecnologias digitais, como poderia mediar as aulas fazendo uso delas, mas com propósitos didáticos que promovessem aprendizagens, pois acreditava que proibir ou retirar o equipamento das suas mãos não resolveria a distração (ou, se poderia dizer, o redirecionamento de atenção) que o manuseio constante causava nas aulas.

No sentido de procurar entender as ligações entre tecnologia e educação, Pierre Lévy (2010, p. 174) destaca que “o uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação com o saber”. Portanto, as tecnologias estão cada vez mais presentes na educação, invadindo as paredes das escolas e salas de aulas, evidenciando o constante contato que crianças e jovens têm com os aparelhos digitais em sua vida cotidiana, que também pode resultar em situações de conhecimento e aprendizagem.

No entanto, sabia que precisava estudar e entender muito mais do assunto antes de ter uma opinião formada sobre ele, então, por que não utilizar essa minha inquietação e necessidade de compreender as tecnologias para um tema de pesquisa? Foi assim que alcancei o objetivo de cursar o Mestrado, tendo como temática central o uso de tecnologias digitais na escola.

Charlot (2006, p. 10) diz que,

(...) quando sabemos aquilo que queremos conhecer, temos a base de um projeto de pesquisa. Pelo menos um ponto de partida, pois, na realidade, são necessários cerca de seis meses de trabalho sobre uma dada problemática para se definir uma questão de pesquisa.

De fato, havia muito que gostaria de conhecer, um tema central, e havia também uma identificação com a Linha de pesquisa oferecida pelo curso, Processos Educativos e Linguagem, na qual meu projeto ficaria bem ambientado. Porém, ainda faltava um direcionamento para meu tema de pesquisa.

Deste modo, se iniciaram meus estudos no esforço de elaborar um problema consistente de pesquisa. Através das leituras que vinha fazendo ao longo do primeiro semestre, notava que precisa conhecer e aprender muito mais do assunto do que simplesmente “encontrar a solução” que queria para as escolas, para a formação dos professores e para os alunos. Assim, percebi que o tema é complexo e que não existe “uma solução” ou uma única resposta.

Com as leituras do estado de conhecimento<sup>2</sup> e na interlocução com autores que se debruçam sobre tal temática, como Paula Sibilia (2012), Roxana Morduschowicz (2010), Wim Veen e Bem Vrakking (2009), dentre outros, compreendi que não é culpabilizando os professores e as instituições que iríamos solucionar os problemas e nem alcançar uma formação adequada para o uso de aparelhos eletrônicos na escola. Então as percepções produzidas nas leituras iniciais indicaram que, para o uso de equipamentos tecnológicos e para a navegação orientada e qualificada nas mídias e redes sociais, era preciso construir metodologias de ensino que se adequassem a essa proposta para as salas de aulas, tanto no manuseio destes equipamentos quanto na relação entre professor e aluno.

Falar sobre tecnologias em contextos educativos gera inúmeros conflitos de opiniões, principalmente entre os docentes. Como afirmam Secchi, Severo e Oliveira (2014, p. 65),

(...) faz-se necessário ter em mente que as tecnologias devem estar presentes em sala de aula. Entretanto, de nada adianta existirem se não estiverem a favor do aprendizado dos alunos a partir do planejamento docente.

Conforme avançava nas leituras, a compreensão sobre o que é pesquisa começou a se concretizar, assim, não poderia dedicar meu estudo sobre o que já era de conhecimento geral, e relatar “suposições” prévias à pesquisa. Era preciso um objeto que suprisse esse interesse de integrar aos professores subsídios à formação para as tecnologias, e se de fato essa formação poderia vir de algum meio que auxiliasse o docente a enfrentar as exigências da sala de aula.

Como alerta Charlot (2006, p. 10) aos seus orientandos,

(...) não quero as hipóteses, sobretudo, porque com suas hipóteses vocês já me dão resultados de suas pesquisas, antes mesmo de começá-las. O que eu quero são duas coisas. Em primeiro lugar, o que vocês querem saber e que ninguém ainda sabe, inclusive eu? Porque se alguém já tem a resposta, não vale a pena fazer uma pesquisa.

Surgiu, assim, a busca de um objeto que comportasse essa pesquisa, um campo de estudo no qual pudéssemos investigar e sobre o qual nos debruçar. Ao realizar um estudo inicial sobre a Revista *Nova Escola*, em dissertações e teses, observamos que se trata de um material/recurso que tem ampla inserção nas escolas, entre os professores.

Encontramos na Revista *Nova Escola* (RNE) um campo fértil para compreender como se impõem determinados discursos de natureza normativa, prescritiva, motivacionais, etc., sobre o trabalho do professor, no que diz respeito ao uso de tecnologias digitais em sala de aula. Dito de outro modo, procuramos identificar como se constitui e manifesta o discurso pedagógico sobre o uso de tecnologias e de mídias digitais, segundo o que é veiculado na RNE.

---

<sup>2</sup> Estado do conhecimento que será exposto no capítulo 4 desta dissertação.

A Revista *Nova Escola* é considerada a maior Revista de educação do país, do tipo magazine. Ela foi criada pela Fundação Victor Civita (FVC). Seu lançamento ocorreu no ano de 1986. O conteúdo disponibilizado na Revista apresenta entrevistas com especialistas, reportagens sobre diversos assuntos temáticos, exibição de projetos que obtiveram bons resultados, biografia de pensadores, indicações de eventos e reportagens em torno do contexto escolar, dentre outros.

No ano de 2015 a RNE passou a ser mantida pela Fundação Lemann, com o objetivo de, segundo a apresentação da própria Fundação, “melhorar a qualidade da educação pública no Brasil, com foco em garantir o aprendizado dos alunos e contribuir para que o país seja capaz de oferecer uma educação de alto nível para todos”<sup>3</sup>.

A Revista disponibiliza diversos campos para pesquisa, pois ela produz discursos de diversas áreas do conhecimento, e até destacam-se nela as disciplinas escolares, como Português, Matemática, Ciências, História e Tecnologias. Constatamos, ao realizar o estado do conhecimento, que várias pesquisas já foram efetuadas em diferentes anos em torno das disciplinas escolares. Sobre tais pesquisas trataremos adiante, no capítulo 4 desta dissertação.

Após definir os pressupostos da pesquisa, elegeu-se a questão: **Que elementos compõem o discurso pedagógico veiculado na Revista *Nova Escola* sobre o uso de tecnologias digitais na escola?** Nesse sentido, o **objetivo geral** do estudo consiste em compreender o discurso pedagógico veiculado na Revista *Nova Escola* sobre a presença e o uso de tecnologias digitais nos contextos escolares. A partir do objetivo geral proposto, definem-se os seguintes **objetivos específicos**: a) compreender o contexto histórico da Revista *Nova Escola*, sua estruturação e organização, bem como analisar suas condições de produção em contextos mercadológicos; b) contextualizar a presença das mídias na educação e identificar como os avanços tecnológicos impactam sobre as escolas e os indivíduos que nela circulam; c) compreender o método da análise textual discursiva e operar com seus procedimentos diante da Revista *Nova Escola*.

Partimos com estes pressupostos iniciais para realizar a pesquisa, de modo a compreender as concepções e proposições veiculadas na Revista *Nova Escola* sobre o uso de tecnologias digitais na sala de aula, e também apontar o que a Revista *Nova Escola* tem a oferecer aos professores como metodologias de ensino para trabalhar com essas tecnologias em salas de aula no contexto escolar.

Conforme questiona Paula Sibilia (2012, p. 178)

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

(...) como dialogar, ensinar e aprender em novas circunstâncias tão desafiadoras? Talvez a resposta seja esta: instituindo em cada caso o papel do outro e o de si mesmo, pensando e enunciando sempre as regras segundo as quais serão organizadas as significações.

Quando planejamos as aulas pensamos na aprendizagem do aluno. No entanto, o grande desafio de ensinar tem sido marcado pela impossibilidade de controle ou previsão da qualidade e da especificidade das práticas que ocorrem em determinadas situações de ensino, pois as diferenças na compreensão da aprendizagem entre um indivíduo e outro são enormes.

O planejamento do ensino, por mais “eficiente” que seja, não poderá controlar a imensidão de possibilidades das aprendizagens que cercam um aluno, e nem garantir sucesso a todos. Como saber se o aluno realmente aprendeu? Como saber se uma metodologia de ensino será eficiente para todas as instituições?

Assim compreendemos o desafio da tarefa pedagógica hoje: tornar o ensino escolar tão desejável e vigoroso quanto outros processos educativos que invadem a vida dos alunos. A educação se faz em processos de aprendizagem, em diálogos como o todo, nas múltiplas contradições entre os sujeitos e a natureza, que mutuamente se transformam.

José Manuel Moran (2012, p. 8) afirma que

(...) a sociedade evolui mais do que a escola, e sem mudanças profundas, consistentes e constantes, não avançaremos rapidamente como nação. Não basta colocar os alunos na escola, temos de oferecer-lhes uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino.

As tecnologias, em si mesmas, não são e nem estão perto de ser a solução para os problemas. Não são elas que promovem as didáticas e as práticas de sala de aula, porém, podemos caracterizá-las como recursos a serem utilizados para fomentar processos de ensino-aprendizagem. Nosso pressuposto em relação à presença e ao uso das tecnologias digitais em sala de aula é de que precisamos problematizá-las. Isso não significa divinizá-las, tratando-as como a salvação da escola, nem tampouco demonizá-las, negando sua importância e contribuições nos processos educativos escolares.

## **1.2 Percorso metodológico da pesquisa**

A pesquisa no campo da educação caracteriza-se por integrar uma área com larga abrangência, que contempla diferentes tipos de conhecimentos. Como afirma Charlot (2006, p. 9),

(...) é um campo de saber fundamentalmente mestiço, em que se cruzam, se interpelam e, por vezes, se fecundam, de um lado conhecimentos, conceitos e métodos originários de campos disciplinares múltiplos, e, de outro lado, saberes, práticas, fins éticos e

políticos. O que define a especificidade da disciplina é essa mestiçagem, essa circulação.

Assim como abrange vários campos, há também inúmeras formas de fazer pesquisa na área da educação. Precisaremos sempre optar por aquela que melhor irá acolher o tema em estudo. Esta pesquisa ancora-se no enfoque qualitativo que, como destaca Flick (2009, p. 22), propõe-se a “entender o mundo e produzir conhecimento sobre ele”.

Além de ser de natureza qualitativa, esse estudo é de cunho bibliográfico e documental. A pesquisa bibliográfica vem da compreensão e reflexão do texto teórico estudado. Como afirmam Folscheid e Wunenburger (1997, p. 50),

(...) devemos ser capazes de fazer com que o referencial teórico que nos serve de escopo torne-se objeto de reflexão de nosso pensamento. Nosso referencial teórico deve tornar-se material sólido sobre o qual o pensamento é ancorado distante da espontaneidade. Assim o pesquisador se distancia do senso comum e trabalha com os métodos que seu material oferece.

Trata-se de uma metodologia que busca uma prática para apreender a realidade. O pesquisador trabalha em dois sentidos, apreender a realidade e compreender a realidade. Assim, a pesquisa bibliográfica é muito utilizada em estudos exploratórios ou descritivos.

A pesquisa documental permite a investigação de determinada problemática, não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos que revelam um modo de compreender um fato social. Na presente pesquisa, entendemos que as reportagens da Revista *Nova Escola* selecionadas para constituir o *corpus* de análise serão interpeladas na qualidade de “documentos públicos não-arquivados”, conforme definição de Cellard (2008, p. 297): “Eles incluem, entre outros, os jornais, revistas, periódicos e qualquer outro tipo de documentos distribuídos: publicidade, anúncios, tratados, circulares, boletins paroquiais, anuários telefônicos, etc.”.

Calado e Ferreira (2004, p. 3) consideram que

Os documentos são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos com a finalidade de se lhes atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação.

Estudar documentos implica fazê-lo a partir do ponto de vista de quem os produziu, isso requer cuidado e perícia por parte do pesquisador para não comprometer a validade do seu estudo. A pesquisa documental parte de um amplo conjunto de dados e chega em elementos manipuláveis em que são estabelecidas e obtidas conclusões.

Nesta dissertação examinamos a Revista *Nova Escola* em uma retrospectiva de seis anos, de 2013 a 2018. Iniciaremos investigando suas reportagens sobre as tecnologias digitais

no contexto escolar e seus usos entre professores e alunos, analisando os elementos que compõem o discurso que a RNE produz acerca desta temática.

As fontes consultadas são as Revistas impressas e digitais disponibilizadas no seu site. Foram consultados cerca de 59 exemplares da Revista, publicados no período, selecionando as seções correspondentes às reportagens e entrevistas do tema em pesquisa referentes às tecnologias, partindo do pressuposto de que a Revista *Nova Escola* é um dos maiores meios de mídia presentes na escola e faz parte dos recursos pedagógicos utilizados por docentes na condução dos processos de ensino-aprendizagem em suas salas de aula.

No conjunto de 59 (cinquenta e nove) exemplares da Revista *Nova Escola*, foram encontradas 23 (vinte e três) Revistas que dispõem reportagens sobre o tema pesquisado, e, neste acervo de 23 Revistas, foram selecionadas 30 (trinta) reportagens para constituir o *corpus* de análise.

O recorte temporal escolhido compreende o intervalo de seis anos (2013-2018), por se entender que este período é representativo de uma grande mudança nas gerações de crianças e adolescentes que frequentam os espaços escolares e que se apropriam cada vez mais das tecnologias digitais, seja para jogos online, para as redes sociais, para afazeres cotidianos, dentre outros.

Marli André (2001, p. 59) afirma que, para fazer pesquisa,

(...) a análise precisa ser densa, fundamentada, trazendo as evidências ou as provas das afirmações e conclusões. Considerando que deve ficar evidente o avanço do conhecimento, ou seja, o que cada estudo acrescentou ao já conhecido ou sabido.

Depois de ser selecionada a amostra documental, segue-se o trabalho com a determinação de unidades de análise, a eleição de categorias e a organização de quadro de dados. Para realizar o processo investigativo sobre as Revistas selecionadas, elegemos a Análise Textual Discursiva (ATD), conforme os estudos de Roque Moraes e Maria Galiazzi (2007, p. 16), assim apresentada:

(...) a análise textual discursiva parte de um conjunto de pressupostos em relação à leitura dos textos que examinamos. Os materiais analisados constituem um conjunto de significantes. O pesquisador atribui a eles significados a partir de seus conhecimentos, intenções e teorias. A emergência e comunicação desses novos sentidos e significados são os objetivos da análise.

A análise textual discursiva e a vertente teórica para a escolha do *corpus* serão explicadas e discutidas no capítulo quatro deste estudo, intitulado “Análise textual discursiva”, quando trataremos da compreensão e efetivação do método.

Para desenvolver a problemática e os objetivos enunciados, o estudo será estruturado em cinco capítulos. As considerações introdutórias aqui apresentadas, nomeamos como primeiro capítulo.

No capítulo 2 traçamos um breve panorama histórico da Revista, desde sua criação até os rumos que a levaram à constituição atual, fazendo uma retomada das características da Revista *Nova Escola* como mídia impressa segmentada e como recurso pedagógico utilizado nas escolas pelo corpo docente.

No capítulo 3 é introduzido e discutido o tema sobre tecnologias digitais e educação, situando o contexto atual em que estamos vivendo, e como essas demandas tecnológicas vêm sendo incorporadas no contexto das escolas e salas de aulas, frente aos alunos, principalmente com os adolescentes.

Tratamos, no capítulo 4, da explicitação do método da Análise Textual Discursiva, de Moraes e Galiazzi, sobre o *corpus* da pesquisa, referente ao conjunto de reportagens da Revista. Apresentamos também uma breve sistematização do estado de conhecimento, dialogando com alguns autores estudados para a abordagem das principais ideias evidenciadas no decorrer do estudo, no intuito também de contextualizar alguns elementos e conceitos-chave da pesquisa.

No capítulo 5 constituímos a análise textual discursiva das quatro categorias do *corpus* examinado, propiciando a elaboração de opiniões e críticas fundamentadas frente aos assuntos que a *Nova Escola* aborda sobre a presença das tecnologias digitais na escola.

Nas considerações finais, apresentamos um panorama dos resultados obtidos com o estudo, e também uma crítica fundamentada entre os relatos e reportagens que a *Nova Escola* faz com relação ao uso das tecnologias e mídias sociais no contexto escolar perante a formação dos professores para o uso metodológico em suas aulas.

## 2 A REVISTA *NOVA ESCOLA*

Os recursos midiáticos, como periódicos e fontes jornalísticas de informações, têm tido grande circulação no cenário escolar, sendo normalmente utilizados pelos professores em suas aulas e práticas diárias, como salienta Ripa (2010, p.72): “a imprensa periódica tem sido considerada uma fonte privilegiada para aqueles que se dispõem a estudar os discursos pedagógicos”. Fontes como jornais e revistas são recursos potentes para desenvolver pesquisas, tendo em vista a sua ampla divulgação nas diversas publicações no meio educacional.

Dentre estas mídias destaca-se a Revista *Nova Escola*, *corpus* de estudo desta pesquisa. Neste capítulo será contextualizado o percurso histórico da Revista, descrevendo sua trajetória inicial e fundação, a estrutura e seções que se apresentam em suas páginas, os objetivos a que se propõe alcançar, analisando suas condições de produção em contextos mercadológicos. Trata-se, enfim, de um relato do modo como ela está exposta no cenário atual.

### 2.1 Contexto histórico da Revista *Nova Escola*

A Revista *Nova Escola* é produzida pelo grupo Abril e mantida pela fundação Victor Civita desde sua criação no ano de 1985, cujo lançamento da primeira edição ocorreu em março de 1986. Conforme afirma Ripa (2010), é considerada a maior Revista sobre educação do país e a segunda maior Revista mensal em termos de circulação nacional.

A Revista *Nova Escola* expõe assuntos voltados ao cotidiano escolar, especialmente no âmbito da Educação Básica. Apresenta entrevistas com especialistas, notícias sobre diversos assuntos temáticos, projetos educativos que obtiveram bons resultados, biografia de pensadores, indicações de eventos e reportagens em torno do contexto escolar. Além dos exemplares impressos, a Revista também é disponibilizada em seu site. Só é possível obter acesso ao conteúdo digital quem é assinante da Revista. Para os visitantes do site é possível apenas visualizar as capas e os títulos das matérias.

No site<sup>4</sup> divulga-se que

NOVA ESCOLA possui um vasto acervo de material pedagógico e é atualizado diariamente com conteúdos em diversos formatos: notícias factuais, reportagens investigativas, entrevistas e blogs. Usuários cadastrados também têm acesso a planos de aula, jogos, curadoria de vagas e oportunidades, contos, práticas inspiradoras e questões de prova. Já os assinantes podem desfrutar de conteúdos exclusivos, como cursos certificados, novas edições e acervo de revistas digitais e descontos no Clube de Benefícios.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://novaescola.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

Silva (2014) ressalta que a Revista surge em um período de mudanças no país, um ano após o fim do regime militar (1964 -1985), contexto em que a democratização da educação era um dos princípios perseguidos pela sociedade brasileira. Nessa direção, destacamos também o pensamento de Ripa (2010, p. 106), analisando que:

(...) nesse momento de redemocratização do país é lançado o primeiro número da revista “Nova Escola”, com o discurso de que a “educação para todos” poderia ser a solução para os problemas nacionais. Por isso, era preciso ‘informar’, ‘apoiar’ e ‘atualizar’ o professor brasileiro. E a revista ‘Nova Escola’ se disponibiliza a ser o suporte desta informação, veiculando seus ideais de educação, de professor, de alunos, de escola e de sociedade.

Oliveira (2006) explica o contexto histórico brasileiro em que a Revista foi lançada, mostrando que entidades de classe vinculadas ao campo da Educação reivindicavam mais atenção do governo para questões como o aumento de vagas nas escolas, a manutenção das crianças nesse espaço, a qualificação do corpo docente e as mudanças nos planos de carreira do magistério. Assim, argumentava-se que adotar as práticas que a Revista abordava em suas páginas seria base para uma boa educação, e o professor poderia desenvolver uma “boa aula” seguindo os modelos ali lançados.

O público leitor da Revista *Nova escola* é formado predominantemente por professores da educação básica e, de acordo com a pesquisa realizada por Dametto (2012), grande parte deste contingente é constituído de mulheres, com idade entre 25 e 44 anos, residentes nas Regiões Sudeste e Nordeste do país.

A Revista mantém parceria com o governo federal, sendo distribuída gratuitamente às escolas públicas do Brasil, com custos aos cofres públicos. Aos assinantes e compradores eventuais ela é vendida a “preço de custo”. O custo para assinantes em 2012 era de R\$ 4,20 mensais, no ano de 2017 custava R\$ 5,00, e no ano de 2019 custa R\$19,90 o plano mensal, de acordo com dados disponibilizados no seu site. Se o usuário optar por um plano semestral, anual ou bienal, os descontos são progressivos. No ano de 2012, a *Nova Escola* ocupava o segundo lugar em vendas das revistas da Editora Abril, conforme nos informa Dametto (2012, p. 22) através das pesquisas realizadas a Revista *Nova Escola* situava-se atrás somente da Revista *Veja*.

De acordo com a pesquisa de Ripa (2010), até 2001 as Revistas chegavam “gratuitamente” apenas às escolas públicas com mais de 50 alunos. Todavia, após estabelecer convênios com o Ministério da Educação, o diretor da Revista anunciava com satisfação que ela chegaria a todas as escolas brasileiras, independentemente do número de alunos, devido à “doação” da Fundação Victor Civita.

Ripa (2010, p. 82) ainda destaca um momento importante da RNE que foi ter atingido a marca de um milhão de exemplares em circulação, índice só alcançado pela Revista Veja, do mesmo grupo. Isso se deve ao aumento dos lotes de assinaturas, que passaram de “276 mil para quase 585 mil” e ao aumento significativo de vendas nas bancas de 63 mil para 85 mil até o ano de 2010. A autora ainda traz uma observação muito importante, dizendo que para o grupo a maior satisfação era ter aumentando a circulação, que representaria mais venda de publicidade, mais lucro, mais sucesso, o que é interesses típicos de um investidor e empresário.

Ripa (2010, p. 82) afirma que

(...) a parceria de quem financia os exemplares ou anuncia a sua “marca” em “Nova Escola” passa a ser retribuída com o nome destacando nas matérias como aqueles que se preocupam com “os rumos da educação brasileira”, que desejam construir uma “nova” escola e “melhorar a qualidade” da educação brasileira. Para isso, financiar um material que tem baixo custo, considerando “próximo” dos professores e “útil”. É com esse discurso que esse “apoio” tem se concretizado.

Assim, a RNE se propaga com um discurso que, conforme informa a Fundação Victor Civita, em seu site, “tem como objetivo a melhoria na Educação Básica, apoiar os professores na educação, com foco na qualificação do professor brasileiro, prioritariamente nas escolas públicas mais pobres”<sup>5</sup>, como se ela viesse para resolver grande parte dos problemas educacionais, oferecendo “maneiras” de o professor ministrar suas aulas, considerando-os como aqueles que “pouco sabem” e também como uma forma de “solução”, principalmente para os conflitos gerados em torno de alunos com problemas.

Já reconhecemos aqui que pode haver um discurso de caráter comercial e uma perspectiva “salvacionista” acompanhando as manifestações produzidas e veiculadas no âmbito da Revista *Nova Escola*.

Para entender melhor os objetivos e propósitos que orientam a Revista, é necessário conhecer um pouco do contexto histórico da Fundação Victor Civita, da Editora Abril e também da história de seu idealizador, Victor Civita.

Filho de Italianos, Victor Civita nasceu em Nova York em 09 de fevereiro de 1907, porém, foi criado na cidade italiana de Milão, passando ali a sua infância e juventude. Após estudar no Instituto Técnico de Estudos Comerciais, alistou-se na Força Aérea Italiana. Ao completar vinte anos foi para os Estados Unidos, onde percorreu diversas cidades, trabalhando em diferentes atividades. Ao voltar para a Itália assumiu os negócios da família. Em uma visita ao Brasil vê a possibilidade de abrir uma empresa em São Paulo.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://fvc.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

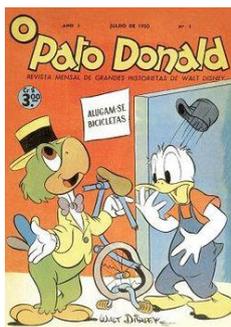
Em 1950 funda uma pequena editora para publicar a revista infantil O Pato Donald (Figura 1). Foi o início do negócio que viria a ser o Grupo Abril. Outras publicações foram se seguindo, e hoje é um dos maiores grupos de comunicação da América Latina. Victor Civita faleceu no dia 24 de agosto de 1990, vítima de um infarto fulminante, com 83 anos de idade.

Ripa (2010, p. 85-86) nos lembra de um fato importante, destacando uma das frases ditas por Victor Civita:

Um povo educado é um povo forte. É um povo rico, pois sabe produzir e prosperar, que foi dita por seu filho Roberto Civita durante um discurso de comemoração de vinte anos da revista Nova Escola que se destaca como sua principal iniciativa. (...) é divulgado o objetivo de ‘contribuir para que o Brasil se transforme num país melhor, educando o povo para tornar a nação desenvolvida’ que Victor Civita, então presidente da Editora Abril, publicou na primeira edição da revista Nova Escola.

Victor Civita, junto com seu irmão César Civita, criou a Editora Abril com suas economias pessoais. Victor ainda convidou Gordiano Rossi para ser sócio e assumir publicamente a editora. Ripa (2010, p. 87) relata que “as primeiras publicações da editora foram ‘O Pato Donald’ e o ‘Raio Vermelho’, impressas em processo de tipografia. O material vinha da Europa e dos Estados Unidos para a Argentina e, de lá, para o Brasil”.

Figura 1: O Pato Donald



Fonte: <https://www.google.com/search?q=o+pato+donald&sxsrf>

Roselaine Ripa (2010, p. 89) ainda contribui com a história, apresentando que

(...) o nome Abril foi dado por Victor Civita ‘porque na Europa esse mês dá início à primavera. O logotipo da empresa - arvorezinha verde - é assim justificado: “A árvore é a representação da fertilidade, a própria imagem da vida. O verde é a cor da esperança e do otimismo”.

Figura 2: Logotipo da Editora Abril



Fonte: [www.abril.com.br](http://www.abril.com.br).

Para cuidar das questões educacionais e dos projetos sob responsabilidade da Abril, Victor cria a Fundação Victor Civita. Como aponta Ripa (2010), sua marca é divulgada com o nome da fundação escrito em uma lousa, que remete ao cotidiano de sala de aula.

Figura 3: Marca da Fundação Victor Civita



Fonte: <https://fvc.org.br/>

Atualmente a sua marca expõe uma nova imagem, como se pode visualizar a seguir.

Figura 4: Logo atual da Fundação Victor Civita



Fonte: <http://www.grupoabril.com.br/pt/quem-somos/fundacao-victor-civita/>.

A FCV se denomina uma entidade sem fins lucrativos. É considerada uma das cinco maiores fundações privadas da área da educação do Brasil que, conforme informa Roselaine Ripa (2010, p. 97), “tem gestão independente da Editora Abril e recebe contribuição financeira do Grupo Abril e da Gerdau”.

A Fundação Victor Civita ainda informa em seu site que a missão da empresa é:

Construir, disseminar conhecimentos e valorizar práticas da Educação Básica que auxiliem educadores a enfrentar os desafios de seu tempo, produzindo conteúdo que auxilie na capacitação e valorização dos professores e gestores e que viabilize as políticas públicas.<sup>6</sup>

Maria Dias (2016, p. 40) informa em seu estudo, que

(...) em pouco tempo, a empresa participa de um intenso ciclo de crescimento, no qual Victor investe em treinamento, tecnologia, e passa a atrair os profissionais mais talentosos do país. Essa equipe, ao longo das décadas seguintes, lança dezenas de novas publicações para atender crescente demanda de informação da sociedade brasileira.

Prosseguindo na exposição dos objetivos que a Revista apresenta em suas publicações, consta no site “a proposta de auxiliar o educador na complexa tarefa de ensinar”, com “soluções inovadoras” para o professor exercer sua prática de sala de aula.

Dametto (2012, p. 23), ao analisar os assuntos mais abordados pela Revista, destaca que no período de 2006 a 2010 houve mudanças nos temas apresentados na Revista, e afirma que alguns desses temas específicos continuam sendo abordados, tais como:

(...) alfabetização, violência, eleições e formação profissional. Entretanto, novas problemáticas passaram a ser exploradas: inclusão de pessoas com deficiência; inclusão digital e novas tecnologias; educação sexual; drogas; Ensino Fundamental de 9 anos; a saúde dos professores (combate ao estresse); políticas públicas que avaliam a qualidade da educação básica no Brasil (PDE, Ideb, Prova Brasil), Educação a Distância, Hiperatividade, Dislexia, Bullying, Educação Ambiental.

Dametto (2012), que realiza estudos acerca da Revista *Nova Escola*, define-a “como um instrumento de comunicação de massa ou de comunicação social”, isso porque a Revista reproduz discursos em torno da mídia na qual é divulgada como fonte de informação e notícia, e também produz discursos sobre o fazer pedagógico, que reflete na escola, que se diz gerar “aprendizagem e ensinamentos” para o âmbito educacional.

Entre várias contribuições, manifesta-se uma análise muito importante da *Nova Escola* para esse contexto. Pela estrutura e forma como é direcionada, é comparada por Dametto (2012, p. 29) com o livro didático (LD), por lembrar a relação existente entre o professor e o LD que introduz a ideia de que este “auxilia” na elaboração das aulas. O autor ainda afirma que o vínculo entre a Revista *Nova Escola* e o professor “passou a ocorrer a partir do processo de democratização da escola, que resultou, entre outras tantas mudanças, na configuração do LD em exemplar do aluno e exemplar do professor” (DAMETTO, 2012, p. 29).

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://fvc.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

Essa comparação com o livro didático se dá, conforme Dametto (2012, p. 29) porque

A partir dos anos 70, o professor passa a ser visto como um profissional que precisa de ajuda para elaborar suas aulas, uma vez que lhe faltam tempo e conhecimento para tanto. Isso acabou tendo como consequência a elaboração de livros didáticos cada vez mais detalhados e repletos de anotações que orientam e até determinam a prática docente.

Portanto, essa comparação é possível, pois é esse o papel que a Revista *Nova Escola* quer assumir perante os professores, que a usem como um “auxiliar” em seus planos de aula, que adiram às práticas e reportagens que ela apresenta como “eficazes” com os alunos, para que possam assim “solucionar” os problemas na educação.

No ano de 2018 a *Nova Escola* lançou um aplicativo para celulares. Em seu site, explica que

(...) o aplicativo NOVA ESCOLA é uma plataforma para celular de distribuição de informações sobre a Educação Básica, além de materiais pedagógicos, documentos úteis ao trabalho e dicas de planejamento para professores, gestores escolares e estudantes de Pedagogia e Licenciatura<sup>7</sup>.

Conforme informação que consta no site, o aplicativo oferece também “Dicas pedagógicas sobre os dilemas da sala de aula e da gestão, formação sobre os principais temas da Educação e notícias sobre acontecimentos importantes na educação básica brasileira, modelos úteis para o trabalho do professor e do gestor, *quiz* de perguntas sobre o processo de ensino e aprendizagem”. O aplicativo é gratuito, mas precisa ser assinante da Revista para acessá-lo, e só pode ser acessado com conexão à internet.

## **2.2 Estrutura das seções apresentadas na Revista *Nova Escola***

A Revista *Nova Escola* sempre manteve capas com cores vibrantes, geralmente apresentando imagens de professores, crianças e ambientes de sala de aula. Seu nome vem destacado na cor branca com o fundo vermelho, formando uma faixa na parte superior, e abaixo do nome as imagens com títulos em negrito. Com o passar de seus trinta anos de publicação, as capas continuam seguindo o mesmo formato. A seguir conferimos algumas edições dos últimos 6 anos.

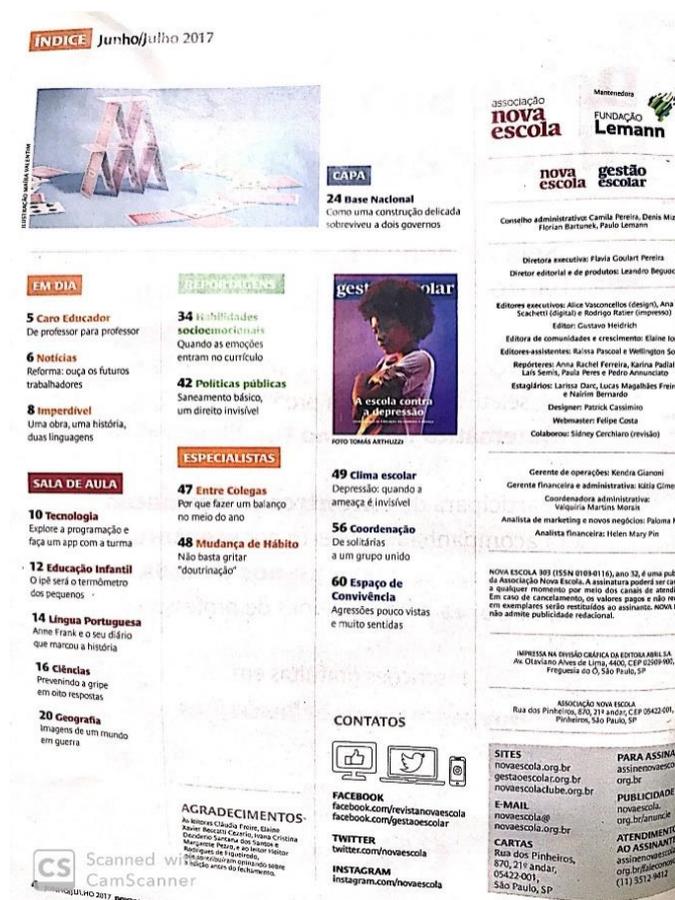
---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://novaescola.org.br>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

Figura 5: Capas das Revistas da *Nova Escola*

Fonte: <https://novaescola.org.br/>.

Atualmente, a Revista se apresenta estruturada em diferentes seções como: *Hoje em dia*, que geralmente traz reportagem como *Caro Educador*, em formato de carta para o professor; *Imperdível*, que oferece uma dica de livro, filme ou história. *Sala de aula*, que apresenta planos de aula, de diferentes disciplinas escolares, como português, matemática, história, geografia e tecnologia; *Reportagem* e *Especialistas*, que apresentam relatos e notícias sobre o contexto escolar. Na figura a seguir podemos observar sua organização interna.

Figura 6: Contracapa da Revista *Nova Escola*

Fonte: Acervo impresso da Revista *Nova Escola*.

Entre suas seções e formato, a Revista apresenta estruturas internas padronizadas, conforme os estudos realizados por Silva (2014, p. 55)

(...) a revista possui as mesmas características das demais publicações do Grupo Abril, com capas atraentes, cheia de cores, há grande popularização em seus conteúdos e sempre traz alunos e professores felizes e sorridentes, um pressuposto básico é exaustivamente repetido: os problemas educacionais sempre podem ser resolvidos, bastando que para isso cada um faça a sua parte.

A *Nova Escola* ainda apresenta outra característica importante na sua estruturação, que são as fotografias feitas nos locais escolares. Como afirmam Smolka e Gentil (2004, p. 196), “as fotos entram na composição do texto escrito, produzindo, com isso, um efeito de evidência”. Através das fotos, a Revista tenta produzir sensação de veracidade em suas reportagens, “a fotografia tende a exibir o fato e a comprovar a existência da pessoa que fala, que escreve, que depõe” (SMOLKA e GENTIL, 2004, p. 196).

Dametto (2012, p. 21) explica essa grande quantidade de imagens e o motivo delas na estruturação da Revista, como um processo de

(...) modernização da editora e também para uma provável adequação às expectativas dos leitores, que, mais exigentes, procuram por imagens que expressam emoções e desempenham um papel motivador. Sendo que as imagens provocam mais curiosidade e interesse na leitura do conteúdo.

A RNE ainda tem como propósito fornecer maior acessibilidade e produzir notícias com informação do momento atual entre seu público leitor. Como afirma Silva (2014, p. 59), “ela enfoca ser vendida a preço de custo e que para o professor desenvolver bem as suas tarefas precisa ser bem informado”.

Pode-se observar o discurso de “professor ideal” que a Revista produz, e além disso evidencia em suas reportagens a popularização de conteúdos carregados de estereótipos da sociedade de massa. Assim, Bueno (2007, p. 304) alerta que

(...) enquadrado como mais um entre os estereótipos da sociedade de massas, o professor, ao lado da adolescente, da mulher madura, do macho, do homem de negócios etc., vê-se anulado como um sujeito universal capaz de pensar o todo. Desincumbido de sua especificidade, ao professor resta apenas o consumo distraído de fórmulas que o põem em sintonia com uma totalidade que assim permanece imune à crítica.

Com isso, observamos que suas reportagens seguem um padrão de comportamento generalizado, maneiras de abordar as aulas que não se aplicam às diversas realidades presentes no Brasil. Por seu discurso único, ela esquece que, no território nacional, convivemos com diferentes modelos e estruturas de escolas, então o “ideal de professor” não participa dos mesmos contextos educacionais e, portanto, seus exemplos de planos de aula se desfazem perante várias situações. Como diz Silva (2014), pela falta de criticidade, dentre outros critérios, a Revista é um claro exemplar da semicultura instituída pela sociedade de massa.

Outro aspecto relevante que a Revista produz é a premiação de professores. Conforme explica Silva (2014, p. 60),

(...) desde 1998, destaca-se com “Prêmio Fundação Victor Civita para a Valorização do Professor”. Essa é uma premiação anual em dinheiro e prêmios, para os professores que tiveram as melhores práticas pedagógicas publicadas na revista nos últimos três anos. A partir de 1999, na segunda etapa do concurso, agora denominado “Professor nota 10”, a revista lança o concurso com suas regras preestabelecidas para que os professores relatem suas atividades (SILVA; FEITOSA, 2008). Esses relatos tornam-se ‘fonte de matéria para o próprio periódico’.

Silva e Feitosa (2008, p. 191) ainda explicam que a Revista ressalta ‘trabalho coletivo e integração entre disciplinas’, ‘realidade do aluno como ponto de partida’, ‘participação do aluno na construção do conhecimento’, ‘vida cidadã como ponto de chegada’, ‘utilização de materiais pedagógicos’, ‘avaliação como parte integrante da aprendizagem’ e ‘abertura à colaboração de fora’.

A partir dessa prática, Silva (2014, p. 57) alega que este prêmio pode ser interpretado “como mais uma das estratégias de impor uma realidade educacional”. E na análise que a autora faz, podemos compreender nesse processo que

Ainda que com referenciais teóricos e procedimentos metodológicos distintos, as pesquisas destes autores nos revelam a importância de termos este veículo como fonte de pesquisa. A revista *Nova Escola*, mostra-se como um documento que traz registros históricos, ideológicos e um local de disseminação das políticas (SILVA, 2014, p. 57).

Nos estudos feitos por Dametto (2012, p. 32) destaca-se que “a *Nova Escola* é, de certa forma, uma extensão das práticas já vividas pelo professor” e que também a “*Nova Escola* funciona como uma capacitação do docente, com o diferencial de falar a linguagem do professor”; sobretudo, ela apresenta experiências e relatos que “deram certo”, e ainda produz o discurso de que os professores precisam estar em constante formação para se manterem atualizados. Por isso, a Revista *Nova Escola* trata de temas atuais para eles se manterem “informados”, já que em seu discurso ela “informa o professor do que precisa ser trabalhado em sala de aula” (DAMETTO, 2012, p. 32).

Dametto (2012) conclui que a Revista *Nova Escola* vem tomando parte na formação continuada do professor, pois muitos docentes a utilizam em suas aulas, fazendo dela um suporte para o conteúdo que é trabalhado junto aos alunos. Oliveira (2006, p. 80) acrescenta que assim “se justifica o convênio com o MEC para o subsídio na circulação para todas as escolas de Ensino Fundamental do país”.

A Revista *Nova Escola* faz parte de um conjunto de dispositivos que, a partir de seus discursos, instituem necessidades e verdades sobre as práticas pedagógicas, a formação docente e a própria forma de se pensar e propor caminhos para o campo educacional.

Oliveira (2006, p. 81) traz que, com base em tais características levantadas por diferentes pesquisadores, entende-se a Revista como:

(...) um artefato cultural, portanto pedagógico, que engloba a produção e a circulação de saberes, onde jogos de poder propõem determinados modos de ser professor, graças às operações e estratégias discursivas utilizadas ao longo das páginas, as quais, de certo modo, estão sujeitas a serem interpretadas como únicas (e verdadeiras) possíveis por parte de grande número de leitores.

Destacamos que essa representação de professor presente na Revista *Nova Escola* reforça “a concepção do ‘professor’, em geral como um profissional que vai sendo considerado, ao longo do tempo, cada vez menos capaz de assumir autonomamente a ação docente” (SOARES, 2001, p. 33). Contudo, em uma visão grosseira sobre suas publicações, a *Nova Escola*, em muitos momentos, parece produzir um discurso de que ser professor é fácil, pois ao

seguir as aulas propostas pela Revista, muitos problemas educacionais se resolveriam e sem considerar, assim, o saber pedagógico que o professor possui, ou mesmo sua formação.

Após mais de 30 anos de sua criação, a Revista *Nova Escola* ainda se mantém presente no mercado como uma das Revistas mais vendidas no Brasil, produzindo publicações acerca da educação. Como afirma Dametto (2012, p. 17), “*Nova Escola* caracteriza-se por apresentar uma relação assimétrica estabelecida entre Revista e educadores”, pois ela continua apresentando-se como um “auxílio” para o docente, entendendo-se “o professor como aquele que precisa de ajuda, de um facilitador de seu trabalho” e, por outro lado “a Revista, como aquela que pode resolver de modo fácil e simples os complexos problemas do processo de ensino/aprendizagem do Brasil”.

### **2.3 *Nova Escola* e Fundação Lemann**

Desde o ano de 2015 a Revista *Nova Escola* é mantida pela Fundação Lemann, em parceria com a Fundação Victor Civita, que transferiu as publicações *Nova Escola* e *Gestão Escolar* para a Fundação Lemann. Para começarmos a falar deste processo, explicaremos um pouco sobre a Fundação e seu criador, Jorge Paulo Lemann.

Jorge Paulo Lemann nasceu em 26 de agosto de 1939, no Rio de Janeiro, sendo hoje um dos empresários mais bem-sucedidos do Brasil. No ano de 2010, ele ocupava o posto de quinto homem mais rico do país e 172º no mundo, e em 2019, foi considerado o segundo homem mais rico do Brasil, no ranking feito pela revista americana Forbes. O empresário atua no ramo de bebidas (Ambev), alimentos (Burger King), transporte ferroviário (Rumo-ALL), varejo (Lojas Americanas), dentre outros (ISTO É DINHEIRO, 2010).

A Fundação foi criada em 2002 pelo capitalista brasileiro. A marca da Fundação Lemann se apresenta na cor azul marinho, com escritas na cor branca e o desenho estilizado do mapa do Brasil no canto direito da imagem.

Figura 7: Logotipo da Fundação Lemann



Fonte: <https://fundacaolemann.org.br/>.

O interesse da Fundação Lemann pela educação do Brasil começou com ações desenvolvidas pelo Grupo Lemann que como explica Oliveira (2019, p. 164) “fez sua primeira investida institucionalizada na educação se deu em 1991, com a criação da Fundação Estudar, vinculada ao Banco Garantia, de Jorge Paulo Lemann e outros sócios”.

A Fundação Estudar é descrita conforme Oliveira (2019, p. 164) como “uma organização sem fins lucrativos que acredita que o Brasil será um país melhor se tivermos mais jovens determinados a seguir uma trajetória de impacto. Por isso, disseminamos uma cultura de excelência e alavancamos os estudos e a carreira de universitários e recém-formados”

Oliveira (2019, p. 163-164) afirma que o Grupo Lemann foi

(...) palco das primeiras investidas voltadas para intervenções formativas e, portanto, gênese de um ambicioso projeto de educação empresarial vinculado ao ideário das novas estratégias de administração científica e de gestão do mundo do trabalho, mas - o que se destaca como mais impactante e inovador - estrategicamente relacionado às novas possibilidades de acumulação disponibilizadas pelo atual estágio de desenvolvimento do capital financeirizado.

Podemos perceber que o grande propósito de Jorge Paulo Lemann sempre foi vender produto para um campo de formações constantes, área que cada vez cresce mais no Brasil que é a educação pública, por isso, vender discursos para professores e escola está interferindo diretamente nos jovens que futuramente estarão no mercado de trabalho.

Em seu site consta que “A Fundação Lemann é uma organização familiar, sem fins lucrativos, que colabora e trabalha por uma educação pública de qualidade para todos e as pessoas e organizações que dedicam suas vidas a solucionar os principais desafios sociais do Brasil”<sup>8</sup>.

A Fundação Lemann declara, em seu site, compartilhar do mesmo “sonho” da Fundação Victor Civita, que é “dar um novo impulso para as publicações, garantindo que elas cresçam cada vez mais e continuem contribuindo com professores e gestores escolares de todo o Brasil”. Ou seja, continuar vendendo planos de aulas para professores aplicarem com suas turmas e fazendo-os acreditar na veracidade que a Revista diz apresentar em suas páginas e seções escritas por seus representantes.

Assim, a Fundação Lemann informa que o objetivo, como apresenta o site, é “melhorar a qualidade da educação pública no Brasil, com foco em garantir o aprendizado dos alunos e contribuir para que o país seja capaz de oferecer uma educação de alto nível para todos”.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

Luís D'Ávila (2013, p. 3) colabora com suas considerações ao relatar que

(...) o empresário Jorge Paulo Lemann, diretor presidente da Fundação Lemann, considera que (...) o que pode emperrar o crescimento do Brasil é o baixo nível da educação. E continua ao dizer que (...) precisamos melhorar a qualidade do ensino. E essa é uma tarefa que cabe não só ao governo como também ao setor privado.

Porém, questionamos qual é o verdadeiro objetivo da Fundação em produzir e custear a Revista *Nova Escola*? Qual é a preocupação com o ramo da Educação, quando visam ao lucro e à publicidade para com a Revista? E ainda propõe a ideia da Fundação Victor Civita de “melhorar a qualidade da educação no Brasil” e, portanto, as publicações seriam veiculadoras de “qualidade” e o professor segui-las seria como a “solução” para os problemas de evasão, repetência e não-aprendizagens dos alunos.

Portanto, o objetivo do empresariado brasileiro no campo da educação é movido, de modo geral, a interesses financeiros, e, como afirma Oliveira (2019, p. 161)

(...) não por acaso, grupos empresariais têm fomentado e desenvolvido um movimento de aproximação com o Estado em seus diferentes níveis, concentrando forças tanto em intervenções diretas nas políticas públicas de educação.

Assim, como o professor não é considerado capaz de favorecer ou viabilizar a aprendizagem ao aluno, a *Nova Escola* vende o discurso de que as práticas oferecidas por ela fariam com que fosse possível melhorar a educação e enquanto isso a sua mídia aumentaria, produzindo mais publicidade e número de exemplares. Essa ideia se efetiva quando observamos o que o site traz aos leitores, dizendo que “sabemos que são os educadores que fazem a educação acontecer todos os dias. É por isso que, com esta parceria, queremos expandir o alcance de *Nova Escola* e *Gestão Escolar*. Assim, será possível acelerar e ampliar o diálogo com cada um dos professores, professoras, gestores e gestoras do Brasil”.

A Fundação Victor Civita e a *Nova Escola* divulgam que têm uma enorme lista de “serviços prestados” à educação e ao jornalismo. São patrimônios do Brasil. Em seu site ainda afirmam que “(...) os professores e professoras sabem, há 30 anos, que têm grandes amigos nesta jornada”.

Ao apoiar e incentivar *Nova Escola* e *Gestão Escolar*, a Fundação Lemann se compromete a mantê-las como publicações sem fins lucrativos e a consolidar e ampliar o respeito e a admiração que as marcas conquistaram. A independência editorial em relação a financiadores, anunciantes e governos – um princípio que é um grande valor dos títulos e confere a eles enorme credibilidade – seguirá sendo um pilar fundamental nessa nova fase.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

A Fundação Lemann anuncia, também, o quadro de profissionais que produzem a Revista *Nova Escola*, em sua maioria formados em jornalismo, engenharia da produção, administração, comunicação social, arquitetura, administração de empresas e relações internacionais. Ressalta que esses profissionais fazem, produzem e escrevem a Revista para “ajudar” os professores a ministrarem suas aulas, pois são “apaixonados pela educação”. Eles dizem serem grandes admiradores, como se apenas admiração e “paixão” pela área bastassem para afirmar concepções pedagógicas, conduzir propostas educativas e publicar técnicas e práticas para alunos em sala de aula.

O professor possui formação, possui conhecimento pedagógico, é capaz de promover aprendizagens entre os alunos, portanto, grande parte dos problemas não é produzido por ele. Acredita-se que a maior parte dos problemas existentes na educação se dá por indivíduos, entidades, governos e várias organizações que tentam fazer da educação mercadoria a ser vendida, sem reconhecer a devida importância que ela exerce numa sociedade. Os professores, acabam tornando-se objeto de uma narrativa na qual o apontam como incapazes e opostos as mudanças das reformas propostas.

Em síntese, a atuação que a Fundação Lemann desenvolve no campo da educação se caracteriza por uma estratégia de disseminação dos princípios do mundo empresarial na sociedade, que impõe seus discursos através das revistas que vende. Oliveira (2019, p. 166) destaca que esse movimento todo resulta numa eficiente

(...) publicização da cultura empresarial, quanto pelo que entendemos ser o mais determinante aspecto dessa recente atuação de grupos privados - “o empresariamento do fundo público”, uma novidade que convive harmonicamente com as tradicionais estratégias de acumulação da riqueza.

Percebe-se que há relação entre uma educação que visa a resultados e o aumento da competitividade econômica. Nesse sentido, concordamos com D’Ávila (2013, p. 66) ao afirmar que

(...) as instituições com a mesma ideologia da Fundação Lemann são motivadas a investir na educação pública com o propósito de formar professores pautados na teoria do capital humano, de forma que os futuros trabalhadores devem ser formados para garantir o processo de mundialização e acumulação de capital.

Assim, podemos perceber que a escola está cada vez mais ofertando apenas “mão de obra” que atenda ao que o mercado de trabalho necessita, e é assim que as empresas e centros de comércio passam a envolver-se com questões educacionais no ambiente pedagógico, nas propostas de conteúdos de salas de aulas, na formação continuada do professor, introduzindo nas escolas de educação básica as racionalidades do mercado, que tendem a viabilizar apenas o lucro que essa área produz.

### 3 TECNOLOGIAS DIGITAIS E EDUCAÇÃO

Neste capítulo procura-se contextualizar as relações entre tecnologias digitais e educação, assim como abordar elementos teórico-metodológicos sobre o uso das tecnologias e mídias digitais. Para tanto, procuramos entender como todo esse universo, entre internet e redes sociais, se configura nas nossas vidas na atualidade, seja entre adultos, adolescentes ou crianças, refletindo como essas mudanças da cultura contemporânea interferem nos espaços educativos escolares.

Segundo Kenski (2012), “as tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana”, isso porque tecnologia não diz respeito apenas a computadores, notebooks e celulares. A linguagem, a escrita, também se traduzem como tecnologias, assim como, o lápis, o caderno, a caneta e o quadro (de giz, branco) que é usado ainda na maioria das escolas.

Conforme afirmam Lopes e Monteiro (2014, p. 31)

(...) a palavra tecnologia se traduz desde os artefatos pré-históricos, como a descoberta do fogo ou a invenção da roda, até os objetos mais modernos, como os dispositivos móveis digitais. (...) faz-se substancial romper com a equivocada, porém fortemente disseminada, ideia de que tecnologia se restringe aos mais recentes aparatos eletrônicos ou digitais.

Por isso a necessidade de refletir e investigar as relações entre tecnologias e educação. Por já ter incorporado ao seu universo, há muito tempo, os materiais manuais e livros impressos, muitas vezes se consideram tecnologias apenas o que está por trás de uma tela, e a novidade caracteriza-se somente pelo que é digital.

Ao abordar sobre tecnologias devemos considerar os avanços sociais que elas provocam, sua evolução não se dispõe apenas nas novas ferramentas, pois elas se refletem também em comportamentos. Kenski (2012) afirma que a ampliação e o uso de determinadas tecnologias se sobressaem à cultura existente, e transformam o comportamento individual e coletivo, por isso essas mudanças também provocam impactos nas sociedades industrializadas e urbanizadas em que vivemos.

Nessa direção, Lévy (2010, p. 7) afirma que

(...) novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência, dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria.

Assim, os processos de aprendizagem transformam-se de acordo com as mudanças da sociedade, entendendo-se que a educação abrange as formas de produção de ideias, valores, conhecimentos, símbolos, conceitos, necessários à constituição da humanidade.

As mudanças não consistem apenas na utilização de novos produtos ou equipamentos, mas também nos comportamentos dos membros ativos da sociedade perante eles. Conforme elucida Ponte (2000, p. 3),

(...) temos aqui um problema de terminologia. Durante muitos anos falava-se apenas no computador. Depois, com a proeminência que os periféricos começaram a ter (impressoras, plotters, scanners, etc.) começou a falar-se em novas tecnologias de informação (NTI). Com a associação entre informática e telecomunicações generalizou-se o termo tecnologias de informação e comunicação (TIC).

TIC é o conceito utilizado para expressar a ligação entre a informática e as telecomunicações, abrangendo as ferramentas computacionais e os meios de telecomunicações, como rádio, televisão, Internet, instrumentos que facilitam a circulação das informações.

Diógenes Gewehr (2016, p. 25) explica que

(...) atualmente, surge um novo conceito: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), que se diferenciam das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pela aplicação de elementos digitais (...) as TDICs englobam, ainda, uma tecnologia mais avançada: a digital. Por meio desta é possível processar qualquer informação, o que provocou mudanças radicais na vida das pessoas, principalmente no que se refere à comunicação instantânea e busca por informações.

Portanto, optou-se em abordar na redação deste trabalho as TDIC, sigla utilizada por Fontana e Cordenonsi (2015), por ser uma nomenclatura mais atual e contemplar as tecnologias digitais, cada vez mais presentes na sociedade.

### **3.1 Internet, Redes Sociais, Cibercultura**

De acordo com Gewehr (2016, p. 25), a internet é uma “rede remota internacional de ampla área geográfica, que proporciona transferência de arquivos e dados, juntamente com funções de correio eletrônico para milhões de usuários ao redor do mundo”. Sabe-se que a Internet é muito mais ampla que este conceito, através das mídias ela promove a interação, superando as distâncias geográficas; disponibiliza o alcance rápido e fácil às informações; possibilita o acesso ao lazer; oferece até mesmo a criação de novos serviços, facilitando, e muito, a vida das pessoas.

Gewehr (2016, p. 26) cita que há “3,4 bilhões de pessoas conectadas à Internet no mundo, segundo dados divulgados pela Pesquisa Digital in 2016, da We Are Social”. Atualmente, 4,1 bilhões de pessoas estão conectadas à internet, ou seja, 55% da população mundial, conforme mostra o mais recente relatório divulgado pela HootSuit e pela We Are Social, em 17 de outubro de 2018.

Os celulares são a principal porta de acesso para a internet hoje, dominando 51,6% do tráfego, e vêm seguidos por computadores (44,1%), tablets (4,2%) e outros dispositivos (0,1%).

O site *tecmundo.com.br* destaca as redes sociais mais utilizadas. A primeira delas é o Facebook, com 2,234 bilhões de usuários no mundo; em segundo o YouTube com 1,903 bilhão; na sequência, o WhatsApp, com 1,5 bilhão; o Facebook Messenger, com 1,3 bilhão; o Weixin/WeChat, com 1,058 bilhão e o Instagram com 1 bilhão. Outras redes sociais menos conhecidas também contam com milhões de usuários.

Pierre Lévy (2010) afirma que a Internet é um “dilúvio”, pois a quantidade de dados disponíveis que encontramos na internet, tanto para informações mundiais, quanto para informações pessoais, é abundante o tempo todo e a todo o momento. O autor ainda ressalta que isso vem a resultar em um “transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contrapropagandas” (LÉVY, 2010, p. 13).

E com isso, esclarece Lévy (2010), o ciberespaço entrou na era comercial, tudo o que precisamos encontramos nos sites da internet, móveis, roupas, produtos eletrônicos, eletrodomésticos, exatamente tudo. E grande parte da população já aderiu ou está aderindo a este sistema de compras online sem sair de casa.

Sobre o ciberespaço, Lévy (2010, p. 164) ainda pondera que

(...) as páginas da Web exprimem ideias, desejos, saberes, ofertas de transação de pessoas e grupos humanos. Por trás do grande hipertexto fervilham a multiplicidade e suas relações. No ciberespaço, o saber não pode mais ser conhecido como algo abstrato ou transcendente.

A “cibercultura” é um conceito que o autor formula para tratar da cultura que surge a partir da rede de computadores, celulares e demais suportes tecnológicos e também os fenômenos associados à internet. Cibercultura, portanto, se define em comunicações de rede, comunidades online, jogos sociais, mídias sociais, etc.

Lévy (2010, p. 15) expõe sua hipótese de que

(...) cibercultura leva a copresença das mensagens de volta a seu contexto, como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente. A nova universalidade não depende mais da autossuficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente.

Pierre Lévy (1999) refere-se à cibercultura, não com o intuito de fazer uma crítica pelos impactos que as tecnologias trazem, e nem com o otimismo de que ela seria a solução para todos os problemas do mundo e da educação principalmente. O autor propõe que nos mantenhamos receptivos às novidades da comunicação, tecnologias digitais, internet e redes sociais, e que tentemos entendê-las, busquemos reconhecer as mudanças que resultam dessas redes sociais para a cultura.

Ao conceituar os termos *cibercultura* e *ciberespaço*, Lévy (2010, p. 17) aponta que

O termo *ciberespaço* especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo '*cibercultura*', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

A cibercultura e o ciberespaço vêm transformando a forma como vivemos, nos comportamos e nos relacionamos com outras pessoas. Grande parte da população, nas sociedades urbanizadas e industrializadas, já faz uso de computadores, celulares e da internet, para facilitar os afazeres do dia-a-dia, bem como para agilizar as formas de se comunicar.

Como afirma Pierre Lévy (2010, p. 4),

(...) as telecomunicações são de fato responsáveis por estender de uma ponta a outra do mundo as possibilidades de contato amigável, de transação contratuais, de transmissões de saber, de trocas de conhecimentos, de descoberta pacífica das diferenças.

Juliana Albach (2012, p. 140) ao realizar sua pesquisa sobre as tecnologias, configura a internet e outros meios tecnológicos afirmando que

(...) as tecnologias eletrônicas da informação alteram nossas dinâmicas de vida, reestruturando nossas relações com a cultura. Marcadamente, o computador tornou-se o exemplo da técnica que altera a realidade (pensando-se nos usos que se fazem dele). Não há como negar que ele, conjuntamente com a internet, instaurou novas relações humanas e com o conhecimento. Modificou nossas relações com o mundo, com os outros e como nos relacionamos com nós mesmos. Reestruturou nossa configuração de pensamento a tal ponto que vem alterando nossos conceitos mais fundamentais, ou seja, nossas relações de tempo e espaço, tornando-as mais fluidas e fragmentadas.

Para muitas pessoas, o uso dos aplicativos digitais deixou de ser novidade e se tornou praticidade. Como afirma Albach (2012, p. 140), do ponto de vista dos mais jovens, a internet

é um meio já instituído, presente em suas vidas desde praticamente sempre, pois já nasceram em meio ao mundo digital. A autora define que, para os jovens, é quase como uma “segunda pele”, como um capital incorporado.

O que a internet inaugura, então, é uma nova forma de interação das pessoas, de veiculação de informações que teve início com as mídias clássicas (televisão, rádio), interligadas com os processos de comunicação (como o telefone), que alteraram as formas de relações entre as pessoas, aproximando as fronteiras. Ou seja, não é a internet sozinha que modificou a sociedade, mas um conjunto de fatores que culminou na popularização do computador e da internet (ALBACH, 2012, p. 140).

Pierre Lévy (2010, p. 15), ao fundamentar o uso da internet nesse meio das comunicações e telecomunicações, aponta o “*dilúvio*” e diz que “(...) não há nenhum fundo sólido sob o oceano de informações. Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, flutuar, talvez a navegar”.

Albach (2012, p. 140) explica os conceitos trazidos por Lévy e diz que

(...) a partir desse oceano é formada uma cultura, a cibercultura, caracterizada pelas relações que se dão no ciberespaço. Ciberespaço é o mesmo que rede, ou seja, um meio de comunicação surgido através dos computadores conectados mundialmente, abarcando tanto as informações que por ele circulam quanto os seres humanos que o utilizam. Cibercultura, portanto, são as técnicas, práticas, atitudes, formas de pensamento, linguagem, valores decorrentes de acesso/uso/crescimento do ciberespaço.

Lévy (2010, p. 32) afirma que as tecnologias digitais surgiram como a infraestrutura do ciberespaço, ou seja, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transição, mas também um novo mercado da informação e do conhecimento.

A internet se estrutura por conter sons, imagens, vídeos e textos, são diversos fatores que configuram um meio de cultura que, como afirma Albach (2012, p. 36), “altera nossos modos de leitura e escrita e, enfim, a nossa relação com o mundo ao nosso redor”. Assim, a internet veicula diversas formas de informação e compartilhamentos de conteúdos das mídias, gerando diversas formas de leitura e escrita.

Nessa direção, constatamos que estamos vivendo em um mundo formado na maior parte do tempo por relações virtuais, que implica em novas relações de tempo e espaço, alterando as noções de aqui e agora. A facilidade dessas comunicações gera o comodismo de tudo ser resolvido e produzido rapidamente pelos meios virtuais de fácil acesso a todos, com isso, a informatização faz com que nos socializemos dessa forma. Albach (2012, p. 141) diz que “são modelos, portanto, que transbordam as relações estabelecidas com a internet e passam a fazer parte do mundo social”.

### 3.2 O uso das mídias e tecnologias em contextos escolares

Quem circula em contextos de educação escolar e atua na docência, muitas vezes depara-se com dificuldades de interagir com os alunos, sejam eles crianças ou adolescentes. Tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental ou médio, parece que os professores e alunos estão em conexões diferentes, muitas vezes é difícil estabelecer o diálogo entre eles. As escolas passam por grandes dificuldades em estabelecer laços de afetividade, principalmente com os adolescentes.

Enquanto os alunos de hoje vivem fundidos com diversos dispositivos eletrônicos e digitais, a escola continua obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicos: isso talvez explique por que os dois não se entendem e as coisas já não funcionam como se esperaria (SIBILIA, 2012, p. 181).

Sibilia destaca que, muitas vezes, a escola parece não suprir nem atender às demandas de aprendizagem que tem a oferecer, pois nos deparamos com uma parcela de crianças que estão inseridas em uma cultura digital muito à frente dos adultos. Manuseiam aparelhos e estão em contato com muitas informações que o YouTube, facebook e outras redes trazem. Com isso, podemos observar como os adolescentes e as crianças lidam com as mídias de formas específicas, conectados e atentos às novidades muito mais do que os adultos, sem falar na facilidade com que lidam com os dispositivos digitais que acessam.

Para Paula Sibilia (2012, p. 182),

(...) a aparelhagem tecnológica é considerada um mero instrumento a ser incorporado às práticas escolares, como se fosse uma ferramenta neutra capaz de atualizá-las, remediando assim a tão proclamada crise. É evidente que essas adaptações são necessárias e até promissoras, mas seria ingênuo acreditar que solucionarão por si sós os complicados problemas.

Assim como os recursos tecnológicos não são a resposta para as escolas resolverem seus dilemas, telefones celulares, computadores e a internet não são recursos neutros, pois sua eficácia dependeria da utilização que lhes é dada. Sibilia (2012) reforça que essas máquinas “não são nem boas, nem más, porém tão pouco se pode supor que sejam neutras”. O que diferencia é o uso, por mais que haja flexibilidade na conduta por parte dos usuários. Sibilia (2012, p. 182-183) acrescenta que

(...) no final da primeira década do século XXI e começo da segunda, após várias marchas e contramarchas, os órgãos públicos de diversos países começaram a distribuir centenas de milhares de computadores portáteis a alunos e professores, e instalaram terminais de acesso à internet por banda larga nas escolas. (...) esse gesto implica abrir as portas das escolas para a estrada dos novos dispositivos digitais.

Com isso, a escola começaria a enfrentar desafios, pois era uma grande novidade a ser encarada e também gerava grande expectativa quanto aos resultados que essas tecnologias trariam para a educação. A autora aponta, nessa perspectiva, que a escola está em crise, também por conta dos dispositivos e aparelhos tecnológicos, meios de comunicação e informação que se encaixam nos corpos dos jovens e crianças. Para ela, tal mudança está afetando o funcionamento da escola, por estar diretamente ligada aos modos de ser e às subjetividades dos alunos que fluem com essas conexões.

Sibilia (2012), então, faz uma analogia entre as redes e paredes da sala de aula relatando que os alunos se sentem entediados dentro das paredes da escola, suas mentes já não ocupam mais os espaços internos, pois estão conectados às redes virtuais, assim, o conflito está instalado, vertendo sobre os muros da escola, permeando nas redes de relações que se multiplicam nos espaços e tempos virtuais. A autora afirma que as redes já invadiram as paredes da escola.

Ao refletirmos sobre as redes, as mídias e as tecnologias digitais nos ambientes educativos, entramos em divergência com professores e suas propostas pedagógicas, principalmente no que diz respeito à utilização pedagógica desses meios, conforme afirmam Secchi, Severo e Oliveira (2014, p. 65): “faz-se necessário ter em mente que as tecnologias devem estar presentes em sala de aula. Entretanto, de nada adianta existirem se não estiverem a favor do aprendizado dos alunos a partir do planejamento docente”.

Prazeres (2013, p. 92) ressalta que há um discurso disseminado nas mídias, “como se as tecnologias tivessem o poder de renovar a escola, devolvendo a ela uma função que ela nunca teve ou nunca pretendeu ter: seduzir o alunado”. Com isso, os textos trazem diversas formas possíveis de usar tecnologias nas aulas a fim de tentar provar sua eficácia.

Após ter analisado diversos discursos que os meios produzem sobre tecnologias nas escolas, Prazeres (2013, p. 99) constata que

(...) o *impacto* das tecnologias na educação é retratado pelos jornais - nos títulos das matérias, em seus conteúdos e através do *poder de fala* concedido a *autoridades* - como algo positivo, relacionado à melhoria da qualidade da educação e a uma transformação ampla que pode significar uma *revolução*. Esta principalmente associada a rupturas relacionadas às práticas pedagógicas e, conseqüentemente, diz respeito a uma mudança que envolve alunos, professores e toda a comunidade escolar, fazendo das aulas momentos mais interessantes e até descontraídos; e da escola um ambiente mais agradável e atraente para o estudo.

As tecnologias trazem às escolas o discurso de “inovação”, como se a responsabilidade de fazer algo diferente e novo fosse somente delas. Mas, acreditamos que as tecnologias devem ser tratadas apenas como mais uma ferramenta, e que se favorecem os professores e facilitam

alguns manuseios aos conteúdos, devem sim, serem utilizadas, porém, a tarefa de proporcionar inovação, conhecimento e atratividade aos educandos, não são delas, por si mesmas.

Nesse sentido, Lévy (2010, p. 174) explica que

(...) não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, e as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno.

Assim, entende-se que a tecnologia na escola não seja apenas um recurso de sala de aula, e que as tecnologias trazidas pelos alunos não sejam apenas uma forma de entretenimento ou uma forma de distração durante as aulas, mas que ambas, escola e tecnologias, possam caminhar juntas para auxiliar na educação e melhorar a compreensão dos conteúdos aplicados nas aulas, desenvolvendo nos estudantes mais reflexões, mais críticas e mais soluções aos problemas discutidos em sala de aula.

Paula Sibilía (2012, p. 12) traz concepções importantes para pensarmos a escola, com conclusões esclarecedoras sobre os novos tempos, bem como dilemas éticos, estéticos e as inéditas maneiras de convivência, de ensino e de aprendizagem, porém, não colocando o abandono da escola como instituição formadora, mas buscando dar sentido ao novo. A autora fala em “buscar novas armas”. Por isso, as tecnologias não podem ser concebidas como garantidoras da excelência escolar, mas sim como espaços de encontro e diálogo. Para Sibilía (2012, p. 13), a escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI.

Difícil negarmos essa “incompatibilidade” entre as escolas e os jovens, caracterizados por Sibilía (2012) como nativos digitais. A autora afirma que

(...) trata-se de uma transformação tão intensa que costuma despertar toda sorte de perplexidades, especialmente naqueles que não nasceram imersos no novo ambiente, mas atravessam essa mutação e agora sentem seus efeitos na própria pele. Afinal, estamos aludidos a uma transição entre certos modos de ser e estar no mundo, os quais, sem dúvida eram mais compatíveis com o colégio tradicional e com as diversas tecnologias adstritas à linguagem escolar” (SIBILIA, 2012, p. 16).

Grande parte das escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul costuma proibir o uso de aparelho celular, e, para isso, se ampara na Lei nº 12.884 estabelecida em janeiro de 2008, nestes termos: “Fica proibida a utilização de aparelhos de telefonia celular dentro das salas de aula, nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul”. A referida lei aplica-se também ao corpo docente, “exceto nos casos em que a escola autorize o uso dos aparelhos para fins didáticos”, como destaca Sibilía (2012, p. 173).

Contudo, podemos fazer uma reflexão do modelo de sociedade em que estamos inseridos e nas transformações que vêm ocorrendo na educação. As informações circulam facilmente e são lançadas para dentro das “paredes da escola”, termo muito utilizado por Sibilía (2012). É nítido observarmos que aparelhos de tecnologias digitais, como celulares, estão presentes nas salas de aulas, a interseção entre as redes sociais – Facebook, Twitter, WhatsApp e Instagram – são recursos utilizados pela maioria dos alunos. Sibilía (2012, p. 174) afirma que estes recursos são intensamente utilizados pelos colegas em escala planetária e já vêm se infiltrando nas paredes da escola sem necessidade de derrubá-las fisicamente.

Os mais jovens, e também as crianças, parecem ser os grandes admiradores e usuários assíduos, dedicam seu maior tempo para jogos e bate papos nas redes, por isso, como alerta Sibilía (2012, p. 177),

(...) muitas vezes o fazem, inclusive driblando as eventuais proibições e hierarquias escolares; aliás, costumam recorrer a essas conexões para sobreviver à chatice que implica ter que passar boa parte de seus dias encerrados nas salas de aula, mais desesperadamente desconectados que disciplinadamente confinados.

Concorda-se com Sibilía ao afirmar que as escolas ainda estão muito resistentes em aceitar o fluxo dos dispositivos de celulares e outras aparelhagens, em seu meio educacional, pois há dúvidas imensas sobre os usos e direcionamentos que são feitos a partir deles. Um dos questionamentos recorrentes é “como dialogar, ensinar e aprender em novas circunstâncias tão desafiadoras?” Sibilía (2012, p. 178) responde à indagação dizendo que “(...) talvez a resposta seja esta: instituindo em cada caso o papel do outro e o de si mesmo, pensando e enunciando sempre as regras segundo as quais serão organizadas as significações”.

Conquistar a atenção dos alunos em sala de aula parece ser o grande desafio das escolas, num cenário em que os aparelhos e ferramentas tecnológicas figuram como a grande distração para que eles não se “conectem” aos professores e à aprendizagem. Todavia, como diz Sibilía (2012, p. 192), “sabemos que os celulares não são os únicos responsáveis por distrair os alunos e atrapalhar as aulas”.

A autora ressalta que “a conexão deve ser muito seriamente pensada para evitar-se que gere pura desagregação”, de modo que o uso desses aparelhos não se converta em um “novo e poderoso agente de dispersão ou de fuga”, pois é inútil tentar barrá-lo, agora o problema é ensinar a lidar com ele.

Trata-se de algo extremamente difícil, para o qual os professores deveriam ser “capacitados” tanto ou mais do que para lidar com os computadores e seus programas didáticos. Mas o problema é maior ainda, pois talvez ninguém saiba realmente em que consiste esse ensino, e é muito duvidoso que os docentes contemporâneos possam

assumir essa tarefa tendo-se dissolvido o mito da transmissão, sobretudo nesse campo em que os jovens parecem “saber” mais que eles (SIBILIA, 2012, p. 192).

Não é uma tarefa simples que a educação enfrenta em corresponder às expectativas de uso das tecnologias digitais, porém, já sabemos que há um acervo de possibilidades e alternativas a desenvolver na sala de aula. Sibilia (2012, p. 192) afirma que “[...] assim como a relação professor-aluno em rede, talvez os usos escolares do tempo e do espaço – herdados de modo quase intacto do velho dispositivo pedagógico – devam também ser repensados e reformulados de forma radical”.

É um enorme obstáculo que a escola tem a enfrentar com as redes de comunicação, informática ou o que vier pela frente. Com esse desafio também irão surgir mudanças nas definições de escola e aprendizagem, mudanças que precisarão de espaço, reflexão, experiências e, principalmente, diálogo.

Sibilia (2012) então finaliza a obra afirmando a necessidade não de paredes, mas sim de pontes, entre professores e alunos, pontes que deem sustentação ao ensino-aprendizagem na escola, relações entre tecnologias, professores e alunos que sustentem a conversa e o ensino que devem estar presentes no cotidiano escolar.

### 3.3 As apropriações que os jovens fazem da Internet

A cultura popular, contudo, desempenha um papel central na vida dos mais jovens. Primeira atividade de prazer e principal fonte de informação, a televisão, o cinema, a música, a rádio, os jornais e as novas tecnologias afetam e influem sobre a maneira como os garotos percebem a realidade e interagem com o mundo (MORDUCHOWICZ, 2010, p. 12).<sup>11</sup>

Muito se discute e se pesquisa sobre essa nova geração de jovens que nascem guiados pelas tecnologias digitais. Eles se desenvolvem com modos de ser e estar no mundo muito diferentes de seus pais, por exemplo, muitas vezes é difícil compreendê-los. Os jovens crescem e se expressam em uma cultura digital diferente, e digamos também, que muito à frente dos adultos. Nessa direção, Albach (2012, p.142) afirma que

(...) a juventude é uma categoria socialmente construída, histórica, marca um tempo, uma geração, que deve ser entendida em sua diversidade, que se constitui identitariamente através dos bens culturais oferecidos pela cultura das mídias. É também uma força social renovadora, que reestrutura e abala as bases sociais, implementando mudanças.

<sup>11</sup> Tradução nossa. No original: “La cultura popular, sin embargo, desempeña un papel central en la vida de los más jóvenes. Primera actividad de placer y principal fuente de información, la televisión, el cine, la música, la radio, los diarios e las nuevas tecnologías afectan e influyen sobre la manera en que los chicos perciben la realidad e interactúan con el mundo” (MORDUCHOWICZ, 2010, p. 12).

Assim, os jovens se estabelecem e se agrupam de forma a encontrar seus gostos em comum, como diz Albach (2012, p. 142): “essas maneiras de distinção são formadas pela adoção de marcas de gosto, muitas vezes expressadas no próprio corpo”. Eles se agrupam por gostos de músicas, pelos lugares frequentados. A autora destaca que “a internet parece, hoje, como mais um lugar de convívio para os jovens. É um lugar de encontro e interação entre os pares” (ALBACH, 2012, p. 142).

Morduchowicz (2010, p. 44), por sua vez, aponta que

Os meios, como sistemas de representação, constroem lugares e espaços desde onde os indivíduos podem se situar e falar. Nos dizem que significa ocupar e pertencer a uma posição e a uma identidade particulares, e o que se sente ao estar excluído delas. Propõem sistemas de classificação e estabelecem os limites simbólicos entre o que se inclui e o que se exclui. Sugerem que é normal e definem quem pertence e quem está fora dessa normalidade.<sup>12</sup>

Morduchowicz (2010) fala em fortalecer o capital cultural dos jovens. A escola ainda é um lugar fundamental para a produção de conhecimento, para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e para a compreensão do sentido da vida, do mundo que nos rodeia e do nosso relacionamento com os outros. Esta autora indica que o objetivo da escola é proporcionar esse capital cultural aos alunos, assim, possibilita que eles descubram os significados explícitos ou não do que eles veem e leem nos meios de comunicação, especialmente, na internet.

A mídia faz parte desse capital cultural, pois, ao produzir informações ela pode alterar as percepções de realidade e a nossa maneira de compreender o mundo. Os jovens experimentam o mundo e a ele atribuem significado através de suas diferentes realidades. Desta forma, Morduchowicz (2010, p. 44) afirma que

(...) a educação em meios, busca compreender a representação do mundo neles, para pensar melhor nossa própria localização nesse universo de representações, e, sobretudo, no mundo real. Uma educação em meios não se contenta com a análise dos textos; propõe uma reflexão crítica sobre os meios e sobre as relações sociais representadas em suas mensagens.<sup>13</sup>

A maneira como cada jovem se manifesta diz respeito a sua identidade. Destacamos, então, o tema da identidade dos jovens, que é muito importante ao refletirmos sobre as mídias

<sup>12</sup> Tradução nossa. No original: “Los medios, como sistemas de representación, construyen lugares y espacios desde donde los individuos pueden ubicarse y hablar. Nos dicen qué significa ocupar y pertenecer a una posición y a una identidad particulares, y qué se siente al estar excluido de ellas. Proponen sistemas de clasificación y establecen los límites simbólicos entre lo que se incluyen y lo que se excluye. Sugieren lo que es normal y definen quién pertenece y quién está fuera de esa normalidad” (MORDUCHOWICZ, 2010, p. 44).

<sup>13</sup> Tradução nossa. No original: “(...) la educación en medios, busca comprender la representación del mundo en ellos, para pensar mejor nuestra propia ubicación en ese universo de representaciones, y, sobre todo, en el mundo real. Una educación en medios no se contenta con el análisis de los textos; propone una reflexión crítica sobre los medios y sobre las relaciones sociales representadas en sus mensajes” (MORDUCHOWICZ, 2010, p. 44).

e tecnologias digitais. Nos dias de hoje a identidade se produz, em larga medida, através das redes sociais, dificilmente encontramos adolescentes que já não tenham seu perfil online atualizado, com características próprias, fatos e acontecimentos do dia a dia, seja no Instagram, Facebook, Twitter ou outros dispositivos de relacionamento. Morduchowicz (2010, p. 12) afirma que “as identidades dos jovens desenvolvem na intersecção do texto escrito, da imagem eletrônica e da cultura popular”.<sup>14</sup>

As mídias, portanto, participam fortemente na construção da identidade das crianças e jovens, e essas identidades geralmente não são definidas apenas pelos livros que leem, pelas aulas que assistem ou pelos conselhos de familiares, mas, sobretudo pelas redes sociais que acessam.

Principalmente nos dois últimos anos, 2018 e 2019, o marco principal das redes sociais e também canais de informações, como o YouTube, se estabelece pela quantidade de seguidores que os usuários podem ter. Sibilía (2012, p. 186) diz que “a sociedade informacional não *conecta*, mas tende a *desligar*, dificultando as possibilidades de dialogar ou de compor uma experiência junto com os demais”.

De fato, está surgindo uma nova geração, formada de maneira totalmente diferente das anteriores, constituída por uma cultura digital, fazendo apropriações de formas diferentes também. Desse modo, Albach (2012, p. 143) afirma que os jovens “constituem novas formas de ser e estar no mundo, são novas juventudes sendo formadas por meio de mecanismos que não estão claros para os adultos. Ou seja, novas formas de alteridade surgem com essa juventude”.

Podemos destacar, então, uma série de movimentos e alterações que estão acontecendo e chegando até o contexto escolar, já que a escola faz parte da sociedade, e desenvolve um papel fundamental, todas essas alterações acabam por refletir nela. Por isso as divergências que se produzem no ambiente educativo, entre professores e alunos. Albach (2012, p. 143) afirma que a escola

(...) parece não acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade, além de veicular uma cultura aparentemente ultrapassada para os mecanismos sociais atuais. Dessa forma, há uma nova configuração social, psíquica, relacional, gerada pela inserção das novas tecnologias, e é preciso refletir acerca desses processos.

A tecnologia digital faz parte de uma configuração social e cultural, está presente na sociedade, nas escolas, em todo lugar. E com isso altera não só os modos de ser dos jovens, mas também dos adultos e das crianças, que já portam um conhecimento e um manuseio muito

---

<sup>14</sup> Tradução nossa. No original: “las identidades de los jóvenes se transan en la intersección del texto escrito, la imagen electrónica y la cultura popular” (MORDUCHOWICZ, 2010, p. 12).

grande com os dispositivos eletrônicos. Entender como o ser humano, jovens e crianças principalmente, fazem uso desse mecanismo é tentar compreender como se dá a socialização nos tempos atuais.

Juliana Albach (2012, p. 144) explica essa transição, nestes termos:

Uma nova cultura juvenil se estrutura em torno da internet, articulada por meio de uma sociabilidade virtual, de acordo com Tapscott (1999), uma nova geração se formou em torno das mídias, em especial, com o uso da internet como marca. Essa geração que está surgindo é formada pelos jovens que crescem com a mídia (os nascidos após 1994, pois é a partir desta data, de acordo com o autor, a popularização da internet). Possuem uma marca fundamental: as tecnologias são naturais, simples, pois fazem parte de suas vidas desde sempre. Os jovens que fazem parte dessa geração usam a internet para tudo: para o entretenimento, para aprendizagem, para a comunicação, para consumir. Esses jovens foram crescendo junto com a internet.

Portanto, a internet, as mídias, as tecnologias digitais, alteram nossas formas de ser e estar no mundo, configuram nosso dia a dia, nos beneficiam muitas vezes, facilitando e nos fornecendo o acesso de que precisamos em minutos. E com isso, essas ferramentas tecnológicas já estão nas escolas, elas já impactam por lá também, produzindo modificações entre os sujeitos que nela habitam. Morduchowicz (2010, p. 46) afirma que

(...) a pedagogia é, finalmente, a maneira através da qual aprendemos a nos vermos em relação com o mundo. Esse é o desafio para a escola atual: integrar a multiplicidade de espaços em que se produz tal aprendizagem.<sup>15</sup>

A escola enfrenta um grande desafio em compreender o aluno, conhecê-lo, fazer parte da sua realidade de vida, se integrar na família e principalmente fazer parte da cultura digital que é mobilizada pelas crianças e jovens.

Contudo, observa-se algo muito importante, através deste imenso universo que é o contato com as tecnologias digitais, internet, redes sociais e todas as ferramentas disponíveis de comunicação e também de aprendizagens, nenhum deles se compara à interação humana, que estabelecemos através da interação social.

Veen e Vrakking (2009, p.82) afirmam que

(...) não acreditamos ainda no potencial que a nova tecnologia tem para substituir a interação física, em grande parte porque temos a expectativa de ver e ouvir as pessoas e observar a linguagem corporal. (...) falando de maneira objetiva, estamos em parte certos, no sentido que a tecnologia ainda não pode substituir integralmente o “olhar” e o “sentir” presente nas atividades físicas.

---

<sup>15</sup> Tradução nossa. No original: “la pedagogía es, finalmente, la manera a través de la cual aprendemos a vernos a nosotros mismos en relación com el mundo. Ese es el desafío para la escuela actual: integrar la multiplicidad de espacios en los que se produce dicho aprendizaje” (MORDUCHOWICZ, 2010, p. 46).

Com isso, concluímos que, ferramentas tecnológicas não substituí o potencial de um professor em sala. Acreditamos que nenhuma máquina consiga substituir a interação física que um docente proporciona, pois ele “olha” e “sente” o aluno, assim, se provem em ensinar de várias maneiras possíveis.

## 4 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Ao chegarmos nesta etapa da pesquisa, temos como intenção a compreensão do corpus selecionado para análise. Para isto, nos apropriaremos do método de Análise Textual Discursiva (ATD) de Roque Moraes e Maria Galiuzzi (2007).

Para essa análise documental, partimos de reportagens selecionadas na Revista *Nova Escola*, sobre as quais pretendemos aprofundar a compreensão do que já foi escrito, lançando um olhar crítico e rigoroso sobre o discurso pedagógico ali veiculado.

Moraes e Galiuzzi (2007, p.13) apontam que

Todo texto possibilita uma multiplicidade de leituras, leituras essas relacionadas com as intenções dos autores, com os referenciais teóricos dos leitores e com os campos semânticos em que se inserem. (...) os materiais textuais constituem significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados.

A pesquisa qualitativa precisa contemplar a relação entre leitura e interpretação, o que diferencia sempre é a interpretação que o pesquisador irá fazer e a linha teórica que irá seguir. Moraes e Galiuzzi (2007, p. 15) afirmam que “o pesquisador exercita um esforço de construir novas teorias a partir de elementos teóricos de seus interlocutores”.

Na sequência deste capítulo, apresentamos as produções do estado do conhecimento, realizando uma revisão de literatura e um diálogo com a comunidade de pesquisadores e com os trabalhos que se aproximam desta dissertação.

Neste capítulo, iremos descrever e produzir os movimentos necessários para efetivar a análise textual discursiva sobre o *corpus* delimitado, iniciando com a explicitação dos passos detalhados por Moraes e Galiuzzi (2007).

### 4.1 Revisão de literatura e suas contribuições

Neste momento apresentamos a revisão de literatura da pesquisa, apontando os trabalhos científicos e autores que dialogam com o tema desta dissertação, buscando assim maior embasamento para o nosso estudo.

Na presente seção estabelecemos relações com produções anteriores e contextualizamos alguns autores que deram subsídios à pesquisa, compondo a área de conhecimento sobre mídias e tecnologias no âmbito educacional, fornecendo orientações para o estudo em questão. Para Messina (1998, p. 1),

(...) um estado da arte é um mapa que nos permite continuar caminhando; um estado da arte é também uma possibilidade de perceber discursos que em um primeiro exame se apresentam como descontínuos ou contraditórios. Em um estado da arte está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática de uma área do conhecimento.

Ao entrarmos em contato com o que já foi produzido no campo em que estamos pesquisando, podemos identificar, através de uma visão geral, o que já vem sendo discutido em determinada área. É importante ainda ressaltar que cada estudo defendido possui uma multiplicidade e pluralidade de enfoques e perspectivas, indicativos que esclarecem e resolvem problemáticas históricas, assim também podemos identificar as lacunas existentes para prosseguirmos com a pesquisa.

Bernard Charlot (2006) orienta que, ao iniciarmos uma pesquisa, devemos nos perguntar o que queremos saber que ninguém ainda saiba, porque se alguém já tem resposta não vale a pena fazer uma pesquisa. O autor alerta que

(...) um discurso científico sobre educação não deve ser um discurso de opinião; ele não é científico se não controla seus conceitos e não se apoia em dados. A pesquisa em educação (ou sobre educação) produz um saber, rigoroso como o é todo saber científico (CHARLOT, 2006, p. 10).

Geralmente, tudo o que queremos saber ou pesquisar, origina-se de um assunto prévio, um saber já construído e pesquisado antes, por isso a necessidade de realizarmos um estado da arte, revisando a literatura já existente sobre nosso tema de pesquisa. Para Romanowski (2006, p. 39),

(...) estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição da proposta na área focalizada.

Conferimos, na sequência, o levantamento dos trabalhos encontrados que se conectam com o tema desta pesquisa. Para direcionar as buscas, utilizamos o Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com descritores, recorte temporal, estabelecimento de critérios, levantamento dos resumos, autores principais e organização do relatório do estudo compondo a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as relações com o tema de pesquisa desta dissertação.

Com base nas inquietações já relatadas na introdução deste trabalho sobre as relações que envolvem professores e alunos frente às tecnologias no contexto escolar, as quais

impulsionaram a problemática para essa pesquisa, dialogamos agora com outros trabalhos que trataram do mesmo assunto.

Quando pensamos em tomar a Revista *Nova Escola* como campo de investigação para a pesquisa, percebemos que já nos trabalhos indicados do estado do conhecimento, alguns deles apresentam impactos pertinentes sobre o efeito que a Revista produz nos professores.

Atualmente, dispomos de recursos tecnológicos para o acesso aos trabalhos já realizados, como dissertações, teses e artigos, que facilitam ao pesquisador realizar uma vasta revisão bibliográfica sobre sua pesquisa. As ferramentas de busca tornam esse acesso mais fácil e rápido, permitindo o contato com o tema abordado através da internet.

O Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) disponibilizam estudos científicos realizados por outros acadêmicos. Por meio deles foi feita uma pesquisa inicial dos trabalhos, com três descritores principais: *Revista Nova Escola*; *Revista Nova Escola + tecnologias*; *Revista Nova Escola + tecnologias digitais*. Foi feito o recorte de tempo, pesquisando trabalhos publicados entre os anos de 2010 e 2018. Esses fatores influenciaram a busca pelas pesquisas, tornando-a mais específica.

No Catálogo da CAPES foram encontrados um total de 38.683 com o descritor *Revista Nova Escola* e 50.481 com os descritores *Revista Nova Escola + Tecnologias*. O site relatou problemas em encontrar produções com os descritores *Revista Nova Escola + tecnologias digitais*, pois os trabalhos se repetiam e a maioria não apresentava o descritor solicitado, fugindo totalmente do propósito do assunto a ser pesquisado. No portal da BDTD configurou-se o seguinte cenário: *Revista Nova Escola* (559); *Revista Nova Escola + Tecnologias* (256) e *Revista Nova Escola + Tecnologias Digitais* (172 trabalhos encontrados).

Muitos dos trabalhos localizados com tais descritores foram desconsiderados, por não apresentarem objetivos aproximados à proposta desta pesquisa. A partir da leitura do resumo dos trabalhos selecionados, percebeu-se que poucos abordam o tema das Tecnologias na *Revista Nova Escola*. Os assuntos eram intermináveis como Neurociência na *Revista Nova Escola*, Matemática, Formação de professores, Políticas Públicas, Alfabetização, dentre outros. Todavia, ainda que não tratassem de tecnologias, alguns destes trabalhos contribuíram na construção do histórico da Revista, na compreensão da sua fundação e estrutura. Dentre estes foram utilizados trabalhos e também alguns artigos fundamentais para a compreensão de como a Revista foi criada, como se pode verificar no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Produção Científica CAPES e BDTD (2010 - 2017)

	<b>Produção</b>	<b>Autor/a</b>	<b>Título</b>
01	Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de São Carlos, 2010.	Roselaine Ripa	<i>Nova Escola</i> – “A revista de quem educa”: a fabricação de modelos ideais do ser professor.
02	Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Londrina, 2014.	Michelle Mayara Praxedes Silva	Revista <i>Nova Escola</i> e Políticas Públicas de Educação Especial: a disseminação de um discurso.

Fonte: Sistematização da autora a partir do Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), 2019.

Após a leitura e registros dessas dissertações e teses, restaram apenas cinco que se aproximam com o tema desta pesquisa e foram consideradas fundamentais para a abordagem em questão. Ao encontrar dois trabalhos de 2008 e 2009 relevantes para o tema de pesquisa e importantes para observação, foi necessário recuar dois anos do recorte temporal nos catálogos CAPES e BDTD, assim a procura ficou entre os anos de 2008 a 2017. Esses trabalhos estão situados na área da Educação e foram escolhidos para leitura aprofundada. Seguem identificados no Quadro 2.

Quadro 2: Produção científica sobre Tecnologias na Revista *Nova Escola*. CAPES e BDTD (2008-2017)

	<b>Produção</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>
01	Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Paraná, 2008.	Rejane Klein	O discurso sobre as novas tecnologias e a subjetivação docente: a docência na rede.
02	Dissertação de Mestrado em Comunicação. UNIMAR, 2009.	Dora Alice Belavenutti Martins da Silva	A mídia a serviço da educação: a Revista <i>Nova Escola</i> .
03	Tese de Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo, 2013.	Michelle Prazeres	A moderna socialização escolar – Um estudo sobre a construção da crença nas tecnologias digitais e seus efeitos para o campo da educação.
04	Dissertação de Mestrado Acadêmico em Humanidades. UNIGRANRIO, 2016.	Maria Clarisse Rebelo Dias	Discurso Midiático na Educação.

05	Dissertação de Mestrado em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Pelotas, 2017.	Marlei Scheunemann Schneider	Tecnologias digitais de comunicação e informação e pedagogias do século XXI: o discurso dos professores na Revista <i>Nova Escola</i> e no portal do professor e a produção de sentido perante ao “novo”.
----	---	------------------------------	---

Fonte: Sistematização da autora a partir do Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), 2019.

Estes trabalhos de mais estreita proximidade com a pesquisa foram lidos com maior atenção e analisados sob pontos específicos: *objetivos, problema, metodologia, conclusões e autores trabalhados*. Na sequência apresentamos os itens fundamentais destes trabalhos escolhidos para análise.

Quadro 3: Síntese das dissertações e teses selecionadas (2008 - 2017)

	<b>Objetivos</b>	<b>Problema</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Conclusões</b>	<b>Autores Trabalhados</b>
01 <sup>16</sup>	Refletir sobre a relação entre a educação e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na atualidade.	Como as novas tecnologias estão sendo usadas no ambiente escolar e quais mudanças elas promovem na forma de ensinar e aprender em sala de aula?	Pesquisa bibliográfica e uma revisão crítica de literatura, baseando-se em alguns autores, para trabalhar conceitos relacionados à formação de professores e mídias digitais, principalmente as metodologias do século XXI. Foram utilizadas entrevistas de professores publicadas na Revista Nova Escola (2012) e no Portal do Professor (2008, 2009, 2011, 2014).	Concluiu-se que as práticas de ensino-aprendizagem ampliam as possibilidades cognitivas através da interação entre a informação, o aluno e os diversos campos do saber, promovendo a reflexão sobre a ação tecnológica no processo educativo.	Almeida (2005), Pretto (2001), Carbonel (2016), Valente (2015), Demo (2012).

<sup>16</sup> Marlei Scheunemann Schneider, 2017.

02 17	Analisar os conteúdos, baseado em Laurence Bardin (2011), dos editoriais da Revista <i>Nova Escola</i> . Analisar os conteúdos da Revista, em especial das Capas e Seções.	O que a mídia transmite em seu discurso que contribui para o aprimoramento dos professores em geral e em especial, dos docentes de Matemática?	A pesquisa tem caráter bibliográfico com análise de material midiático. Utilizaram-se livros, periódicos, sites, artigos acadêmicos, dentre outros. Um estudo é feito, exemplar por exemplar da Revista <i>Nova Escola</i> , a partir dos meses de janeiro a dezembro do ano de 2014.	Constatou-se que para conseguir adesão de seus leitores, a Revista <i>Nova Escola</i> lançou mão, em seus textos, de vocábulos que se ligam à autoridade. Utilizou-se de argumentos de especialistas ou professores de todo o Brasil, para validar o ponto de vista dos autores dos textos.	Laurence Bardin (2011)
03 18	Analisar como as tecnologias são representadas por quatro campos sociais: poder público, empresas, mídias e universidades. Averiguar se os valores promovidos nestes campos constituem um ambiente favorável ao processo de valorização, adoção e uso das tecnologias na educação.	Como se explicaria a valorização dos usos das tecnologias nas escolas? Seriam os educadores e as escolas buscando a atualização de seus currículos? Seriam os governantes no afã de se adequarem ao estilo de um novo tempo? Quais valores e posicionamentos institucionais são veiculados sobre a moderna socialização escolar? Quais instituições e posições na sociedade eles representam?	A autora caracterizou o estudo como um procedimento de análise artesanal, um exercício teórico-metodológico de promover um encontro entre os documentos, as hipóteses e objetivos da pesquisa, em permanente diálogo. Em busca de localizar informações que tratassem do tema “tecnologias digitais”, nos quatro campos, optou-se pelos documentos que enfatizam o uso ou a crítica destes recursos nos ambientes educativos.	O resultado é um olhar para as representações sobre a moderna socialização escolar, que pode desvelar a plataforma estruturante deste esquema e a partir do qual é possível visualizar os repertórios e valores de cada campo ao processo de modernização educacional, a alquimia das dinâmicas entre agentes e instituições, anunciando a lógica de construção da crença na modernização da educação via tecnologias digitais.	Barbosa (2012), Barreto (2006), Belloni (2013), Machado e Silva (2010), Baccega (2004), Buzato (2013).
04 19	Procurou-se mostrar como se ensina modos de ser docente e de se exercer a docência nos artigos, nas propagandas e	Os valores promovidos por estes campos constituem um ambiente favorável ao processo de valorização,	Analisou-se na Revista <i>Nova Escola</i> , entre o período de 1998 a 2006, relatos de experiência apresentados como exemplos de práticas bem-sucedidas. A análise do discurso utilizada	Percebe-se que a revista se coloca numa ampla rede de discursos e de saberes ao disseminar o discurso sobre novas tecnologias.	Michel Foucault (1979)

<sup>17</sup> Maria Clarisse Rebelo Dias, 2016.

<sup>18</sup> Michelle Prazeres, 2013.

<sup>19</sup> Rejane Klein, 2008.

	nas notícias veiculadas pela revista, tomando como recorte o tema sobre as novas tecnologias.	adoção e uso das tecnologias na educação?	ancorou-se na perspectiva foucaultiana, valendo-se dos estudos arqueológicos e genealógicos.	Esse discurso produz efeito de verdade e acaba constituindo determinado modo de ser docente e de exercer a docência.	
05 <sup>20</sup>	Investigar a evolução da Revista <i>Nova Escola</i> junto às reformas educacionais ocorridas no Brasil durante esta última década.	Como a <i>Nova Escola</i> acompanhou as mudanças educacionais nesta última década? Houve alteração do perfil inicial da revista para atender às reformas ocorridas na Educação?	A dissertação trata de pesquisa histórica, com base nas fontes bibliográficas e documentais da Revista <i>Nova Escola</i> entre os anos de 1998 e 2006. Foram feitas análises do discurso jornalístico de que se constituem os textos da revista, cujos estudos podem demonstrar o poder da mídia para disseminar e formar opiniões.	As práticas discursivas produzidas na revista e nas relações de poder são assumidas pelos professores-leitores. <i>As receitas que deram certo</i> fazem parte desse arranjo de fórmulas definidas como fundamentais para o reconhecimento de sujeitos eficazes.	Bakhtin (2003).

Fonte: Sistematização da autora, 2019.

Depois da síntese exposta no Quadro 3, apresenta-se uma interlocução detalhada com os trabalhos estudados, relacionando com a pesquisa que dá escopo a esta dissertação. Marlei Scheunemann Schneider (2017) produziu uma dissertação abordando a relação entre educação e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). A autora começa seu estudo fazendo um histórico da educação no Brasil, na sequência aborda as “Pedagogias do século XXI”, destacando abordagens como: Alfabetização midiática, Ensino Híbrido, Sala de aula invertida, Recursos Educacionais Abertos e o Uso das TDCI no século XXI.

Schneider (2017) apresenta o uso dessas TDCI em alguns ambientes de aprendizagem como a Escola da Ponte, Escola Desembargador Amorim Lima, o Projeto Gente, Projeto Âncora, Escolas que Inovam, EMEF Campos Salles e EMEF Zeferino Lopes de Castro. E, por último, a autora analisa o discurso dos professores na Revista *Nova Escola* que utilizam as TDCI, observando o breve panorama da mídia na educação, a partir de entrevistas com professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, colhidas da Revista *Nova Escola* e do Portal do Professor. Neles, identificam-se os argumentos usados pelos professores para desenvolver formas de ensinar e aprender através das TDIC.

<sup>20</sup> Dora Alice Belavenutti Martins da Silva, 2009.

A autora discutiu o significado de educar e as “reinvenções” da escola, sugerindo novos projetos e oportunidades que ofereçam condições de ir além da formação para o consumo e a produção, despertando a curiosidade frente às atividades inovadoras. Ela afirma que

(...) as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) servem como meio de pesquisa e comunicação entre indivíduos que compartilham o mesmo interesse. Nessa concepção, o papel do professor é favorecer um ambiente que alcance a perspectiva em trabalhar com o potencial pedagógico das tecnologias, vinculadas à sua aula, atuando como mediador e orientador das estratégias de ensino (SCHNEIDER, 2017, p. 110).

Schneider (2017) conclui, ao realizar a análise do discurso dos professores em relação às tecnologias em sala de aula na Revista *Nova Escola*, que “a tecnologia norteia as práticas de ensino-aprendizagem”, assim abrangendo a interação entre a informação e a educação com o aluno e os diversos campos do saber, promovendo a reflexão sobre a ação tecnológica no processo educativo.

Maria Clarisse Rebelo Dias (2016) realizou análise de conteúdo, baseada em Laurence Bardin, dos editoriais da revista, das capas e das seções, com exclusividade aos conteúdos de Matemática. São apresentados a retrospectiva da história das revistas segmentadas brasileiras e os aspectos gerais sobre Mídia-Educação, nestes termos:

(...) o foco desta dissertação é entender o universo da Revista Nova Escola, levando em consideração suas características tradicionais e a sua utilização como mídia impressa no ambiente escolar, num ano de Copa do Mundo e eleições para Presidente do Brasil (DIAS, 2016, p. 6).

No quarto capítulo “Mídia-Educação”, ela trata dos aspectos teóricos da mídia-educação, relata a preocupação com a formação inicial e continuada dos professores, em especial aos de Matemática. Dias (2016) ressalta em suas conclusões que a Revista produz e segue resultados positivos no ensino da Matemática, assim os leitores e assinantes que a utilizam podem fazer com que os alunos participem de aulas prazerosas, sem maiores dificuldades. A autora constatou, também, uma discriminação de gênero nos discursos da Fundação Victor Civita.

Michelle Prazeres (2013) investigou as políticas adotadas pelo estado de São Paulo para modernizar a educação via tecnologias digitais. Analisou as tecnologias dentro de quatro campos, assim nomeados: poder público, empresas, mídias e universidades. A autora propõe um desafio para a pesquisa, que é entender a complexidade da moderna socialização escolar. Como diz a autora, o foco do estudo está nas “ações educacionais baseadas nas Novas Mídias”, computadores, celulares, tablets, internet, sites, blogs, games.

Em suas considerações finais, Prazeres (2013, p. 154) ressalta uma conclusão muito importante para o tema em questão, afirmando que “a inovação é um fenômeno complexo, que abrange inúmeros aspectos além da tecnologia”. Observa que qualquer processo de inovação, em princípio, “deveria estar centrado em práticas não necessariamente novas, mas em relação a algo ou a um contexto específico, envolvendo um determinado grupo ou espaço social” (PRAZERES, 2013, p. 154). E destaca que as práticas inovadoras não necessariamente precisam ser a base de recursos tecnológicos. E, por fim, a autora cita Padilha (2012), dizendo que “a tecnologia é uma possibilidade, mas não uma obrigatoriedade - ou uma condição - para a inovação” (PRAZERES, 2013, p. 154).

Rejane Klein (2008) produziu uma pesquisa sobre os modelos de docência veiculados na Revista *Nova Escola* em torno das tecnologias que circulam no meio escolar. Ela começa sua pesquisa analisando uma reportagem da Revista do mês de maio de 2000, onde consta a imagem de uma mulher em frente a um computador, cujo título anuncia: “Eu guardo toda informação do mundo em meu quarto”, e analisa que

(...) quando Nova Escola produz as reportagens sobre o computador e a internet faz circular enunciados que apresentam quais são os saberes que o/a professor/a deve possuir, que competências e habilidades são necessárias para ensinar na era da tecnologia e, mais do que isso, como o/a professor/a deve ser, pensar e agir neste “novo tempo” (KLEIN, 2008, p. 37).

A autora enfatiza em sua pesquisa a formação continuada dos professores e mostra como a Revista ensina modos de ser docente e de exercer a docência nas propagandas, notícias e reportagens da *Nova Escola*, fazendo um recorte do tema sobre as novas tecnologias. Klein (2008) relata que a Revista constrói em seus discursos dois modelos de professor e de exercer a profissão, “o docente da era tecnológica” e o da era “pré-digital”. O primeiro representado como um sujeito autônomo porque pertence à cultura digital e ao processo de aprendizagem desta, é esforçado, criativo, democrático e conectado, utilizando-se da internet constantemente. O segundo é apresentado como o tradicional, dependente e antiquado e, por isso, os problemas da escola lhe são atribuídos.

Klein (2008, p. 168) conclui sua pesquisa afirmando que a Revista *Nova Escola* “somente pôde dizer o que disse sobre o/a docente e à docência na era da tecnologia, porque havia outros discursos sendo disseminados em outros lugares dando-lhe sustentação” e também que Revista associou ao saber da comunicação e se valeu de outros saberes para criar certas verdades sobre o professor e à docência.

O trabalho de Dora Alice Belavenutti Martins da Silva (2009) trata de uma pesquisa histórica, com base em fontes bibliográficas e documentais, sobre como as mudanças na

educação são institucionalizados pela Revista *Nova Escola*, no período de tempo de dez anos (1998 a 2008). Ela analisa, em sua dissertação, os gêneros e discursos jornalísticos da Revista *Nova Escola* e investiga o percurso da Revista junto às reformas educacionais ocorridas no Brasil naquela década, mencionadas na LDBEN, Reforma Educacional, Parâmetros Curriculares Nacionais, e demais medidas lançadas em 1998.

No capítulo dois da dissertação “A Revista Nova Escola”, Silva (2009) revisita as características históricas da Revista *Nova Escola* como mídia impressa segmentada construída pelo discurso jornalístico e discute o poder da mídia na propagação e acompanhamento de ideias na educação brasileira.

Ao fazer as considerações finais do seu trabalho, a autora conclui que há

(...) uma parceria frequente entre propostas educacionais e a evolução da revista que se adéqua para atender à especificidade do momento. O período de 1998 a 2008, recorte deste estudo, mostra um panorama pontilhado de medidas e discursos que se nutrem de uma mesma ideologia e perspectiva histórica, dizendo contribuir para a melhoria da educação nacional (SILVA, 2009, p. 97).

Assim, a autora evidencia que a Revista apresenta uma trajetória crescente dos temas educacionais da época, que se caracteriza como um objeto de divulgação no meio escolar junto ao contexto do professor. Os relatos das ações que deram certo são definidos como fórmulas para produção de conhecimento e aprendizagem dos sujeitos.

Após exibir uma breve descrição das dissertações e teses selecionadas, apresenta-se a seguir uma interlocução das pesquisas com a proposta desta dissertação.

#### **4.2 Diálogo com as pesquisas anteriores e autores, estabelecendo relações com a investigação**

Apresenta-se a seguir uma sistematização das principais ideias evidenciadas nas pesquisas analisadas anteriormente. Klein (2008), Silva (2009), Dias (2016) e Schneider (2017) analisam o discurso da Revista *Nova Escola* sobre as mídias, professores e escolas. Apesar das particularidades de cada estudo anteriormente citado, eles têm a mesma relação com o objeto, que se dá em torno da Revista *Nova Escola*, e a mesma relação com o objetivo que vem a ser os papéis e usos das tecnologias na Educação, em uma análise do seu discurso perante os leitores, que na sua maioria é voltado ao corpo docente das escolas públicas de educação básica.

A proximidade desses estudos com este trabalho de dissertação é fundamental para a problemática desta pesquisa, independentemente dos seus objetivos e resultados finais.

Constata-se que, apesar do uso de metodologias diferentes de investigação, há proximidade no instrumento dos materiais, isso aponta a coerência entre o presente estudo e os demais.

As pesquisas foram desenvolvidas sob um olhar cuidadoso sobre as reportagens que a *Nova Escola* introduz, estabelecendo o elo entre a educação e as tecnologias, e as mídias sociais, em perspectiva inteiramente voltada ao trabalho do professor e do aluno, como uma interação e formação mútua entre ambos.

As proximidades que cada estudo mostra para a nossa pesquisa, se torna fundamental para o ponto de partida inicial, para a problemática, independentemente do recorte temporal que cada autor deu a seu trabalho.

A maioria das pesquisas trata de estudo bibliográfico, que manuseia edições da Revista *Nova Escola* de tempos em tempos, analisando temas que circulam no meio escolar, e algumas assemelham-se apenas o com tema das tecnologias, trazendo resultados que são válidos para nossa pesquisa. Conseqüentemente, é importante ressaltarmos a verificação da literatura existente e a construção da memória do tema estudado que se mostram de grande interesse para o encaminhamento deste trabalho.

Assim, pode ser observado que as pesquisas se utilizam de diferentes metodologias, se aproximam pelo objeto e tema estudado, mas se distanciam pelo enfoque das diferentes perguntas de pesquisa que os autores mobilizam. Essa percepção aponta a coerência entre o presente estudo e os estudos já realizados, pois há a convergência entre a maioria dos instrumentos de pesquisa utilizados.

A verificação da literatura existente sobre o tema estudado se mostrou de fundamental importância para o encaminhamento deste trabalho, já que permitiu a percepção das perguntas que ainda não foram feitas e dos caminhos possíveis até então não percorridos. São questionamentos como: Que elementos do discurso pedagógico a Revista *Nova Escola* veicula sobre o uso de tecnologias digitais em contextos escolares? Quais ferramentas tecnológicas a Revista propõe para o professor usar em suas aulas? E, qual é o papel que a Revista atribui ao professor no uso das tecnologias digitais em sala de aula?

O caminho percorrido e os estudos realizados até aqui se tornam essenciais para começarmos a pesquisa nas páginas da RNE e lançarmos uma investigação profunda para respondermos ao problema desta dissertação, assim tentando buscar respostas ao que nos inquieta.

### 4.3 Introdução ao método

Ao nos aprofundarmos no estudo das reportagens da Revista *Nova Escola* necessitamos compreender os caminhos a que o método nos conduz, para a análise dos textos. Moraes e Galiuzzi (2007) apontam que para dar início à análise textual discursiva é preciso organizar os argumentos em quatro focos, e os três primeiros formam um ciclo como elementos principais. São eles: (1) desmontagem dos textos; (2) estabelecimento de relações; (3) captando o novo emergente; (4) um processo auto-organizado.

Os autores definem a análise textual discursiva como um processo auto-organizado na compreensão de novos elementos, que se estabelecem a partir de alguns componentes: a desconstrução do corpus; a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar em que a nova compreensão é comunicada e validada.

No ciclo de análise do *corpus* é necessário um exercício de produzir e expressar sentidos, como afirmam Moraes e Galiuzzi (2007, p. 14):

Os textos são assumidos como significantes em relação aos quais é possível exprimir sentidos simbólicos. [...] os resultados obtidos dependem tanto dos autores dos textos quanto do pesquisador.

É esse o movimento de ir além do que se está lendo, primordial para o processo de pesquisa, o qual tentamos fazer durante o caminho de estudo da dissertação. Como dizem Moraes e Galiuzzi (2007, p. 14-15), é preciso exercer uma “atitude fenomenológica”, esforço de colocar entre parênteses as próprias ideias e exercitar uma leitura a partir da perspectiva do outro”.

Toda leitura é feita a partir de alguma perspectiva teórica. [...] é impossível ver sem teoria. Diferentes teorias possibilitam os diferentes sentidos de um texto. Como as próprias teorias podem sempre modificar-se, um mesmo texto sempre pode dar origem a novos sentidos (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 15).

A análise textual discursiva parte de um conjunto de pressupostos que temos a partir da leitura que fizemos dos textos examinados. Esses textos são nosso “corpus”, que é o conjunto de documentos que compõe a pesquisa. O *corpus* é a matéria-prima da pesquisa, que neste caso destacamos como o conjunto de trinta reportagens da Revista *Nova Escola*.

Nesta pesquisa, os textos já existem previamente, então seleciona-se um conjunto que se constitui pelas reportagens sobre o tema das tecnologias na educação. Moraes e Galiuzzi (2007) apontam que esse conjunto é capaz de produzir resultados válidos e representativos em relação aos fenômenos investigados.

Os textos não carregam um significado a ser apenas identificado; trazem significantes exigindo que o leitor ou pesquisador construa significados a partir de suas teorias e pontos de vista. Isso requer que o pesquisador, em seu trabalho, se assuma como autor das interpretações que constrói a partir dos textos que analisa (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 17).

Para dar início à primeira etapa do ciclo de análise que é a desconstrução dos textos, precisamos delimitar o *corpus* de análise, destacando somente as reportagens que queremos examinar. Neste caso, se trata dos recortes que apresentam pressupostos, métodos e procedimentos anunciados pela RNE, sobre o trabalho pedagógico envolvendo as tecnologias digitais na educação.

Nesta desconstrução dos textos é que são definidas as unidades de análise que, como Moraes e Galiuzzi (2007) destacam, são “também denominadas unidades de significado ou de sentido”.

Faremos a prática de unitarização em três momentos distintos (MORAES, 1999):

- 1- Fragmentação dos textos e codificação de cada unidade.
- 2- Reescrita de cada unidade de modo que assuma um significado.
- 3- Atribuição de um nome ou título para cada unidade assim produzida.

Moraes e Galiuzzi (2007, p. 20) afirmam que nesta etapa da análise é importante “atingir um profundo envolvimento com os materiais submetidos à análise, condição para a emergência das novas compreensões”. É esse o movimento que pretendemos realizar com o *corpus* da pesquisa, uma análise rigorosa, indo além da leitura superficial dos dados.

Para o segundo momento do ciclo, que compreende o processo de categorização, Moraes e Galiuzzi apresentam três métodos. O método dedutivo – “a priori”; o método indutivo; e o método misto. O método indutivo, do qual nos apropriaremos, requer produzir as categorias a partir das unidades de análise construídas com base no *corpus*. O pesquisador vai organizando conjuntos de elementos semelhantes para formar cada categoria de análise.

As categorias de análise necessitam ser válidas ou pertinentes no que se refere aos objetivos e ao objeto de análise. Um conjunto de categorias é válido quando é capaz de propiciar uma nova compreensão sobre os fenômenos pesquisados, explicam Moraes e Galiuzzi (2007, p. 26).

Como já mencionamos, o primeiro movimento para o processo da análise textual discursiva é a separação e desmontagem do texto. Já o segundo movimento é totalmente o oposto, como estabelecem Moraes e Galiuzzi (2007, p. 31) o trabalho dá-se em “estabelecer relações, reunir semelhantes, construir categorias”.

É nesse momento que iremos iniciar a construção de um novo texto, como denominam os autores, um “metatexto”, propiciando o movimento em que o pesquisador se torna o autor de seus próprios argumentos. Os metatextos serão construídos a partir dos sentidos lidos pelo pesquisador, com interpretação e descrição dos fenômenos pesquisados. Alguns textos de análise serão mais descritivos e outros mais interpretativos, mas os dois requerem crítica constante.

Nessa direção, Moraes e Galiazzi (2007, p. 36) deixam claro que,

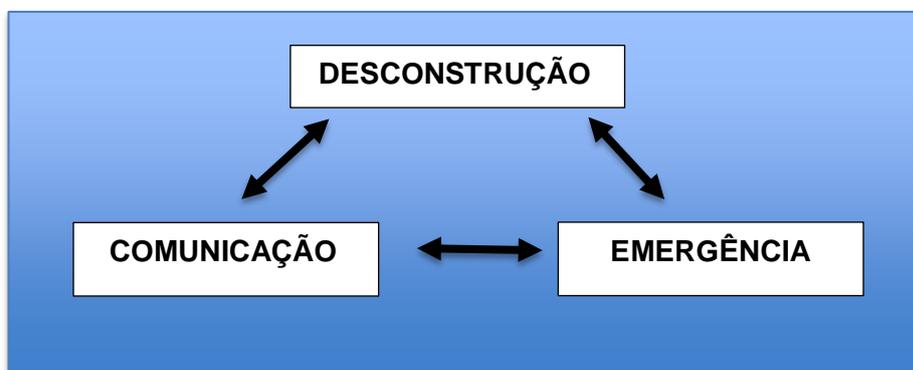
(...) toda leitura e toda análise textual já são uma interpretação. (...) no contexto da análise textual interpretar é construir novos sentidos e compreensões. Portanto, (...) interpretar é um exercício de construir e de expressar uma compreensão mais aprofundada, indo além da expressão de construções obtidas a partir dos textos e de um exercício meramente descritivo. Temos a convicção de que uma pesquisa de qualidade necessita atingir essa profundidade maior de interpretação.

Portanto, os metatextos devem ir além de algo já existente nos textos de análise, eles representam o elemento central da criação do pesquisador. Essa criação resultará na produção de conhecimentos feitos pelo autor, conforme esclarece Letícia Mistura (2019, p. 105), nestes termos:

O conhecimento produzido fecha o elo e possibilita reconstruir o processo percorrido pelos textos do *corpus* ao contrário, dando a conhecer as condições de produção em geral, incluindo-se limitações, insuficiências, lacunas e avanços que, por vezes, no calor do processo, podem se fazer “invisíveis” ao pesquisador-autor.

Moraes e Galiazzi (2007, p. 41) então ilustram todo esse processo como um ciclo, a exemplo do que está representado na Figura 8, a seguir:

Figura 8: Ciclo da Análise Textual Discursiva



Fonte: Moraes e Galiazzi (2007, p. 41).

É esse o movimento que possibilitará ao autor a compreensão do que antes não era compreendido, contribuindo para a elaboração de um texto de qualidade com novos conhecimentos. Roque Moraes e Maria Galiazzi (2007, p. 46) destacam esses movimentos

iniciais como uma “desorganização e fragmentação dos materiais da análise” que possibilitará novas estruturas para a compreensão dos fatos, e assim, resultará em produções escritas.

Para a operacionalização do método, Moraes e Galiazzi (2007, p.114) afirmam que “qualquer análise decompõe um todo em partes para, a partir de então, atingir uma nova compreensão do todo, mais complexa do que a inicial”.

Após o processo de unitarização do *corpus*, onde fragmentamos os textos submetidos à pesquisa, identificamos e destacamos quatro categorias entre as reportagens da Revista *Nova Escola*, a saber: **(1ª) As ferramentas de uso; (2ª) Papel atribuído aos Professores; (3ª) Potencialidades das Tecnologias; e (4ª) Dificuldades Obstáculos e Críticas quanto ao uso das Tecnologias.**

Destas quatro categorias passamos ao produto final da análise textual discursiva, que é a elaboração de metatextos, nos quais se irá organizar e apresentar as principais interpretações e compreensões construídas sobre o *corpus*.

Ao chegarmos na produção final da ATD, compreendemos que

(...) a análise textual discursiva pode ser entendida como o processo de desconstrução, seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados. Envolve identificar e isolar enunciados dos materiais submetidos à análise, categorizar esses enunciados e produzir textos, integrando nestes descrição e interpretação, utilizando como base de sua construção o sistema de categorias construído. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 112)

Um metatexto é um novo texto, composto de novas compreensões, constituindo em seu todo um movimento de teorização em relação aos fenômenos investigados do conjunto de materiais submetidos à análise.

Moraes e Galiazzi (2007, p. 122) defendem que a estrutura de um metatexto seja organizada a partir das categorias selecionadas, “também exige a produção de um conjunto de argumentos aglutinadores, organizados em torno de uma tese ou argumento geral”. Esta organização se dá em dois momentos: descrição e interpretação.

(...) descrever é produzir proposições ou enunciados que enumerem qualidades, propriedades, características, etc. (...) interpretar é estabelecer pontes entre as descrições e as teorias que servem de base para a pesquisa, ou construídas nelas mesma (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 124).

Portanto, os metatextos produzidos a partir de análises textuais discursivas requerem clareza e qualidade, que devem ser estruturados pelo pesquisador a fim de defender seus argumentos e apresentar os resultados da análise.

#### 4.4 A Revista *Nova Escola* na pesquisa

A pesquisa que será realizada toma como fonte a Revista *Nova Escola*, que conta com um acervo de material da Revista impressa e também digital, do ano de 2013 ao ano de 2018. Neste acervo, podemos observar inúmeros enunciados e dentre eles destacam-se os de nosso interesse, que se dá em torno do tema das tecnologias digitais na educação.

O *corpus* geral da pesquisa é constituído de 59 revistas, entre a edição de nº 259 até a edição nº 318, totalizando 6 anos de edição da revista. Nesse total foram encontradas 30 reportagens que tratam sobre tecnologias na educação, algumas reportagens em uma só Revista e na maioria elas alternam entre uma edição e outra.

No quadro a seguir apresentamos o conjunto das reportagens selecionadas que será submetido à análise.

Quadro 4: Relação das Revistas que contêm as reportagens de análise

Nº	Reportagem de análise	Mês	Ano	Impressa / Online
1	A aula do futuro já existe e é aqui “Com uma TV online, o professor Jorge Cesar Barboza Coelho trabalhou conteúdos como gramática, produção textual e oralidade” (p. 50)	Janeiro/ Fevereiro	2013	Impressa
2	A alfabetização do nosso tempo (p.46)	Agosto	2013	Impressa
3	“Pesquisas em sites confiáveis da internet” (p. 48)	Agosto	2013	Impressa
4	“Na lousa digital e no excel, jogos desafiadores” (p. 49)	Agosto	2013	Impressa
5	“Power Point funciona como apoio para seminários” (p. 50)	Agosto	2013	Impressa
6	“Escrita e revisão facilitadas no Word e no Powerpoint” (p. 51)	Agosto	2013	Impressa
7	“Quando a Wikipédia é bem vinda em sala de aula” (p. 62)	Agosto	2013	Impressa
8	“Use e abuse dos blogs - Eles são uma boa ferramenta para conectar a garotada aos conteúdos”. (p. 78)	Março	2014	Impressa
9	“As TIC são uma ferramenta a serviço de uma dinâmica que as transcende e engloba, e determina, em grande parte, a concretização e o alcance das possibilidades oferecidas aos educadores e alunos para aperfeiçoar a aprendizagem e o ensino”. (p. 84)	Maio	2014	Impressa
10	“A tecnologia deve levar o aluno a ser um pensador criativo” (p. 20)	Junho/ Julho	2014	Impressa
11	“Cuidados na internet - Como orientar os estudantes sobre exposição inadequada na rede”. (p.80)	Novembr o	2014	Impressa
12	“Dilema de início de ano: celular tem lugar na classe?”(p.82)	Fevereiro	2015	Impressa

13	“Um guia para escolher bem - Analisamos o potencial didático de 13 recursos digitais. Saiba quando e como levá-los à sala de aula. ”	Março	2015	Online <sup>21</sup>
14	“Novo enfoque para o celular - Antes visto como inimigo, ele agora é aliado na aprendizagem, na formação e na comunicação” (p.64)	Agosto	2015	Impressa
15	“Práticas reais de jogos virtuais”	Setembro	2015	Impressa
16	“Uma ideia na cabeça e um celular na mão” (p.51)	Novembro	2015	Impressa
17	“As tecnologias nos obrigam a criar novas formas de avaliação” (p.16)	Dezembro/ Janeiro	2015/ 2016	Impressa
18	“Sua escola enviou uma solicitação de amizade” (p.58)	Maior	2016	Impressa
19	“O que o YouTube pode fazer pela sua aula” (p.22)	Agosto	2016	Impressa
20	“Como educar para o uso consciente do WhatsApp”	Agosto	2016	Impressa
21	“Os games na vida de um imigrante digital” (p.50)	Agosto	2016	Impressa
22	“A hora em que a tecnologia atrapalha”	Outubro	2016	Online
23	“Sem medo dos grupos de WhatsApp dos pais” (p.60)	Novembro	2016	Impressa
24	“O que vai ajudar a mudar sua aula” (p.33)	Fevereiro	2017	Impressa
25	“Faça um App com a turma” (p.10)	Junho/ Julho	2017	Impressa
26	“Como usar a tradução online - O Google Tradutor é só uma parte do grande quebra-cabeça que leva seus alunos a traduzir de verdade”.	Setembro	2017	Online
27	“Do tradicional ao tecnológico - A BNCC permite trabalho com artes interativas. Conheça o trabalho de um professor”.	Fevereiro	2018	Online
28	“O que move as fake news? - Uma notícia verdadeira demora seis vezes mais tempo para atingir 1.500 usuários do que uma falsa. Entenda mais sobre o cenário de fake news e o papel da educação no combate à desinformação”	Junho/ Julho	2018	Online
29	“Como a geração Z aprende? Segundo pesquisa, 59% querem estudar com a ajuda do YouTube; vídeos ficam atrás apenas da presença do professor”	Outubro	2018	Online
30	“Como os celulares impactam o desenvolvimento? ”	Dezembro/ Janeiro	2018/ 2019	Online

Fonte: Sistematização realizada pela autora.

Tomando como *corpus* de análise esse conjunto de 30 reportagens veiculadas na Revista *Nova Escola* no período de 2013 a 2018, nos debruçaremos, na sequência, sobre a efetivação

<sup>21</sup> As edições online não apresentam a paginação.

da análise textual discursiva que será apresentada em torno das quatro categorias de análise, resultando na elaboração do produto final, os metatextos.

## 5 PRODUTO FINAL DA ATD: UM NOVO OLHAR AO *CORPUS* DE ANÁLISE

(...) cada metatexto é uma invenção de quem escreve, e esse é o prazer da própria ATD, que é a escrita, é produção com autoria, é esse sujeito que se torna pesquisador e então apresenta seus textos. (GALIAZZI, 2020.<sup>22</sup>)

Pretende-se, nesse momento, produzir um olhar de pesquisador/autor para o texto, apropriando-se de compreensões que vão além da leitura inicial, e reproduzindo um movimento de crítica encadeada das ideias apresentadas que foram submetidas através do material de análise.

Para isso, Moraes e Galiuzzi (2007, p. 135) afirmam que “uma boa análise conduz o pesquisador a expressar suas construções sobre os fenômenos que investiga”. Não apenas produzir ideias explícitas, mas apresentar o esforço ao que ainda não foi dito.

### 5.1 Ferramentas de uso

A **1ª categoria** é composta pelos tipos de ferramentas de uso que a Revista *Nova Escola* destaca em suas reportagens. Ao direcionar o olhar para esta categoria, buscou-se essencialmente analisar:

- Quais são as ferramentas/dispositivos que a Revista propõe para o uso das tecnologias digitais dentro das escolas?

- Quais metodologias a Revista *Nova Escola* apresenta para fundamentar o uso dessas ferramentas/dispositivos?

Destaca-se, na categoria “Ferramentas de uso”, um conjunto de reportagens referente ao uso de 17 ferramentas/dispositivos, dentre eles: computadores, celulares, lousa digital, TV, máquina fotográfica, internet, Web TV, sites, Datashow, Word, Excel, Blogs, Redes Sociais, Google, PowerPoint, YouTube e aplicativos de celular.

O manuseio dessas ferramentas apresenta-se através dos relatos de Projetos Nota 10 e Projetos Didáticos que inúmeras escolas realizaram e também através de artigos e entrevistas apresentados nas reportagens. Esta abordagem procura informar e convencer o leitor de que o

---

<sup>22</sup> Epígrafe retirada de uma vídeo-aula da autora Maria do Carmo Galiuzzi, acessado pelo canal YouTube em 21 de Julho 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fmYQubabEME&feature=youtu.be>>. Acesso em: 11 junho. 2020.

uso destas tecnologias traz “eficácia” para as aulas, “facilita” o trabalho do professor e impulsiona a aprendizagem dos alunos, como podemos observar nas passagens a seguir:

Se equipamentos desse tipo fazem parte do dia a dia da maioria das pessoas, que os usam socialmente para redigir, não há porque ignorá-los em atividades da alfabetização (NE 2 - 8/2013, p. 47<sup>23</sup>).

A tecnologia do *coding* faz as vezes de uma ferramenta que pode dinamizar ou potencializar o que e como se ensina (NE 25 - 6.7/2017, online).

A Revista traz, também, uma reportagem que entrevista um professor de uma determinada Universidade sobre o uso do aparelho celular, que diz:

Como esse aparelho é cada vez mais usado e querido pelos alunos, o tema deve ser discutido no contexto de cada escola ou sala de aula. Trata-se de tomar uma posição e transformá-la em prática. Assumir se ele é também um recurso de ensino e aprender a utilizá-lo como ferramenta pedagógica (NE 12 - 2/2015, p. 82).

Mais uma vez, apresenta-se a exploração do aparelho para “atrair” os alunos, porém não expõe uma metodologia pedagógica para embasar o seu uso, o que fica evidente o porquê a Revista retrata um discurso mercadológico para a prática do consumo. Assim, a *Nova Escola* não presta serviços à educação, como afirma a Fundação que é sua mantenedora, ela vende discursos para o mercado consumidor.

Visualizamos, no material de análise, que as ferramentas citadas para trabalhar em aulas necessitam de aporte tecnológico que nem todas as escolas têm capacidade de fornecer. E, na maioria delas, é necessário possuir um bom acesso à Internet para o manuseio, condição que sabemos ser improvável em escolas públicas de educação básica no Brasil. Isso só evidencia o cunho empresarial que a Fundação Lemann reporta em suas revistas.

A Revista *Nova Escola* conduz o leitor a acreditar na enorme potencialidade do uso destas ferramentas, pois os projetos e experiências relatadas foram executadas com êxito, sem nenhum obstáculo, e premiados pela própria Revista com o objetivo de motivar o professor para a reprodução dos projetos por conta própria. Porém, os editores desta Revista, que é direcionada para todas as escolas públicas do país, esquecem que em muitas regiões não existe o mínimo de condições de possibilidade para esse planejamento pedagógico se efetivar, que é o acesso a rede de computadores ou internet, e por isso a Revista oculta a necessidade e o acompanhamento de uma reflexão crítica sobre a grave crise de um contexto educacional precarizado, que restringe vigorosamente o acesso a esse tipo de recurso.

---

<sup>23</sup> Código adotado para identificar os dados extraídos da Revista *Nova Escola*, resumido em: NE corresponde à *Nova Escola*; 2 é a ordem de sequência da revista; 8 é o mês (agosto) e 2013 é o ano; por fim, consta a página da qual a reportagem foi retirada. O detalhamento do código de todas as revistas selecionadas encontra-se na página 50, quadro 4, desta dissertação.

Também constatamos que a Revista *Nova Escola* faz indicações para o uso de plataformas de compartilhamento como o YouTube, sites e blogs, e faz referência à necessidade da criatividade do professor para diversificar e dinamizar as aulas. Com isso, traz a defesa de certos dispositivos, sem questionar se as informações e a linguagem que eles comportam são confiáveis do ponto de vista científico, e sem oferecer critérios de análise acerca da sua credibilidade e confiabilidade, como podemos ver nesses trechos extraídos das reportagens:

O blog pode ser uma fonte de orientação para pesquisas, um espaço em que os educadores compartilham links de sites confiáveis, textos e outros materiais. Pode ser utilizado como parte de uma sequência ou de um projeto didático (NE 8 - 3/ 2014, p. 81).

Os vídeos do canal YouTube podem ajudar a ensinar os alunos nas aulas de Química e Física, com experimentos criativos, linguagem simples e informação confiável (NE 19 - 8/2016, p. 22).

Em uma das reportagens, a Revista alude ao uso do site da Wikipédia como uma fonte segura para aprendizado, nestes termos:

Não é só possível como recomendado usar essa ferramenta como aliada no aprendizado escolar, desde que da forma adequada. A Wikipédia é uma expressão da realidade 2.0, interativa e participativa, e deve ser utilizada de maneira crítica e com domínio do formato. Usando a ferramenta a favor do desenvolvimento da leitura e da produção textual dos estudantes (NE 7 - 8/ 2013, p. 62).

Porém, não consta a informação e o alerta ao professor de que esse site é totalmente editável, de colaboração aberta e anônima e qualquer pessoa pode alterar seus dados, acrescentando conteúdo para o público leitor. Dessa forma, pode ocorrer de encontramos nesta Enciclopédia Livre textos com problemas de omissões, imprecisões, simplificações explicativas, dentre outros, não obstante haverem alguns mecanismos de controle e acompanhamento.

Vieira e Christofolletti (2008, p. 200) refletem acerca da confiabilidade da Wikipédia afirmando que

(...) a Wikipédia torna mais aguda a ideia de uma inteligência coletiva na medida em que permite que não apenas especialistas escrevam uma enciclopédia, mas pessoas comuns também adicionem verbetes e estes passem pelos crivos coletivos. O trabalho, portanto, é colaborativo. Um sujeito qualquer propõe um verbete, que será revisado por outros tantos, lido por outros mais, acrescido de novas informações, novamente lido e alterado. O coletivo decide pela consistência e pertinência das informações. O coletivo produz conteúdo a partir de colaborações individuais.

A possibilidade de participação na edição dos verbetes é o que difere a Wikipédia dos outros sites, por isso, caiu no gosto popular, é gratuita, aberta à participação, em constante atualização, e de fácil acesso, desdobrada em diversos idiomas.

Outra reportagem analisada diz respeito ao uso de aplicativos de troca de mensagens em áudio e vídeo pela internet, como o WhatsApp, e ao uso das redes sociais pelas escolas, a exemplo do Facebook. A RNE sinaliza que o uso desses dispositivos pode aproximar o contato com as famílias, e pede que os professores não tenham medo de usá-los, afirmando que “o WhatsApp é uma chance para as escolas levarem o debate da ética e cidadania digital para toda a comunidade escolar” (NE 23 - 11/2016, p. 60).

Neste caso, a reportagem também alerta para cuidar com as ofensas que possam surgir nos grupos de WhatsApp, e “mostra caminhos” para que isso não aconteça. É como uma “receita” que bastaria seguir para obter o sucesso.

Acredita-se que o uso de aplicativos de mensagens e o uso das redes sociais para comunicação das escolas e famílias pode vir a ser útil, pela rapidez de circulação que elas proporcionam, porém, é preciso atentar às situações de fake news, que nos últimos anos, têm sido pauta para muita discussão, já que a velocidade com que elas se disseminam é maior do que as notícias verdadeiras alcançam. E, também, é preciso atentar para aquelas famílias que não têm acesso a tais ferramentas.

Delmazo e Valente (2018, p. 157) afirmam que conteúdos com fake news encontram terreno fértil nos sites de redes sociais, assim,

(...) as notícias falsas podem ser consideradas não apenas em termos da forma ou conteúdo da mensagem, mas também em termos de infraestruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a sua circulação. Nesse sentido, o significado das notícias falsas não pode ser totalmente compreendido fora da sua circulação online.

Percebe-se que na edição dos meses de Junho/Julho de 2018 a *Nova Escola* alerta para o problema das fake news. A reportagem afirma que “a escola pode ser uma grande aliada na luta contra a desinformação. Ensinar aos alunos como identificar uma notícia falsa é um bom começo” (NE 28 – 6.7/2018). Destacamos a importância desse assunto a ser tratado pelas escolas, e as consequências que notícias falsas podem causar. Porém, o que a edição da Revista não apresenta é as características de como identificar uma informação falsa, como, por exemplo, a verificação da fonte de divulgação.

Na publicação de Janeiro/Fevereiro de 2013 a reportagem traz como título “A aula do Futuro já existe e é aqui”, a matéria começa trazendo a trajetória de um projeto que deu certo realizado por um professor que oportunizou o uso de equipamentos como o celular, computadores e WebTv na sala de aula.

Ao tratar dessa reportagem, a RNE reconhece que muitas escolas ainda possuem poucos computadores e, se o professor só pode utilizar a máquina de vez em quando não consegue

desenvolver um projeto com a presença tão intensa e contínua de tecnologia. Assim, concorda-se quando a Revista destaca que “para que o uso dos equipamentos faça sentido, é primordial ter um objetivo de aprendizado específico” (NE 1 - 1.2/ 2013).

Entretanto, nesta mesma reportagem, afirma-se que “as ferramentas devem ser o meio para alcançar o fim pedagógico”, e como visualizamos nas teorias de Pierre Lévy (2010, p. 174) não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais”. O que almejamos é uma intencionalidade pedagógica no uso das tecnologias.

Nessa direção, Lévy (2010, p. 174) afirma que

As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas como nas escolas.

Assim se configura a grande questão da cibercultura, a passagem da educação “presencial” para à “distância” que resultaria em redução de custos e acesso a todos. Porém, como destacava Lévy (2010, p. 175), cerca de uma década atrás, o papel dos poderes públicos devia ser:

- garantir a todos uma formação elementar de qualidade; - permitir a todos um acesso aberto e gratuito a mídiatecas, a centros de orientação, de documentação e de autoformação, a pontos de entrada no ciberespaço, sem negligenciar a indispensável mediação humana do acesso ao conhecimento; - regular e animar uma nova economia do conhecimento na qual cada indivíduo, cada grupo, cada organização seriam considerados como recursos de aprendizagem potenciais ao serviço de percursos de formação contínuos e personalizados.

Visto que as pessoas aprendem cada vez mais fora do ambiente escolar, cabe ao sistema de ensino implementar procedimentos de reconhecimento a estes saberes. Como aponta Lévy (2010, p. 176), “é preciso aprender a navegar usando hipermídias, sistemas de simulação e redes de aprendizagem cooperativa”. A transição do conhecimento, informações e o acesso à aprendizagem não seria, então, apenas reservada à elite, agora diria respeito a todos.

## **5.2 Papel atribuído aos professores**

A **2ª categoria** corresponde ao “papel atribuído aos professores” para usar as tecnologias, sendo que nesta categoria procuramos concentrar o olhar nas seguintes questões:

- Como a Revista *Nova Escola* compreende o papel do professor frente ao uso de tecnologias em sala de aula?

- Segundo a RNE, qual é o perfil de professor que faz uso destas tecnologias nas escolas?

Ao voltarmos nosso olhar para os discursos sobre o papel atribuído aos professores na RNE, destacamos que a Revista apresenta duas imagens de docentes, como Klein (2008) aponta em sua pesquisa, sendo o docente “pré-digital” e o “docente da era tecnológica”.

O docente da era tecnológica é aquele caracterizado por usar a tecnologia em suas práticas pedagógicas; realiza projetos e faz experiências com sucesso; “inova” suas aulas e está sempre disposto a especializar-se com novas “formas” de ensino.

Conferimos um exemplo desse “modelo” de professor com a edição dos meses de janeiro/ fevereiro de 2013 onde a Revista premia um “Projeto Nota 10” que afirma que “O professor deve cuidar do aprendizado, mas não sozinho. Ele deve dividir a responsabilidade com seus alunos” (...) Neste Projeto Nota 10 “Os jovens tomaram as decisões e o professor mediou o aprendizado” (NE 1 - 1.2/ 2013, p. 52).

A segunda imagem do docente que Revista se refere é o “pré-digital”. Desconhecedor de recursos tecnológicos; não busca atualizar sua prática pedagógica; sabe menos que o aluno e, normalmente é culpabilizado pelo fracasso escolar. Como destaca Klein (2008), a *Nova Escola* remete à imagem do professor como um “leigo” em sua prática de ensino.

Na edição do mês de agosto de 2013 a Revista *Nova Escola* “recomenda” em uma das suas reportagens para os professores incluírem computadores e lousas digitais no planejamento das aulas, pois afirmam que esse “recurso deve chegar a todas as escolas nos próximos anos, razão para que você esteja preparado para usá-lo da melhor forma” (NE 2 - 8/ 2013, p. 47). E, assim, farão com que a turma (de sala de aula) cumpra bem os desafios e avance, (programa como jogos, Word, Power point, lousa digital, data show) o professor deve continuar realizando um planejamento cuidadoso e intervenções adequadas a cada momento.

Nesse âmbito, em outubro de 2014, a RNE diz em suas páginas que “Para os professores, tem sido difícil desenvolver estratégias que usem esses recursos (computadores, lousas digitais, projetores multimídia) para ensinar os conteúdos” (NE 10 - 6.7/2014, p. 20).

Dessa forma, a Revista afirma que os professores não têm formação para utilizar esses recursos com os alunos, recursos esses que, como ela mesma anuncia, chegarão em todas as escolas, e como não possuem formação devem proporcionar aos alunos a “autonomia e liberdade” para explorar os equipamentos. Isso pode ser observado na passagem seguinte:

Trabalhar desse modo requer formação e muitos professores não têm. Eles devem estar dispostos a dar aos alunos liberdade para explorar os próprios interesses. Os

professores não devem ter medo de não saber todas as respostas. Se isso ocorre, eles vão em busca delas junto com a turma (NE 10 - 6.7/2014, p. 20).

Além de culpabilizar o desempenho dos professores por não utilizarem esses recursos, a RNE anuncia a chegada desses recursos nas escolas que até hoje, em 2020, milhares de instituições públicas jamais receberam.

A Revista produz o discurso de que os docentes que se apropriarem das tecnologias para dar aulas estarão formando um novo método de ensino, conforme observamos na seguinte edição:

As TIC oferecem aos professores um enorme leque de opções e recursos para melhorar as práticas existentes e delinear outras novas. Permitem a introdução de novas formas de mediação entre o professor e o aluno e os conteúdos de aprendizagem (NE 9 - 5/2014, p. 84).

Na publicação de novembro de 2014, a RNE apresenta um importante assunto para o professor trabalhar com os alunos ao utilizar recursos tecnológicos, fazer uso de sites e outros recursos da internet. Nesse sentido, a Revista reconhece que é preciso estar atento a armadilhas que possam surgir, por isso recomenda ao professor:

(...) explicar que as senhas do mundo digital são pessoais e, portanto, devem ser mantidas em sigilo. Deixar claro que a internet não é uma terra sem lei: se alguém comete um crime ou viola o direito de alguém pode ser identificado e pagar pelo mal que causou” (NE 11-11/2014 p. 81).

Utilizar a tecnologia para se comunicar com os alunos, ampliando o horizonte que esses recursos têm a oferecer pode ser produtivo, porém, há cuidados que devem ser tomados. A Revista destaca que “definir como e quando usar o computador e o celular ou quais sites são liberados para acesso é uma boa oportunidade para desenvolver o senso crítico dos estudantes” (NE 11 - 11/2014, p.81).

Rejane Klein (2008, p. 37), ao desenvolver sua pesquisa, já anunciava que

(...) quando a Nova Escola produz as reportagens sobre o computador e a internet faz circular enunciados que apresentam quais são os saberes que o/a professor/a deve possuir, que competências e habilidades são necessárias para ensinar na era da tecnologia e, mais do que isso, como o/a professor/a deve ser, pensar e agir neste “novo tempo”.

A Revista impõe técnicas através dos seus discursos, apresentando novos conceitos para exercer a docência com exemplos a serem imitados, e potencializam essas “verdades” nos editoriais, apresentando “conversas com especialistas”, sugestões de sites e modelos de “Projetos Nota 10”.

Nesse âmbito, a Revista *Nova Escola* anuncia que

(...) para os professores, tem sido difícil desenvolver estratégias que usem esses recursos (computadores, lousas digitais, projetores multimídia) para ensinar os conteúdos. (...) os professores precisam refletir sobre o processo educacional para poder apoiar e praticar projetos orientados por uma participação ativa e criativa da turma em classe. (NE 10 - 6.7/2014, p. 20).

Klein (2008, p. 38) aponta que “das reportagens, podem ser extraídas prescrições que ditam como o/a professor/a deve pensar suas aulas, como deve agir diante de dificuldades, e como pode ‘enxergar’ a si mesmo diante do computador”. A identidade do professor é construída pela *Nova Escola* através de representações de modos de ser: vocacionado, virtuoso e correto, assim, necessita de um certo tipo de formação para exercer a profissão, que é essencialmente tecnicista.

Com as novas tecnologias, é colocado pela Revista *Nova Escola* que o docente cumpra a demanda de novas maneiras de ensinar, a fim de difundir uma nova cultura, mas para isso, é necessário que ele se capacite, aprenda a dominar as ferramentas, e a utilizá-las nas aulas e em casa, transformando a máquina num instrumento de trabalho que inove a prática pedagógica.

Nessa mesma perspectiva, Klein (2008, p. 83) aponta que a Revista *Nova Escola* se refere ao uso das tecnologias afirmando que

A máquina “que fala” é apresentada como um objeto que pode ensinar sem criar constrangimentos e nem aterrorizar. Nota-se que o computador é representado como um/a professor/a que possui o perfil mais adequado do que o/a professor/a humano/a, pois este/a pode errar ao interpretar o ritmo da aprendizagem, criar traumas no/a aluno/a e, ainda, seguir adiante com os conteúdos, sem que tenha ocorrido aprendizagem.

Compreende-se que a Revista *Nova Escola* posiciona os recursos pedagógicos na perspectiva de um ensino de melhor qualidade, e o docente como um sujeito despreparado para ensinar com eficiência, que deve especializar-se na sua profissão seguindo os “modelos ideais” que a Revista apresenta, assim, o sucesso no ensino com os alunos estaria garantido.

### 5.3 Potencialidades das tecnologias

A **3ª categoria** refere-se às “potencialidades das tecnologias”, concentrando-se sobre:

- Quais são as potencialidades, qualidades e benefícios que a Revista *Nova Escola* apresenta sobre o uso das tecnologias digitais?

Destacamos a presença, em todo *corpus* da pesquisa, de um maior número de reportagens que ressaltam as potencialidades que os usos das tecnologias podem oferecer. Nas

afirmações destacamos o discurso de “inovação” para a educação com o manuseio das tecnologias.

A edição dos meses de Junho/Julho de 2014, retrata que “A tecnologia deve levar o aluno a ser um pensador criativo, se desenvolvendo por meio de trabalhos coletivos que envolvam a experimentação de novas formas de relacionar com o mundo” (NE 10 - 6.7/ 2014, p. 20).

E na edição de setembro de 2014 a Revista afirma que

(...) a incorporação das TIC promove os processos de inovação e melhora educativa. (...) O potencial das TIC para inovar e melhorar a Educação está na capacidade de promover novas formas de ensinar e aprender a fim de implementar processos de ensino e aprendizagem que não seriam viáveis sem as possibilidades oferecidas por elas para organizar de forma diversa a atividade conjunta de professores e alunos. Não se trata de fazer com as TIC o mesmo que se vinha fazendo sem elas” (NE 9 - 5/2014, p. 83).

O que se questiona é de que forma o uso desenfreado dos equipamentos tecnológicos vai, por si mesmo, promover inovações na educação, sem pensar numa metodologia diferenciada. O que estamos vivendo hoje, no ano de 2020, na educação, pode esclarecer essa questão.

Vivemos uma pandemia pela Covid 19<sup>24</sup>, que colocou o mundo em quarentena, escolas, comércio e grande parte dos serviços públicos parou. E, com isso, voltamos nosso olhar aos alunos e às escolas. Como “ensinar” à distância somente com o uso de computadores? Ou, pior ainda, como ensinar à distância num contexto em que o acesso aos equipamentos e às redes digitais é tão restrito? Essa é a realidade que estamos enfrentando, que nos faz refletir como os recursos tecnológicos podem ser tão “inovadores” se em tempos de crises como este, não se consegue progredir com as aprendizagens dos alunos.

No Congresso Virtual intitulado “Por um ‘novo normal’ igualitário e inclusivo: os desafios da Educação durante e após a pandemia”<sup>25</sup>, realizado pela Universidade Federal da Bahia, em 30/05/2020, apresenta-se o seguinte argumento para demonstrar a complexidade do cenário de pandemia que vivemos, no campo educacional:

É quase consenso entre os especialistas no campo da educação que a implementação generalizada e açodada do ensino a distância – sem que haja condições adequadas de acesso e estudo aos estudantes a partir de suas casas, e sem que haja a devida

<sup>24</sup> Covid 19 trata-se de um vírus que afeta a saúde, causando uma doença respiratória —a covid-19— pelo agente coronavírus, identificado em dezembro de 2019 na China. E em seguida, espalhou-se para diversos outros países, o que levou a Organização Mundial de Saúde a decretar, no dia 11 de março de 2020, estado de pandemia. A pandemia vem mudando a realidade das pessoas e as maneiras de aprender e ensinar. Portanto, o assunto abre precedência para mais pesquisas acerca da nova realidade vivenciada.

<sup>25</sup> Disponível em: < <http://www.edgardigital.ufba.br>>. Acesso em: 1º jul. 2020.

preparação dos corpos docente e técnico para o uso correto das novas tecnologias – tenderá a aprofundar (ao invés de mitigar) desigualdades e excluir (ao invés de incorporar) parcelas da população que já vivem em situação de grande vulnerabilidade social.

Assistimos na prática como a incorporação de computadores e celulares na educação para uma tentativa de inovação e criatividade não está nem perto de funcionar, pois eles por si só não trazem tantos benefícios quanto desejamos, além de apontar as graves desigualdades entre rede pública e privada de ensino.

Dravet e Castro (2019, p. 10), por sua vez, constata que estamos vivendo uma “mudança de paradigma” na educação e na sociedade, de modo que

(...) a mudança não é o reflexo apenas da presença incontornável dos meios digitais em nossas vidas, mas de um complexo da cultura muito maior, no qual podemos dizer que o modelo capitalista dominante – e hoje exclusivo, com sua lógica utilitária e seu imperativo do lucro – tem grande responsabilidade e está na origem do desenvolvimento desenfreado das tecnologias a serviço, inicialmente, do modo de produção industrial de bens e, em seguida, da consequente necessidade de oferta de serviços e da sede por informação.

Caracterizamos a Revista *Nova Escola* como parte do modelo dominante capitalista que insere determinados discursos na sociedade ofertando seus serviços através da educação. E, portanto, destacamos essas mudanças de paradigma pela inserção da técnica na educação básica e no ensino superior, que, nos últimos tempos, tem descartado as disciplinas humanísticas e focado em estratégias que remetem ao lucro no mercado de trabalho.

Como afirmam Dravet e Castro (2019, p. 10), “não sabemos exatamente definir quando e como o conhecimento passou a estar a serviço da própria técnica, tornando-se tecnologia. O que sabemos é que se tratou de um longo processo de transformação paradigmática”.

Essa mudança de paradigma afeta a educação e também a nós mesmos, no momento em que os meios digitais ocupam espaço dentro e fora das escolas. Assim, as tecnologias caracterizam-se como base para as aprendizagens e aparecem como eixos de inovação na educação.

Ofertar aulas online com o aluno sentado em frente ao computador respondendo às questões dos livros não é diferente do que sentar em uma classe e realizar o mesmo exercício. A metodologia por trás destas ferramentas tecnológicas digitais, que a Revista retrata, é a mesma que pode ser exercida pelo professor com lápis e caneta, pois digitar textos no Word não é nem mais e nem menos potente, do ponto de vista pedagógico, do que escrever com um lápis.

O uso dos celulares também é evidenciado nas reportagens da Revista, onde se afirma que

(...) os alunos podem usá-lo (celular) para fotografar, filmar e gravar áudios, escrever textos, pesquisar informações e criar grupos de estudo. A incorporação do celular atua na perspectiva de estimular a autonomia, a reflexão e a autoria dos alunos avança mais facilmente nesse trabalho (NE 14 - 8/2015, p. 65)

Na publicação de agosto de 2013, a Revista *Nova Escola* apresenta afirmações importantes sobre o aprendizado com a tecnologia, evidenciando como o uso dos equipamentos podem beneficiar os alunos.

(...) com o bom uso da tecnologia, aliado aos outros recursos, a criança tem mais uma possibilidade de entrar em contato com os desafios escolares. (NE 2 - 8/2013, p. 47) Usando o computador, os estudantes não perdem tempo com o que não é necessário. Não precisam apagar, rasurar ou sujar a folha e sobra mais tempo para pensar na escrita, que é o que importa. (...) a ideia é que as crianças tendem a ler palavras de um mesmo campo semântico. Essa característica facilita a antecipação do que pode estar escrito (NE 2 - 8/2013, p. 49).

Não consideramos essas potencialidades que a Revista apresenta no uso das tecnologias como impróprias ou inaceitáveis. No entanto, criticamos as narrações de modelos “ideais” para usá-las nas escolas, pois o aprendizado não tem receita para acontecer, ele acontece das mais diferentes formas. Crianças e adolescentes aprender de formas distintas.

Veen e Vrakking (2009, p. 107) apontam que o *homo zappiens*<sup>26</sup>, ou a Geração Z, está ingressa na sociedade e eles não têm medo algum de usar da tecnologia e explorar todos seus recursos, assim, os autores afirmam que “é bastante provável o aumento da operação global e as redes on-line continuarão.

Com a importância da aprendizagem ampliada em nossa sociedade, é “natural” que organizações comerciais e mídias aumentem sua inserção das ofertas de ensino. Assim, a Revista *Nova Escola* se materializa e é formulada para a grande inserção no sistema educativo.

Pierre Lévy (2010, p. 173) afirma que

(...) em novos campos virtuais, os professores e os estudantes partilham os recursos materiais e informacionais de que dispõem. Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes “disciplinares” como suas competências pedagógicas.

O que destacamos aqui é o conceito de “aprendizagem cooperativa” que Lévy (2010) traz para a aprendizagem com as novas tecnologias. A competência do sujeito que ensina desloca-se para o sujeito que aprende, no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento.

Portanto, o professor torna-se, como conceitua Lévy (2010), um “animador da inteligência coletiva”. Ao contrário do que a Revista tentar impor em suas publicações como

---

<sup>26</sup> *Homo zappiens* é a denominação criada pelos autores Wim Veen e Bem Vrakking no livro “homo zappiens, educando na era digital”. Veen e Vrakking referem-se a uma geração que nasce e cresce em meio às tecnologias, adotando-as como novas estratégias de aprendizagem e de vida.

prática pedagógica e especialização quase que “obrigatória” do professor, corroboramos que sua atividade será centrada no acompanhamento, na troca de saberes e na pilotagem dos percursos de ensino.

#### 5.4 Dificuldades, obstáculos e críticas

Visualizamos, na **4ª categoria**, um conjunto de reportagens que expõe as contrariedades em trabalhar com a tecnologia nas escolas, destacando as “dificuldades, obstáculos e críticas”, focando em um questionamento:

- Quais as dificuldades/obstáculos que a Revista *Nova Escola* aponta para o uso das tecnologias nas escolas?

Procuramos observar nesta categoria as dificuldades com o uso das tecnologias apontadas pela RNE. Observa-se nesta categoria um número de apontamentos menor do que na categoria 3, por exemplo, que trata das potencialidades.

Pontuamos que a Revista apresenta como dificuldades o modo como os docentes utilizam as ferramentas. Na edição dos meses de Junho/Julho de 2014, a Revista afirma que “as novas tecnologias ainda servem com frequência para reproduzir um modelo tradicional, com aulas expositivas e pouca construção coletiva do conhecimento” (NE 10 - 6.7/ 2014, p. 20).

Concordamos com a perspectiva anunciada na edição de agosto de 2013, (NE 2 - 8/ 2013, p. 47) quando a Revista *Nova Escola* afirma que “a presença da tecnologia não é garantia de aprendizagem” e “os recursos tecnológicos não são a salvação para o déficit do conhecimento em leitura e escrita”.

Paula Sibília (2012, p. 185) aponta que talvez um dos riscos maiores no uso dos aparelhos tecnológicos é a dispersão que eles possam vir a provocar. Trata-se de algo extremamente difícil para os professores pois “talvez ninguém saiba realmente em que consiste esse ensino. Portanto, a conexão precisa ser seriamente pensada para que não gere segregação”.

Na edição do mês de novembro de 2017, a reportagem da Revista alerta sobre o uso do Google tradutor, uma ferramenta da internet para a tradução em diversas línguas. A Revista afirma que “para casos pontuais, como uma receita culinária, ele funciona. Mas para textos que exigem interpretações elaboradas e a percepção do contexto comunicativo, como um poema, não funciona” (NE 26 - 9/2017, online).

Costa e Daniel (2013, p. 333) desenvolveram pesquisas sobre o desempenho da ferramenta e afirmam que,

(...) a ferramenta não é perfeita, (...) é possível notar que a tradução é precisa em alguns pontos, entretanto, pode produzir sentenças confusas e mal feitas em alguns casos. Por desconhecerem esse fato, os usuários leigos se decepcionam ao verificarem que a ferramenta não é tão perfeita quanto os desenvolvedores afirmam, os quais criam grande expectativa diante do texto traduzido, sendo que muitos não enfatizam a importância do aperfeiçoamento do trabalho humano de traduzir

Portanto, Costa e Daniel (2013) sugerem que, para não nos decepcionarmos com a ferramenta, é necessário enxergá-la como um auxílio ao trabalho do tradutor humano e não como uma ferramenta completa.

Na reportagem do mês de outubro de 2016, a Revista aborda “A hora em que a tecnologia atrapalha”, apontando consequências quanto ao uso demasiado da tecnologia. Os jornalistas que escreveram a matéria afirmam que

(...) tanto a apatia quanto a hiperatividade são reflexos de uma mesma condição: o acesso precoce e excessivo às tecnologias e ao pique acelerado de desenhos, programas de TV e filmes. Esse bombardeio fragiliza a curiosidade - movimento natural que vem de dentro, desejo inato de conhecimento” (NE 22 - 10/2016, Online).

Nesta mesma edição, a Revista *Nova Escola* reconhece um argumento com o qual concordamos, que “em vez de apostar automaticamente no smartphone contra o tédio, podemos nos deliciar com a criança que explora materiais e cria cabanas de lençóis ao redor da mesa de jantar. A criança pode ser protagonista da Educação”. A imaginação da criança é o que ela tem de mais importante, pois é o que irá motivá-la para a aprendizagem.

Em fevereiro de 2017, a Revista lança como capa da edição a palavra “Inovação”, e aborda nas reportagens como as tecnologias podem ajudar a mudar a sala de aula. O texto afirma que “de nada vale colocar uma lousa digital na sala e a aula prosseguir como era antes. A inovação deve ser muito mais metodológica do que tecnológica” (NE 24 - 2/2017, p. 26). Portanto a “responsabilidade” da inovação não é das tecnologias, mas sim de quem opera com elas, que, neste caso, configura-se o professor.

Wim Veen e Bem Vrakking (2009, p. 35) nos ajudam a compreender alguns questionamentos, os quais temos com frequência sobre o “saber” de usar tecnologias. Os autores expõem: “O que há de tão importante em saber usar tais recursos? Será que a influência do uso da tecnologia vai além das habilidades operacionais? ”.

Assim, Veen e Vrakking (2009, p. 36) afirmam que

(...) a resposta pode ser afirmativa. Todos os recursos mencionados têm algo crucial em comum: eles dão ao usuário o controle de uma ampla variedade de fluxos de informação e comunicação. Qualquer usuário pode, a qualquer momento, ativar, mudar ou interromper esses recursos apertando um simples botão. Eles colocam o

usuário em uma posição de controle para decidir qual informação processar ou com qual comunicação se envolver ou não.

As tecnologias são predominantes na sociedade em que vivemos, pelo grande acesso às informações e comunicações que elas proporcionam. Compreendemos, através de Veen e Vrakking (2009, p. 84) que “reconhecemos nossa mente como uma ferramenta e buscamos usá-la ao máximo. Ainda estamos em aperfeiçoamento”.

Para Veen e Vrakking (2009, p. 83) a aprendizagem do *Homo Zappiens* começa com uma brincadeira exploratória, que se trata de operar jogos no computador. E, portanto, “o desenvolvimento tecnológico aumentou as possibilidades de aprendizagem do *Homo zappiens*. Há mais informações disponíveis a partir das quais se pode criar conhecimento”.

A Revista também apresenta contrariedades em seus argumentos destacando na reportagem de setembro de 2014 que,

(...) ainda estamos longe de poder afirmar que essas tecnologias tenham revolucionado a forma de ensinar e aprender na escola. (...) os investimentos para facilitar o acesso a essas tecnologias não garantem a utilização delas, nem que o uso que se faz seja inovador e perpetua na melhora da aprendizagem e do ensino. Tanto o grau de utilização como o carácter mais ou menos inovador das TIC, dependem de uma série de fatores, tais como a formação técnico-pedagógica dos educadores, o apoio tecnológico de que dispõem, suas ideias e expectativas sobre o valor educativo das TIC e, em especial, o planejamento pedagógico e a visão do que significa ensinar e aprender (NE 9 - 5/2014, p. 83).

Mais uma vez, a Revista *Nova Escola*, remete o modelo de ser docente que quer idealizar através de suas páginas, “aquele que faz a diferença”, “busca o novo”, e convoca o leitor a seguir as receitas eficazes de projetos “inovadores” que geraram resultados.

Compreendemos que necessitamos de princípios para alcançar a educação do futuro, como destacam Veen e Vrakking (2009, p.109) “o primeiro grande princípio na projeção da educação do futuro é a confiança”. Não apenas a confiança de sites de informação, mas sim de modos significativos de que o aluno irá aprender.

Assim, ressaltamos que,

(...) os professores não podem continuar sendo os únicos responsáveis pelo que acontece na sala de aula. Os alunos também precisam ser responsáveis quando assumem o controle de suas trajetórias de aprendizagem. (VEEN; VRAKING; 2009, p. 112)

Veen e Vrakking (2009, p. 112) ressaltam outro princípio na educação do futuro, que é o *direcionamento*. Portanto, os docentes podem oferecer aos alunos experiências, conhecimentos e práticas e treiná-los para seus avanços, mas, são os alunos que decidem os caminhos que tomarão, e nem por conta disso irão fracassar. Os autores afirmam que “talvez os

alunos precisem de um tempo maior para embarcar no caminho certo” (VEEN; VRAKING; 2009, p. 112)

A geração dos *Homo zappiens* dispõe de professores preocupados com sua aprendizagem, que pensam nos problemas do sistema educacional e tentam resolvê-los. Diferente do que a Revista dissemina em seu discurso, os docentes buscam por informação, por especialização e estabelecem maneiras de avançar, não são “leigos” e nem inexperientes como *Nova Escola* caracteriza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início agora a etapa de conclusão deste estudo, na tentativa de delinear o caminho traçado até aqui, que envolveu a triangulação de três enfoques principais: a educação, a tecnologia e a Revista *Nova Escola*. Áreas estas que foram reunidas para uma investigação que possibilitou a análise dos discursos pedagógicos disseminados pela Revista nos espaços das escolas públicas no Brasil.

Esse estudo propôs analisar um *corpus* documental do acervo de 59 edições de *Nova Escola*, destacando as reportagens que tratam sobre o assunto “tecnologias na educação”. Atuamos com um recorte temporal de seis anos, entre 2013 a 2018, que resultou em 30 reportagens selecionadas para o material de análise.

A problemática central do estudo procurou observar os discursos pedagógicos veiculados na Revista *Nova Escola*. Trata-se de um disseminado objeto cultural presente nas escolas públicas no Brasil, uma vez que alcança triagens expressivas de publicações mensais, às quais a maioria dos professores na rede pública de educação básica tem acesso. Assim, podemos também acreditar que o sucesso da Revista se deve à popularização dos conteúdos, vocabulário simples, muitas ilustrações que sempre mostram alunos e professores sorridentes, com um pressuposto de que os problemas da educação podem ser resolvidos se “cada um fizer a sua parte”.

Evidenciamos que a Revista *Nova Escola* é fonte de várias pesquisas acadêmicas já realizadas, sob diversos enfoques temáticos. Num esforço de diálogo com outros pesquisadores que se utilizaram da RNE para analisar discursos pedagógicos, atuamos com cinco autores que contribuíram para o estado do conhecimento, a saber: Dias (2016), Klein (2008), Prazeres (2013), Silva (2009), Schneider (2017). A escolha destas pesquisas justifica-se por apresentarem características que se aproximam deste estudo, trazem clareza e objetividade em relação ao tema que estamos a investigar.

Ao nos debruçar sobre a temática das tecnologias na educação, elencamos três eixos principais para discussão, que ajudam a nortear a pesquisa: a cibercultura, a escola e os jovens. Para fundamentar estes conceitos nos referenciamos em alguns autores de base, como: Pierre Levy, Paula Sibilia, Veen e Vrakking e Roxana Morduchowicz.

Compreende-se que vivemos numa cultura permeada por dispositivos de tecnologias digitais, aos quais nem todas as pessoas têm acesso, porém, tais dispositivos estão gradativamente se implantando no convívio social e, com isso, adentrando as salas de aula das

escolas. O grande desafio está em transformar esses recursos tecnológicos em metodologia de ensino, porém, a diferença entre utilizá-los como recursos pedagógicos e não como simples artefatos de comunicação ainda é grande, levando em consideração a desigualdade existente entre as escolas públicas e privadas e, além disso, a diferenciação de acesso dos alunos.

Pierre Lévy (2010, p.17) acredita que o grande desafio seja de

(...) reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista.

Não se trata, aqui, de ser a favor ou contra o uso das tecnologias na educação, mas de compreender que atualmente elas fazem parte de nossa sociedade, de nossa cultura, inclusive modificando as relações humanas e as nossas formas discursivas.

O olhar atencioso que direcionamos ao *corpus* proporcionou visualizarmos quatro diferentes assuntos, os quais definimos como principais categorias de análise para a formação dos metatextos, de acordo com a operação metodológica proposta por Moraes e Galiuzzi (2007), denominada Análise Textual Discursiva (ATD). As categorias foram intituladas como: (1ª) As ferramentas de uso; (2ª) Papel atribuído aos Professores; (3ª) Potencialidades das Tecnologias; e (4ª) Dificuldades, Obstáculos e Críticas quanto aos uso das Tecnologias. Em cada categoria procuramos lançar um novo olhar de criticidade no conjunto de materiais analisados.

Na 1ª categoria reportamos sobre os tipos de ferramenta às quais a Revista faz menção em suas edições. Destacamos o uso de inúmeros recursos como: computadores, celulares, lousa digital, sites, etc. Conferimos o discurso da RNE de que estes dispositivos dispõem de “inovação” para as aulas, mudando a maneira dos docentes ensinarem, e assim, a Revista “ajuda” o professor com modelos prontos de projetos que teriam obtido êxito nos contextos das experiências relatadas.

No desenvolvimento da 2ª categoria lançamos o olhar para o papel do professor diante do uso das tecnologias e visualizamos a interligação com o que a Revista vem afirmando em “novos modos de ensinar”, porém, as narrações das reportagens retratam, de modo geral, que o docente não tem formação necessária para trabalhar com esses recursos em sala de aula.

Na análise da 3ª categoria encontramos a indicação de um grande número de materiais que potencializam e qualificam o uso de recursos tecnológicos na educação, discursados pela Revista *Nova Escola*. Esta categoria entrelaça-se com o uso das ferramentas, uma vez que a Revista tenta defender o uso para promover um ambiente com “inovação, “autonomia dos alunos” e “novos” métodos de ensino.

E, com a investigação da 4ª e última categoria, elencamos quais dificuldades e obstáculos a Revista reporta em relação ao uso das tecnologias no contexto escolar. Assim, constatamos que a *Nova Escola* afirma que o maior obstáculo está na maneira de os docentes utilizarem os recursos tecnológicos, pois a educação tradicional ainda está muito presente nas escolas. Compreende-se assim, que a Revista atribui uma certa culpabilização à formação e à prática do professor que está em sala de aula.

Os discursos reproduzidos nas reportagens da Revista *Nova Escola* sobre o assunto das tecnologias objetivam mostrar aos leitores que com o uso intensivo de tais dispositivos, os professores tornarão as aulas mais criativas e estarão falando a “linguagem dos jovens”, de modo que, seguindo as receitas apresentadas nas reportagens, obterão bons resultados nas aulas.

O grande público leitor da Revista *Nova Escola* é formado pelos professores, público este que os editores querem atingir e, assim, remetem a eles uma imagem estereotipada como sendo os possíveis responsáveis pelas tensões sociais e escolares. Dessa forma, a grande visibilidade que a Revista dá aos docentes e à docência nos enunciados, configura-se em retratar insistentemente o perfil de um/a professor/a despreparado/a, de uma escola com problemas, de modo que a Revista se fortaleça como aquela que fornece as soluções, afirmando que o docente pode e deve se informar, continuar estudando e avançar.

Com isso, as experiências bem-sucedidas são reportadas pela Revista, todas premiadas em “Projetos Nota 10”, retratando para exaltar o que deu certo em determinado contexto. Tais abordagens se caracterizam por trazerem um tom de verdade ao leitor, ao expor práticas cujo suposto sucesso teria sido comprovado pela premiação recebida. Todavia, quem narra a experiência e escreve a reportagem é o repórter, que geralmente entrevista um especialista para dar o depoimento sobre o assunto, o que traz certa legitimidade ao fato, com um tom de autoridade intelectual. Essa estratégia de reportar as experiências escolares gera expectativas no leitor/professor de que, reproduzindo tais condutas, efetivará novos métodos de ensino que são eficazes para a aprendizagem. Entretanto, pode-se concluir que a RNE apresenta conduta bastante tímida no que diz respeito a discutir criticamente a prática pedagógica, a aprofundar a reflexão sobre a diversidade social e cultural presente nas escolas, ao oferecer uma análise mais consistente sobre as aprendizagens, bem como é restrito o seu esforço em problematizar a significativa desigualdade de acesso a recursos tecnológicos nos diversos contextos educacionais, sobretudo num país continental como o Brasil.

O que sinalizamos de mais preocupante é a imagem enfraquecida que a Revista *Nova Escola* sobrepõe ao professor, como um profissional despreparado e sem formação para

trabalhar com as tecnologias diante da nova geração de alunos, num cenário em que o estudante, de modo geral, sabe manusear melhor as tecnologias, por ser um nativo digital.

Outro aspecto relevante para o estudo é o envolvimento do empresário Jorge Paulo Lemann, dono da Fundação Lemann, mantenedora e produtora da revista, com o âmbito da educação. O empresário que se diz preocupado com a educação no Brasil, afirma “contribuir com as escolas públicas ao produzir a revista”. Porém, há que se reconhecer que a presença do alto empresariado nacional no campo educacional comporta interesses mercadológicos, os quais são alinhados com o lucro e com o discurso educacional que a Revista pode reproduzir, buscando um lugar de poder ao disseminar uma dada cultura pedagógica e uma determinada concepção de educação, baseada na racionalidade técnico-instrumental e na visão mercadológica.

Deste modo, com o alto empresariado interligado à educação, a Revista *Nova Escola* transparece o seu interesse mercadológico, em produzir modelos de empregados para o mercado de trabalho, justificando a necessidade de adequar as escolas representando as demandas competitivas do mundo do trabalho.

Nota-se que os discursos disseminados na Revista *Nova Escola* se reproduzem como uma parceria entre o poder do capital privado e a cultura existente na sociedade, assim os discursos presentes nas reportagens são previamente elaborados para serem assumidos pelos profissionais da educação, induzindo o docente a “responsabilizar-se” pelas dificuldades que a escola enfrenta, responsabilização que se confunde, quase sempre, com culpabilização. Portanto, as “receitas” que deram certo em determinado contexto, estão prontas, como um planejamento a ser seguido, como fórmulas fundamentais para o desenvolvimento educacional e social.

Entende-se que tais mídias, como a *Nova Escola*, que produz esse tipo de discurso, servem de instrumentos especializados para propagar ideologias e culturas estabelecidas na Educação brasileira, por isso o ramo do empresariado está tão “preocupado” com a educação. Pois, a grande preocupação está em influenciar pessoas, comover grupos, vender “soluções”, “ofertar” cursos, acomodando as comunidades de modo a não se posicionarem contra as profundas contradições e desigualdades que marcam as sociedades capitalistas.

Ao concluir este estudo, admite-se que a intencionalidade maior foi, de certa forma, colaborar com as investigações acerca da educação. Por isso, finalizamos a exposição da pesquisa na expectativa de trazer uma pequena contribuição para o público leitor da Revista *Nova Escola*, afirmando que a leitura de suas reportagens requer cuidados e um olhar crítico ao seu conteúdo, analisando as formas sutis de produzir e expor os seus discursos.

## REFERÊNCIAS

- ALBACH, Juliana Santos. **Os usos que os jovens fazem da internet: relações com a escola.** 321 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo – São Paulo, 2012.
- ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade.** Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51-64, 2001.
- BUENO, Sinésio Ferraz. Semicultura e Educação: uma análise crítica da revista nova escola. **Revista Brasileira de Educação**, Mai/Ago. V. 12, n.35, 2007.
- CALADO, S. dos S; FERREIRA, S.C dos R. **Análise de documentos: método de recolha e análise de dados.** Metodologia da Investigação I, DEFCUL, 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf/> Acesso em: 24 jun. 2020.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, p. 295-316, 2008.
- CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31 jan./abr. 2006.
- COSTA, G; DANIEL, F; Google Tradutor: Análise de utilização e desempenho da ferramenta. TRADTERM, Portal de Revista da USP, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/69145/> Acesso em: 24 jun. 2020.
- D'ÁVILA, Jorge Luis. **Política de formação docente executada pelo terceiro setor: considerações sobre a Fundação Lemann.** *IV: XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE.* p. 1-12 - Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.
- DAMETTO, Fabiana Veloso de Melo. O discurso da revista Nova Escola sobre o agir docente: uma relação assimétrica. **Revista de Letras Dom Alberto**, v. 1, n. 1, jan./jul. 2012.
- DELMAZO; VALENTE. Fake News nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. Universidade de Coimbra, Lisboa, Portugal. N.º 32 Vol. 18, N.º 1 – 2018.
- DIAS, Maria Clarice Rebelo. **Discurso Midiático na Educação.** 130 f. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade de Grande Rio – UNIGRANRIO, Duque de Caxias, 2016.
- DRAVET; CASTRO; Aprendizagens, meios digitais e afeto: propostas para um novo paradigma na educação superior. **Interface, comunicação saúde, educação.** Disponível em: <<https://www.interface.org.br>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOLSCHEID, Dominique. WUNENBURGER, Jean-Jaques. **Metodologia Filosófica.** Tradução: Paulo Neves. – 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FONTANA, Fabiana Fagundes; CORDENONSI, André Zanki. TDIC como mediadora do processo de ensino-aprendizagem da arquivologia. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 25, n. 51, p. 101-131, jul./dez. 2015.

FUNDAÇÃO Lemann. Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/>> Acesso em: 18 nov. 2019.

FUNDAÇÃO Victor Civita. Disponível em: <[http://www.abril.com.br/br/perfil/conteudo\\_43877](http://www.abril.com.br/br/perfil/conteudo_43877)>. Shtml/ Acesso em: 14 jan. 2018.

GEWEHR, Diógenes. **Tecnologias Digitais de informação e comunicação (TDICs) na escola e em ambientes não escolares**. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Centro Universitário UNIVATES, Lageado, 2016.

ISTO É DINHEIRO. Por dentro da cabeça de Lemann. 2010. Acesso em: 06 jun. 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

KLEIN, Rejane. **O discurso sobre as novas tecnologias e a subjetivação docente: A docência na rede**. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo. Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, Ana Helena Ribeiro Garcia de Paiva; MONTEIRO, Maria Iolanda; MILL, Daniel Ribeiro Silva. Tecnologias Digitais no contexto escolar: Um estudo bibliométrico sobre seus usos, suas potencialidades e fragilidades. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 2, p. 30-43, 2014.

MESSINA, G. **Estudio sobre el estado del arte de la investigación acerca de la formación docente en los noventa**. México, 1998.

MISTURA, Letícia. **Entre tensões e proposições: um estado do conhecimento sobre a aprendizagem histórica no brasil em dissertações e teses (2005-2018)**. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2019.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MORDUCHOWICZ, Roxana. **El capital cultural de los jóvenes**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

NOVA ESCOLA e GESTÃO ESCOLAR: mudar para continuar crescendo. Disponível em: <<http://www.fundacaoemann.org.br/nova-escola/>> Acesso em: 18 nov. 2019.

OLIVEIRA, Cláudio José. **Políticas educacionais e discursos sobre a matemática escolar: um estudo a partir da revista nova escola**. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio do Sino, 2006.

OLIVEIRA, Maria Tereza Cavalcanti de. **O grupo Lemann e o novo papel dos aparelhos privados de hegemonia no campo de educação no Brasil**. RTPS – Rev. Trabalho, Política e Sociedade, Vol. IV, nº 07, p. 159-170, jul. - dez, 2019.

PONTE, João Pedro da. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 24, p. 63-90, set./dez. 2000.

PRAZERES, Michelle. **A moderna socialização escolar. Um estudo sobre a construção da crença nas tecnologias digitais e seus efeitos para o campo da educação**. 171 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA. Um guia para escolher bem. n. 280. Ano 29. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/18340/um-guia-para-escolher-bem>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

REVISTA NOVA ESCOLA. Do tradicional ao tecnológico. n. 309. Ano 32. Fevereiro, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/10073/do-tradicional-ao-tecnologico>>. Acesso em: 15 agosto. 2019.

REVISTA NOVA ESCOLA. Como os celulares impactam o desenvolvimento? n. 318. Ano. 32. Dezembro/ Janeiro, 2018/ 2019. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/14006/como-os-celulares-impactam-o-desenvolvimento-dos-jovens>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

REVISTA NOVA ESCOLA. Como usar a tradução online. n. 305. Ano 32. Setembro, 2017. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/9010/como-usar-a-traducao-online>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

REVISTA NOVA ESCOLA. Como a geração Z aprende? n. 316. Ano 32. Outubro, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo12649/como-a-geracao-z-aprende>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

REVISTA NOVA ESCOLA. A hora em que a tecnologia atrapalha. n. 296. Ano 31. Outubro, 2016. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/8687/a-hora-em-que-a-tecnologia-atrapalha>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

RIPA, Roselaine. **Nova Escola - a revista de quem educa: a fabricação de modelos ideais do ser professor**. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; Ens, Romilda Teodora. As Pesquisas Denominadas do tipo "Estado Da Arte" em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 19, septiembrediciembre, p. 37-50. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná: 2006.

SCHNEIDER, Marlei Scheunemann. **Tecnologias digitais de comunicação e informação e pedagogias do século XXI**: o discurso dos professores na revista nova escola e no portal do professor e a produção de sentido perante ao "novo". 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2017.

SECCHI, A; SEVERO, N; OLIVEIRA, F. O professor frente às novas tecnologias em sala de aula. In: BRAGAGNOLO, A. CAIMI, F. DIEDRICH. (Org.). **Reflexões Pedagógicas**: cenários de iniciação à docência. Passo Fundo, 1 ed. UPF, p. 64-70, 2014.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Dora Alice B. M. da. **A mídia à serviço da Educação: A revista Nova Escola**. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Área de Concentração Mídia e Cultura) - Faculdade de Marília, Marília, 2009.

SILVA, Matos; FEITOSA, Lucinéia dos Santos. Revista Nova Escola: Legitimação DE Políticas Educacionais e representações docentes. **Revista HISTEDBR On-line**, n.31, p.183-198, set. 2008.

SILVA, Michelle Mayara Praxedes. **Revista Nova Escola e políticas públicas de educação especial**: A disseminação de um discurso. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SMOLKA, A. L. B.; GENTIL, M. S. Duas revistas, três artigos, múltiplas vozes: um estudo sobre modos de dizer e posições sociais em textos para professores. **Cadernos CEDES on-line**. vol.24, n.63, p. 193-213. 2004.

SOARES, M. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, M. (Org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, p. 31-76, 2001.

VEEN, Wim; VRAKKING, Bem. **Homo zappiens, educando na era digital**. Tradução: Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIEIRA, Marli V; CRISTOFOLETTI, Rogério. **Confiabilidade do uso da Wikipédia como fonte de pesquisa escolar**. Programa de Mestrado acadêmico em Educação (PMAE) da Univale, Itajaí, 2008.

**CORPUS DE ANÁLISE**

REVISTA NOVA ESCOLA. Professores Nota 10. São Paulo, n. 259. Ano 28. p. 50-53; jan/fev, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA. Alfabetização. São Paulo, n. 264. Ano 28. p. 46-51; 62-64 Agosto, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA. Um olhar crítico sobre o mundo. São Paulo, n. 270. Ano 29. p. 78-81; março, 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Lugares para aprender. São Paulo, n. 272. Ano 29. p. 82-84; Maio, 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. O bebê pensa e aprende. São Paulo, n. 273. Ano 29. p. 20-22; Junho/Julho, 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Isto é Brasil. São Paulo, n. 277. Ano 29. p. 80-81; Novembro, 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Vamos falar sobre ele. São Paulo, n. 279. Ano 30. p. 82; Fevereiro, 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. Tecnologia: o que levar para a aula. São Paulo, n. 280. Ano 30. Março, 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. Construtivismo na prática. São Paulo, n. 284. Ano 30. p. 63-67; Agosto, 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. Ela quer colo... e muito mais. São Paulo, n. 285. Ano 30. p. 34-36; Setembro, 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. Educadores que transformam. São Paulo, n. 287. Ano 30. p. 50-52; Novembro, 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. Inclusão: um trabalho coletivo. São Paulo, n. 298. Ano 30. p. 16-17; Dezembro/Janeiro, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Alfabetização sem guerra. São Paulo, n. 292. Ano 31. p. 58-59; Maio, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Gestão Escolar. São Paulo, n. 293. Ano 31. Agosto, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Uma escola contra a lama. São Paulo, n. 296. Ano 31. Outubro, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Desate os nós da sua cabeça. São Paulo, n. 297. Ano 31. p. 60-63; Novembro, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Inovação na Educação. São Paulo, n. 299. Ano 32. p. 26-33; Fevereiro, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. O castelo de cartas da Base. São Paulo, n. 303. Ano 32. p. 10-11; Junho/Julho, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. O aluno por trás do laudo. São Paulo, n. 305. Ano 32. Setembro, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. Base Nacional Comum Curricular. São Paulo, n. 309. Ano 32. Fevereiro, 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Como vencer a defasagem. São Paulo, n. 313. Ano 33. Junho/Julho, 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Eles acreditam. São Paulo, n. 316. Ano 33. Outubro, 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. O Brasil não paga o que eles merecem. São Paulo, n. 318. Ano 33. Dezembro/Janeiro, 2019.

REVISTA NOVA ESCOLA. Clima para aprender. São Paulo, n. 266. Ano 29. Outubro, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA. 10 desafios sobre sexo. São Paulo, n. 262. Ano 28. Maio, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA. 10 Projetos campeões. Os trabalhos do projeto Victor Civita Educador nota 10, em detalhes, para inspirar as suas aulas. São Paulo. n. 268. Ano 28. Janeiro/ Fevereiro, 2013/ 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. 300 dias para mudar sua vida. São Paulo. n. 300. Ano 32. Março, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. A fé na escola. São Paulo. n. 302. Ano 32. Maio, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. Aprenda com seu colega. São Paulo. n. 311. Ano 32. Abril, 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Arte, liberdade para criar. São Paulo, n. 281. Ano 30. Abril, 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. Aulas show de bola. São Paulo, n. 269. Ano 29. Fevereiro, 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Avaliação Processual, o raio X do ensino e da aprendizagem na sala de aula. São Paulo, n. 271. Ano 29. Abril, 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Como o cérebro aprende. São Paulo. n. 310. Ano 32. Março, 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Como vencer o ódio. São Paulo. n. 304. Ano 32. Agosto, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. Coragem, São Paulo. n. 306. Ano 32. Outubro, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. Currículo nacional e seus impactos. São Paulo, n. 275. Ano 29. Setembro, 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. De olho na formação. São Paulo, n. 290. Ano 31. Março, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Discutir sem agredir. São Paulo, n. 301. Ano 32. Abril, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. Diversidade. São Paulo. n. 317. Ano 32. Novembro, 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Do noticiário para a sala de aula. São Paulo. n. 314. Ano 32. Agosto, 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Educação Infantil. São Paulo, n. 267. Ano 29. Novembro, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA. Feminismo. São Paulo. n. 295. Ano 31. Setembro, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Há um aluno aqui. Por que não o vemos? São Paulo, n. 291. Ano 31. Abril, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Hora de firmar a parceria. São Paulo. n. 263. Ano 28. Junho/Julho, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA. Ideias valiosas de professores vencedores. São Paulo, n. 276. Ano 29. Outubro, 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Ideologia. São Paulo, n. 293. Ano 31. Junho/Julho, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Jogos: quando, como e por que usar. São Paulo, n. 260. Ano 28. Março, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA. Livro Didático, qual o peso na sua aula? São Paulo, n. 282. Ano 30. Maio, 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. O lado bom da rotina. São Paulo, n. 286. Ano 30. Outubro, 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. O mundo da escrita na pré-escola. São Paulo, n. 278. Ano 29. Dezembro/Janeiro, 2014/2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. Olimpíadas na sua aula. São Paulo, n. 289. Ano 30. Fevereiro, 2016.

REVISTA NOVA ESCOLA. Por que esperamos menos dela. São Paulo. n. 307. Ano 32. Novembro, 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. Por que preciso aprender isso. São Paulo. n. 298. Ano 31. Dezembro/ Janeiro, 2016/2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. Quem são os professores do amanhã. São Paulo. n. 312. Ano 32. Maio, 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Registro que faz refletir. São Paulo, n. 274. Ano 29. Agosto, 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Suicídio: quando o abismo engole os jovens. São Paulo. n. 315. Ano 32. Setembro, 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Todos podem ler e escrever assim. São Paulo, n. 261. Ano 28. Abril, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA. Vamos construir essa parceria. São Paulo. n. 308. Ano 32. Dezembro/ Janeiro, 2017/ 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Violência, como escrever outra história. São Paulo, n. 283. Ano 30. Junho/Julho, 2015.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A: Tabela dos seis anos de publicações (2013 a 2018) da Revista Nova Escola**

Nº	Ano	Mês	Nº da edição	Capa
1	2013	Janeiro/ Fevereiro	Nº 259	Professores nota 10
2	2013	Março	nº 260	Jogos quando, como e por que usar
3	2013	Abril	nº 261	Todos podem ler e escrever assim
4	2013	Maio	nº 262	10 desafios sobre sexo
5	2013	Junho/ Julho	nº 263	Hora de firmar a parceria
6	2013	Agosto	nº264	Alf@betização Ler e Escrever com ajuda da tecnologia
7	2013	Setembro	nº 265	A curiosidade na aula de ciências
8	2013	Outubro	nº 266	Clima para aprender
9	2013	Novembro	nº 267	Educação Infantil
10	2013 / 2014	Dezembro/ Janeiro	nº 268	10 Projetos campeões. Os trabalhos do projeto Victor Civita Educador nota 10, em detalhes, para inspirar as suas aulas
11	2014	Fevereiro	nº 269	Aulas show de bola
12	2014	Março	nº 270	Um olhar crítico sobre o mundo
13	2014	Abril	nº 271	Avaliação Processual O raio x do ensino e da aprendizagem na sala de aula
14	2014	Maio	nº 272	Lugares para aprender Experiências fora da escola transformam os conteúdos
15	2014	Junho/ Julho	nº 273	O bebê pensa e aprende: A turma da Creche surpreende quando é desafiada e tem autonomia
	2014	Agosto	nº 274	Registro que faz refletir
16	2014	Setembro	nº 275	Currículo nacional e seus impactos
17	2014	Outubro	nº 276	Ideias valiosas de professores vencedores
18	2014	Novembro	nº 277	Isto é Brasil!
19	2014/ 2015	Dezembro/ Janeiro	nº 278	O mundo da escrita na pré-escola
20	2015	Fevereiro	nº 279	Vamos falar sobre ele?
21	2015	Março	nº 280	Tecnologia: O que levar para a aula
22	2015	Abril	nº 281	Arte: Liberdade para criar
23	2015	Maio	nº 282	Livro Didático, Qual o peso na sua aula?
24	2015	Junho/ Julho	nº 283	Violência, Como escrever outra história

25	2015	Agosto	nº 284	Construtivismo na prática
26	2015	Setembro	nº 285	Ela quer colo ... e muito mais!
27	2015	Outubro	nº 286	O lado bom da rotina
28	2015	Novembro	nº 287	Educadores que transformam
29	2015/ 2016	Dezembro/ Janeiro	nº 288	Inclusão: um trabalho coletivo
30	2016	Fevereiro	nº 289	Olimpíadas na sua aula
31	2016	Março	nº 290	De olho na formação
32	2016	Abril	nº 291	Há um aluno aqui. Por que não o vemos?
33	2016	Maio	nº 292	Alfabetização sem guerra
34	2016	Junho\ Julho	nº 293	Ideologia
35	2016	Agosto	nº 294	Marcos tem microcefalia. Uma família que o escolheu. E, agora, vai à escola. Aprenda com ele sobre inclusão.
36	2016	Setembro	nº 295	Feminismo
37	2016	Outubro	nº 296	Uma escola contra a lama
38	2016	Novembro	nº 297	Desate os nós da sua cabeça
39	2016/ 2017	Dezembro/ Janeiro	nº 298	Por que preciso aprender isso?
40	2017	Fevereiro	nº 299	Inovação na Educação
41	2017	Março	nº 300	300 dias para mudar sua vida
42	2017	Abril	nº 301	Discutir sem agredir
43	2017	Maio	nº 302	A fé e a escola
44	2017	Junho/ Julho	nº 303	O castelo de cartas da Base
45	2017	Agosto	nº 304	Como vencer o ódio
46	2017	Setembro	nº 305	O aluno por trás do laudo
47	2017	Outubro	nº 306	Coragem
48	2017	Novembro	nº 307	Por que esperamos menos dela?
49	2017/ 2018	Dezembro/ Janeiro	nº 308	Vamos construir essa parceria
50	2018	Fevereiro	nº 309	Base Nacional Comum Curricular
51	2018	Março	nº 310	Como o cérebro aprende
52	2018	Abril	nº 311	Aprenda com o seu colega

53	2018	Maio	nº 312	Quem são os professores do amanhã
54	2018	Junho/ Julho	nº 313	Como vencer a defasagem
55	2018	Agosto	nº 314	Do noticiário para a sala de aula
56	2018	Setembro	nº 315	Suicídio: Quando o abismo engole os jovens
57	2018	Outubro	nº 316	Eles acreditam
58	2018	Novembro	nº 317	Diversidade
59	2018/ 2019	Dezembro/ Janeiro	nº 318	O Brasil não paga o que eles merecem

Fonte: Sistematização da autora, 2019.

APÊNDICE B: Relação das Capas da Revista *Nova Escola*.



**NOVA escola**  
ANO 29 Nº 270 MARÇO 2014 R\$ 5,00 novaescola.org.br

Grátis pôster com plano de aula sobre poesia

**Um olhar crítico sobre o mundo**

As aulas de História e Geografia ensinam as crianças a ler e interpretar a realidade

Ministério da Educação  
**FNDE**  
PNBE PERIÓDICOS 2014

Exemplar de assinante Venda proibida

**SALA DE AULA**  
LÍNGUA PORTUGUESA Extra, extra! Os pequenos fazem um jornal  
MATEMÁTICA Na feira livre, uma aula sobre medidas  
CIÊNCIAS Ninguém mais tem medo de tomar vacina  
EDUCAÇÃO FÍSICA Alunos de EJA colocam o corpo para mexer  
EDUCAÇÃO INFANTIL O que contam as ilustrações dos livros  
LÍNGUA ESTRANGEIRA Gibis em espanhol feitos pela turma  
ARTE Jovens soltam a imaginação com a técnica de estêncil

**Entrevista**  
Beatriz de Paula Souza explica por que dislexia é uma doença inventada

**NOVA escola**  
ANO 29 Nº 272 MAIO 2014 R\$ 5,00 novaescola.org.br

Grátis pôster com plano de aula sobre o mundo!

**Lugares para aprender**

Experiências fora da escola transformam os conteúdos

**Formação**  
Professores contam o que aprenderam com seus alunos

**Carreira**  
Histórias de gente que mudou de profissão para ensinar

**Artigo**  
César Coll: a tecnologia e a nova ecologia da aprendizagem

**SALA DE AULA**  
LÍNGUA PORTUGUESA Ensine os pequenos a tomar notas  
CIÊNCIAS Mergulhando no ecossistema de um aquário  
MATEMÁTICA Nos anos iniciais se aprende porcentagem  
LÍNGUA ESTRANGEIRA A turma sabe falar em inglês, sim!  
EDUCAÇÃO INFANTIL Todo mundo escreve o próprio nome  
HISTÓRIA Fatos atuais também fazem parte das aulas  
EDUCAÇÃO FÍSICA Jogar basquete é mais que bola na cesta  
ARTE Livro de artista traz o percurso criativo de cada aluno  
GEOGRAFIA Os meios de comunicação e a sociedade

**NOVA** **escola**

ANO 29 Nº 273 JUNHO/JULHO 2014 R\$5,00 novaescola.org.br

**O bebê pensa e aprende**

A turma da creche surpreende quando é desafiada e tem autonomia

**Alfabetização**  
Como responder às dúvidas dos pais

**Artigo**  
Alcides José Scaglia: as tendências da Pedagogia do esporte

**SALA DE AULA**  
**CIÊNCIAS** O fim dos mitos sobre Aids entre os adultos  
**GEOGRAFIA** Ensine as convenções cartográficas  
**MATEMÁTICA** Aprender geometria no computador  
**HISTÓRIA** Índios de ontem e de hoje: sem estereótipos  
**ARTE** A classe vai entrar no samba e até improvisar  
**EDUCAÇÃO FÍSICA** A malhação e o estudo dos músculos  
**LÍNGUA ESTRANGEIRA** Atividades com dicionários  
**LÍNGUA PORTUGUESA** Contos baseados em fotografias

Joaquim Motta da Silva, 10 meses, do Colégio Acadêmico Florence, em Florianópolis

Gratuito  
Pôster com o vídeo sobre o vírus da Aids

**NOVA** **escola**

ANO 29 Nº 277 NOVEMBRO 2014 R\$ 5,00 novaescola.org.br

**Isto é Brasil!**

A diversidade étnico-racial do país motiva professores e escolas a resgatar a contribuição negra na nossa cultura

**Entrevista**  
Para Diana Grunfeld, o alfabetizador deve se basear no saber das crianças

**Gestão de sucesso**  
Escolas em bairros pobres com Ideb acima de 6. Saiba a receita

**SALA DE AULA**  
**CIÊNCIAS** Investigue o crescimento da massa do pão  
**GEOGRAFIA** Mobilidade urbana no centro do debate  
**MATEMÁTICA** Hora de falar de Educação financeira  
**HISTÓRIA** Pesquisa do passado em casa e na escola

**EDUCAÇÃO INFANTIL** Formas de registrar números  
**ARTE** A turma vai descobrir qual a cor da cor da pele  
**EDUCAÇÃO FÍSICA** Saltos em distância e em altura  
**LÍNGUA ESTRANGEIRA** Aventura na selva em inglês  
**LÍNGUA PORTUGUESA** Todos podem escrever poesia

Gratuito  
Pôster e plano de aula para Língua Estrangeira



**nova escola**  
ANO 30 Nº 284 AGOSTO 2015 R\$ 6,00 novaescola.org.br

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA

INCLUI gestão escolar



Valentina Martins, 7 anos, e a professora Larissa Gomes, de Mundo Novo (BA)

## Construtivismo na prática

Os mitos que cercam essa concepção e o que você e seus alunos podem ganhar com ela

**MATEMÁTICA**  
Entrevista com Constance Kamii

**CRECHE**  
O poder do faz de conta

**TECNOLOGIA**  
Celular ganha status de aliado

Exemplar de assinatura  
Venda proibida

**nova escola**  
ANO 30 Nº 285 SETEMBRO 2015 R\$ 6,00 novaescola.org.br

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA

## Ela quer colo... e muito mais!

Sono, alimentação e higiene são momentos valiosos que merecem atenção e planejamento

**PAULO FREIRE**  
Como ele pode inspirar você hoje

**GAMES**  
Jogos virtuais vão à quadra

**GESTÃO**  
A família em vários formatos



Laura Brandão Correia, 1 ano e 1 mês, frequenta o CEI Paulino Eva, em São Paulo

Exemplar de assinatura  
Venda proibida



**nova escola**  
ANO 31 Nº 292 MAIO 2016 novaescola.org.br



# Alfabetização sem guerra

Os métodos rígidos fracassaram. Saiba o que realmente funciona para ensinar a ler e a escrever

**gestão escolar**  
EU, TU, LIVROS  
Sua escola vai virar um polo de leitura

**FACEBOOK FÁCIL**  
Dicas práticas para a fanpage institucional

Exemplar de assinatura  
Venda proibida

**nova escola**  
ANO 31 Nº 294 AGOSTO 2016 novaescola.org.br

Marcos tem microcefalia.  
Uma família que o escolheu.  
E, agora, vai à escola.  
Aprenda com ele sobre inclusão.



**gestão escolar**  
INCLUI A REVISTA

**NÃO À HOMOFOBIA**  
Como uma escola venceu a discriminação sexual

**NÃO À VIOLÊNCIA**  
Dicas contra agressões em todos os ambientes

Exemplar de assinatura  
Venda proibida



**nova escola**  
ANO 32 Nº 299 FEVEREIRO 2017 [novaescola.org.br](http://novaescola.org.br)

INCLUI A REVISTA **gestão escolar**

DESIGN THINKING

CULTURA MAKER

APRENDIZAGEM MÓVEL

**Inovação na Educação**

Como usar as novidades mais promissoras em sua aula

PC B-L

Aprendizagem baseada em PROBLEMAS

SALA da AULA INVERTIDA

GAMIFICAÇÃO

ANO NOVO, PPP NOVO  
Um guia completo para atualizar o projeto político pedagógico da escola

**nova escola**  
ANO 32 Nº 303 JUNHO/JULHO 2017 [novaescola.org.br](http://novaescola.org.br)

INCLUI A REVISTA **gestão escolar**

**O castelo de cartas da Base**

A delicada construção coletiva que sobreviveu ao vendaval de dois presidentes

**SOCIOEMOCIONAIS**  
Como incorporar as emoções ao currículo de todas as disciplinas

**DEPRESSÃO**  
Mobilize a escola para combater esse inimigo invisível





EDIÇÃO ESPECIAL

**nova escola**

ANO 33 Nº 314 OUTUBRO 2018 R\$ 15,00

PRÊMIO EDUCADOR NOTA 10

**ELES ACREDITAM**

Os dez vencedores do maior prêmio de Educação do país têm em comum a crença no aluno, na comunidade e na escola pública

ANO 22  
Nº 238  
DEZEMBRO 2006/  
JANUÁRIO 2007  
R\$ 11,00

**nova  
escola**

novaescola.org.br

Pagamos para trabalhar

Estamos endividados

**O BRASIL  
NÃO PAGA O  
QUE ELES  
MERECEM**

Nossos contratos são ruins

Fazemos trabalho extra para sobreviver

Somos professores e queremos respeito

A professora  
Marcelo, do  
Rio de Janeiro,  
recebe o 13º  
salário apenas  
para pagar  
as contas.

CIP – Catalogação na Publicação

---

- P439d Pergher, Crislaine Eduarda  
O discurso da revista Nova Escola em contextos educativos [recurso eletrônico] : prescrições acerca das tecnologias digitais / Crislaine Eduarda Pergher. – 2020. 2.7 MB ; PDF.
- Orientadora: Profa. Dra. Flávia Eloisa Caimi.  
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2020.
1. Educação – Efeito das inovações tecnológicas.  
2. Tecnologia educacional. 3. Nova Escola (Revista) – Análise do discurso. I. Caimi, Flávia Eloisa, orientadora.  
II. Título.

CDU: 371.3:004

---

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira - CRB 10/2427